DANILO SERGIO IDE

**Perambulações no bairro da Liberdade:
Passeios ao vivo e em vídeo com moradores locais**

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social
Orientador: Prof. Dr. Arley Andriolo

São Paulo

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Ide, Danilo Sergio.

Perambulações no bairro da Liberdade: passeios ao vivo e em vídeo com moradores locais / Danilo Sergio Ide; orientador Arley Andriolo. -- São Paulo, 2014.

198 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia ambiental 2. Métodos visuais 3. Percepção 4. Paisagem 5. Vídeo I. Título.

BF353

IDE, D. S. *Perambulações no bairro da Liberdade: passeios ao vivo e em vídeo com moradores locais*. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia (Área de concentração: Psicologia Social).

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*À minha esposa Carol,
que me namora tão bem,
comemora tudo comigo
e mora dentro de mim*

AGRADECIMENTOS

Esses quatro anos de doutorado foram marcados por percursos, encontros e eventos significativos.

Na Liberdade, percorri associações, condomínios, igrejas, imobiliárias, jornais, livrarias, mercearias, restaurantes, etc. e sempre contei com a boa acolhida das pessoas que trabalham no bairro. Os sete moradores com quem passei no bairro também acolheram generosamente o projeto. Pegamos sol e chuva, subimos e descemos ruas, batemos perna para lá e para cá, enfrentamos calçadas apinhadas de gente. Apesar de todo esse trabalho, sempre se dispuseram a conversar.

Na Vila Madalena, no Instituto Fonte, junto com Arley, Arnaldo, Eliane, Fernando, Flora, Gu, Lígia e Lúcia, enveredei na leitura do *Fausto I*, de Goethe. O grupo se reuniu durante dois anos em animados encontros.

Percorri o Brasil em viagens para Belém, Recife, Botucatu e Florianópolis, onde tive a oportunidade de discutir meu trabalho e conhecer as pesquisas de outros colegas durante eventos da Associação Brasileira de Psicologia Social e da Sociedade Brasileira de Psicologia.

Cheguei até a percorrer o exterior, em minhas peripécias turísticas pela Finlândia e Estônia. Mas em alguns momentos, não precisei viajar para tão longe, pois o exterior também chegava ao Brasil, como nas visitas de três professores estrangeiros à USP. Tive o privilégio de apresentar o meu trabalho e ouvir as considerações de Allan Kaplan, da África do Sul, Jacques Ibañez-Bueno, da França, e Paulo Renato Jesus, de Portugal.

Na USP, certamente não faltaram perambulações.

No Museu de Arqueologia e Etnologia, cursei a disciplina do professor José Roberto Pellini, que me permitiu compreender melhor o trabalho de Chris Tilley e o estudo da paisagem na arqueologia.

No Laboratório de Imagem e Som em Antropologia, cursei a disciplina da professora Rose Satiko Gitirana Hikiji, que me abriu aos debates na antropologia visual.

No Instituto de Psicologia, cursei disciplinas dos professores Lineu, Gustavo e Sandra, que me apresentaram tópicos importantes no estudo da imagem e no campo da psicologia socioambiental.

Corri em diversos momentos até a Secretaria do Departamento de Psicologia Social. Lá contava com a gentil disposição de Rosangela e Nalva, atentas às minhas dúvidas sobre auxílios, prazos, qualificação e defesa.

No Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte, conheci as novas ideias e os projetos tão diversos de meus colegas Ricardo, Marcelo, Maíra, Lígia, Eliane, Daniel, Cérise e Cecília.

No exame de qualificação, contei com a participação dos professores Júlio Suzuki e Michiko Okano, que me apontaram caminhos e referências importantes num momento em que o trabalho precisava renovar o fôlego.

No doutorado, tive a oportunidade de reencontrar com o Arley, que fora meu colega na época do mestrado. Esse reencontro foi decisivo para a formação da tese. Arley foi um leitor muito atento, capaz de apontar direções insuspeitas por mim ou então retomar o valor de ideias que fraquejaram com o tempo em função de minha empolgação com uma referência nova. Durante esse caminho todo que percorremos juntos, em reuniões no laboratório, idas a congresso, estágios em docência, encontrei tanto um modelo na pesquisa com na docência. Na academia, é bem comum a comparação entre o orientador e a figura paterna. Bom, tenho Arley não apenas como um pai, mas também como um irmão mais velho. A sabedoria admirável de um pai e a parceria descontraída de um irmão mais velho.

Em quatro anos, laços mais antigos também se reforçaram. Minha irmã me proporcionou um cantinho para manter meu ritmo de escrita. Meu irmão me deu tranquilidade para seguir na vida acadêmica. Meus pais foram muito amorosos e cuidadosos. No último mês de escrita, até marmita se preocuparam em levar para mim. Assim não precisava me preocupar em cozinhar.

Mas não fui apenas filho. Eu e meus amigos começamos a formar nossas próprias famílias. Agora minha turma cresceu com a chegada das pequenas Laura e Laís e do pequeno Felipe. Além do sorriso no rosto dos papais e mamães Brunão e Rê, Gui e Kate, Clau e Bruno, houve também outro sorriso. Minha família, meus amigos de colégio e faculdade e meus padrinhos, Luís, Brunão, João, Tchelão, Rafa e Toti, todos eles viram a minha emoção quando casei com Carol, ela que me cuida bem de pertinho. Só ela me viu pequeno, nos momentos em que receei não dar conta do doutorado. E ainda bem que ela estava lá para me abraçar forte.

Esses foram quatro anos felizes na companhia de todas essas pessoas. A escolha da primeira pessoa do plural ao longo da tese é um modo de trazer todos para o corpo do texto. Minhas perambulações no bairro da Liberdade nunca foram solitárias. Sempre estive na companhia dessas pessoas notáveis. Andei com tranquilidade e segurança porque podia contar com todos esses zelosos anjos da guarda. Muito obrigado a todos! E obrigado também à CAPES, que me ofereceu o auxílio financeiro para realizar o doutorado.

RESUMO

IDE, D. S. *Perambulações no bairro da Liberdade: passeios ao vivo e em vídeo com moradores locais*. 2014. 198 p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

O bairro da Liberdade se organiza como polo comercial e turístico desde a década de 1970 por iniciativa de comerciantes locais junto à Prefeitura. Dois marcos importantes dessa iniciativa foram a instituição da Liberdade como Bairro Oriental e a inauguração de uma decoração oriental, que desde então caracteriza o bairro. Essa guinada se refletiu também nos estudos sobre a Liberdade, que se concentram mais nos traços orientais e nos aspectos comerciais e turísticos da vida local. Em busca de novas abordagens sobre o bairro, voltamos para o cotidiano dos moradores. Estávamos interessados em saber o que os moradores destacariam na paisagem local, já que ela não guarda apenas traços orientais, como também vestígios de movimentos de outras comunidades pelo bairro. Entretanto, durante o processo de pesquisa, um objetivo teórico-metodológico ganhou corpo no trabalho: explorar a possibilidade de conhecer o bairro da Liberdade por meio da caminhada e do vídeo. Convidamos então alguns moradores para que nos acompanhassem em passeios e apresentassem os seus pontos de referência no bairro da Liberdade. Para o registro desses passeios, utilizamos uma câmera de vídeo, ora conduzida pelos moradores, ora pelo pesquisador. Este trabalho se desenvolveu então em duas frentes: a experiência que se deu ao vivo no bairro da Liberdade e a experiência que se deu depois a partir da revisão do vídeo. As duas experiências não deram conta de um bairro vistoso, que agrada a vista. Nos passeios ao vivo, ao invés do ver, os participantes realçaram as esferas do comer e do andar. Nos passeios em vídeo, ao invés de uma revisão confortável, tivemos que lidar com um enquadramento instável, que causava vertigem durante a recepção. Os dois passeios nos conduziram a uma compreensão da paisagem viva de um bairro em constante movimento. Cabe ainda destacar a contribuição teórico-metodológica do trabalho pelo desenvolvimento de um método visual de investigação do espaço social baseado em passeios filmados na companhia dos participantes.

Palavras-chave: psicologia ambiental; métodos visuais; percepção; paisagem; vídeo.

ABSTRACT

IDE, D. S. *Wandering in Liberdade Neighborhood: live and video walks with local dwellers*. 2014. 198 p. Thesis (Doctorate) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

Liberdade Neighborhood was set as a center of shopping and tourist activities since the 1970s by joint efforts of local shop owners and city hall. Two major achievements from this cooperation were the creation of the Oriental District and the opening of an oriental décor which ever since distinguishes the neighborhood. This shift has also affected the studies of Liberdade Neighborhood, which focus further on the oriental features and the shopping and tourist aspects of local life. Looking for new approaches, we focus on the daily life of dwellers. We wondered what they would highlight in the local landscape, for it keeps not only oriental features, but also traces of movements from others communities around the neighborhood. Nonetheless, during the research process, a theoretical and methodological aim arose in our work: exploring the possibilities of knowing Liberdade Neighborhood through walking and video. We invited some dwellers to join us in walks and show us their landmarks in Liberdade. These walks were recorded with a camcorder. Some of them were recorded by the dwellers, others by the researcher. This work was then developed on two fronts: the experience which happened *live* at Liberdade; the experience which happened later while watching the videos. Both experiences did not feature a flashy neighborhood, which pleases our eyes. In our *live* walks, instead of looking, our participants stood out the domains of eating and of walking. In our *video* walks, instead of watching comfortably, we had to deal with an unsteady framing, which induced motion sickness during reception. Both walks led us to an understanding of the living landscape of a neighborhood constantly moving. It should also be noted the theoretical and methodological contribution of this work by developing a visual method to study the social space based on video walks alongside the participants.

Keywords: environmental psychology; visual methods; perception; landscape; video.

SUMÁRIO

PREPARAR

- 1) Origem: Abe & Ide 9
- 2) Seguindo a paisagem do bairro 11
- 3) Circunscrevendo o fenômeno 15
- 4) Imagens 22

CAMINHAR

- 1) Idas e vindas ao campo 26
- 2) Passeios com os moradores 35

VER

- Visão de dentro e de fora 47

FILMAR

- Fora de quadro e campo 66

OUVIR

- Sondar o movimento 73

PONDERAR

- Entre passeios ao vivo e passeios em vídeo 87

REFERÊNCIAS

- Bibliografia 93
- Filmografia 97

ANEXOS

100

PREPARAR

1) Origem: Abe & Ide

Abe e Ide são os nomes de família da minha mãe e do meu pai. Apenas três letras na composição de cada nome. Uma combinação curiosa para um garoto que mal lhes reconhecia a origem japonesa.

Abe por pouco não forma abecê. Mas foi justamente o meu avô materno, Shinzo Abe, quem me iniciou no beabá japonês. Ele abriu meus olhos ao desenho das sílabas do *hiragana* e do *katakana*. Por ocupar esse papel iniciador ele foi o primeiro dos japoneses para mim. No meu pequeno entendimento, o Japão e todas as palavras japonesas se originavam dele.

Ide sempre me veio como um fascinante enigma. Na escola me deparei com uma primeira resposta, que surgia como imperativo: ide vós! Mais tarde no colegial topei com uma nova resposta, expressa como termo psicanalítico: id. Foi atrás desse sentido que me lancei então na faculdade, no curso de psicologia. Após a graduação e o mestrado, rascunhei um projeto de doutorado alemão, que tratava de psicanálise e tradução, particularmente a recepção na Alemanha dos debates sobre a tradução dos textos de Freud. Enviei cartas para alguns professores alemães, apresentando minha candidatura para o doutorado. Consegui somente a atenção de um professor envolvido na tradução chinesa de Freud, mas, como ele estava apenas associado a um instituto de pesquisa, faltava-lhe um vínculo universitário. Diante desses contratempos, abandonei esse projeto incerto. Id não era apenas uma tradução controversa do *Es* freudiano, como também não servia na tradução de Ide.

Essa constatação ocorreu às vésperas de 2008, ano em que foi comemorado o centenário da imigração japonesa no Brasil. Embalado pelo clima festivo então corrente na colônia japonesa, troquei rapidamente os textos de psicanálise e tradução pelos livros contando a história de imigrantes japoneses no Brasil. Em minhas leituras, estranhava a menção à Rua Conde de Sarzedas, um dos primeiros pontos de concentração japonesa na

cidade de São Paulo. Até então, nos passeios que fizera com minha mãe pelo bairro da Liberdade, nunca havia avistado placa com tal nome.

Encucado, depois de ler tantas vezes o nome Conde de Sarzedas, decidi explorar os limites do antigo reduto japonês no bairro da Liberdade. Inculcada pela nobreza do título, minha imaginação dava conta de um condado, talvez mais modesto nos dias atuais, que em alguma medida preservava traços japoneses. Mas, diferente de minhas leituras e da minha imaginação, a descida pela Conde de Sarzedas não me aproximou do passado japonês. Quanto mais descia a rua, tanto mais ficava claro que não encontraria qualquer vestígio da passagem japonesa por lá. Os outros pedestres na rua viam de cara que alguma coisa estava fora de lugar. “A sua Liberdade está lá para cima”, era a frase que estava no ar.

Resolvi então voltar pela Rua dos Estudantes, mas o descabimento só aumentou. Ao menos a Conde de Sarzedas é uma rua comercial. Assim, por mais estranha que fosse minha presença, alguém poderia se contentar com a ideia de que eu estava lá por algum serviço, por alguma compra. Mas naquele trecho da Rua dos Estudantes o único motivo de minha presença seria o de visitar alguém. Como os japoneses já não moravam mais por lá, quem poderia ser? “Definitivamente esse japonês está perdido”, era a única conclusão possível. A sensação de ser um completo estrangeiro causava-me desconforto e a desolação naquelas bandas do bairro da Liberdade também me deixava com um receio, sempre me cutucando a nuca, de que seria assaltado em breve. Quanto mais subia a Rua dos Estudantes, mais me convencia do descompasso de minha excursão.

Entretanto, ao cruzar a Rua Conselheiro Furtado, dei com uma vista que me recompôs. A subida pela Rua dos Estudantes me devolveu aos famosos postes vermelhos de iluminação do bairro da Liberdade. Também era possível avistar cada vez mais letreiros orientais estampando a fachada das lojas. Parecia um sinal de que ali no bairro os traços estrangeiros ganhavam todo o direito de existir. Mesmo que não pudesse entendê-los, sequer distinguir se

eram japoneses ou chineses, também me sentia com mais direito de estar ali. Aqueles traços eram endereçados a olhos como os meus. Foi a primeira vez que me vi em paz com minha herança japonesa. Abe e Ide já não precisavam mais de qualquer tradução para fazer sentido dentro de mim.

2) Seguindo a paisagem do bairro

Foi essa visita ao bairro da Liberdade e, particularmente, essa vista reconciliadora proporcionada pelos postes vermelhos de iluminação e pelos letreiros orientais que me despertaram a curiosidade sobre a paisagem do bairro, que ainda conta com outros ornamentos orientais, com destaque para a calçada decorada com um tipo especial de piso, o portal vermelho na entrada do Viaduto Cidade de Osaka na Rua Galvão Bueno e o jardim localizado na outra extremidade do mesmo viaduto.

Essa decoração fazia parte de um projeto de revitalização do bairro e foi inaugurada no dia 9 de novembro de 1974, com uma festa para celebrar o título oficial de “Bairro Oriental” recebido pela Liberdade. Eram esforços da Associação dos Lojistas da Liberdade (atual ACAL – Associação Cultural e Assistencial da Liberdade) junto à Secretaria Municipal de Turismo para dar novo ânimo a um bairro cuja ordem fora alterada com a construção da Avenida Radial Leste-Oeste e das estações São Joaquim e Liberdade do Metrô. Essas obras, que se estenderam por alguns anos (as obras da Radial no trecho do bairro da Liberdade foram iniciadas no ano de 1968 e a circulação de carros foi liberada em 1972; já as do Metrô São Joaquim e Liberdade, em 1971 e a circulação de passageiros, em 1975), interditaram ruas, forçaram alguns estabelecimentos a mudarem de endereço (caso do Cine Niterói, cinema de referência para a colônia japonesa, transferido da Rua Galvão Bueno para a esquina da Avenida da Liberdade com a Rua Barão de Iguape) e resultaram em alterações significativas da paisagem local (a área verde que cobria a Praça da Liberdade deu lugar às instalações da

estação de metrô; o bairro foi dividido ao meio e quatro estruturas surgiram então para ligar as regiões cortadas pela Radial, os viadutos Guilherme de Almeida na Avenida da Liberdade, Cidade de Osaka na Rua Galvão Bueno, Mie Ken na Rua da Glória e Shuhei Uetsuka na Rua Conselheiro Furtado).

A escolha do termo “oriental” para designar o bairro acompanhava as recentes mudanças ocorridas na Liberdade. Quando se pensava no bairro, já não era mais suficiente a ideia até então vigente de um reduto de japoneses e uma nova percepção se formava, especialmente com a chegada de taiwaneses e coreanos a partir da década de 1960. Essas mudanças se refletiram até mesmo na composição da comissão formada no ano de 1969 para discutir o projeto de revitalização. O livro *Liberdade* (Guimarães, 1979, p. 91), integrante da série “História dos bairros de São Paulo”, organizada pelo Arquivo Histórico de São Paulo, traz a informação de que a comissão foi composta por representantes das várias colônias orientais então radicadas no bairro: japoneses, chineses, coreanos e inclusive vietnamitas.

A variedade étnica, porém, não correspondia a uma variedade na representação visual do bairro da Liberdade. Nos principais atrativos da decoração oriental instalada na década de 1970, predominam modelos japoneses. O jardim da Rua Galvão Bueno recebe o título em português de Jardim Oriental, mas deixa transparecer a sua influência japonesa na própria escolha dos ideogramas dispostos na fachada para denominá-lo, 日本庭園, cuja tradução é jardim japonês e não jardim oriental. O portal vermelho reproduz o *torii*, disposto tradicionalmente no Japão na entrada de templos xintoístas. O brasão *mitsudomoe*, que decora o piso das calçadas, apresenta remissões diversas, porém todas concernentes ao Japão, como a divindade Hachiman, a proteção de templos xintoístas ou os samurais. As lanternas brancas em realce nos postes vermelhos de iluminação remetem às lanternas japonesas *chouchin*, feitas de vime e papel; elas recebem ainda outra denominação, *suzurantou*, que pode ser

entendida como uma referência ao lírio-do-vale (*suzuran* em japonês), flor tomada como símbolo da província de Hokkaido no Japão (cf. imagens, p. 23).

É preciso notar que o viés japonês nem sempre vigorou na comissão. O livro *Liberdade* destaca ainda a figura do autor do projeto de revitalização, o jornalista Randolph Marques Lobato, cuja ideia inicial era transformar o bairro numa atração turística nos moldes da *Chinatown* de São Francisco e de Nova York. Mas as referências visuais chinesas se perderam com a decoração japonesa finalmente adotada. Apenas na década de 1980 o bairro ganhou um significativo marco visual chinês e ainda assim numa iniciativa desvinculada ao projeto de revitalização. Sabemos por artigo de Rafael Shoji (2004) que a inauguração do templo budista chinês Kwan Yin (também grafado por Kuan Yin ou Quan Inn, dependendo da fonte) na Rua Conselheiro Furtado ocorreu no ano de 1984 (posteriormente seria construído outro templo, ainda maior, no bairro do Grajaú). O templo apresenta em sua fachada o *paifang* ou *pailou*, portal tipicamente chinês, cujo padrão é adotado, por exemplo, na *Chinatown* de São Francisco. Diferente do portal japonês *torii*, o portal chinês *paifang* apresenta na parte superior vigas cobertas por telhas. Além disso, o topo do *torii* é formado por duas vigas emparelhadas ao passo que o topo do *paifang* apresenta duas vigas laterais e uma viga central mais elevada (cf. imagens, p. 24). Ambos diferem também em relação ao sentido. O *torii* se apresenta em templos e estabelece a separação entre o espaço sagrado e o profano. Já o *paifang* não se restringe aos domínios religiosos, servindo, por exemplo, de marco na entrada de cidades. Curiosamente, no bairro da Liberdade, o *paifang* foi adotado num templo e o *torii* não está associado a um espaço sagrado, servindo de divisa para o trecho capital do Bairro Oriental, entre o Viaduto Cidade de Osaka e a Praça da Liberdade.

Recentemente, a paisagem do bairro sofreu novas e significativas alterações. No ano de 2007, entrou em vigor a “Lei Cidade Limpa”, como se denominou a lei de nº 14.223 de 26 de setembro de 2006, que regulamentava a disposição dos elementos que compõem a

paisagem urbana, tais como anúncios, pôsteres e cartazes colocados nas fachadas dos estabelecimentos. Num esforço de adequação à lei, os tradicionais letreiros com caracteres orientais, que até então constituíam um dos traços distintivos da decoração temática do bairro, tiveram que ser diminuídos ou retirados da frente das lojas.

No ano seguinte, surgiu um novo projeto de revitalização da Liberdade, numa tentativa de responder às transformações ocorridas por força da lei “Cidade Limpa”. A primeira fase do projeto compreendeu a reforma da Praça da Liberdade e a remodelação da fachada da agência do Bradesco localizada nas imediações da praça. O projeto ainda prevê a reforma de calçadas, fachadas, viadutos, praças e até mesmo a criação de algumas marcas distintivas chinesas e coreanas. De acordo com matéria da editoria Metrópolis do *Estado de São Paulo* (2008, 30 de abril), o Viaduto Shuhei Uetsuka remeteria aos chineses e o Viaduto Guilherme de Almeida, aos coreanos.

Isso poderia até servir para compensar o privilégio anteriormente dado aos motivos japoneses na decoração do bairro da Liberdade. Mas o novo projeto de revitalização conserva o mesmo padrão oriental enviesado, observado no anterior da década de 1970. A manutenção do viés japonês na caracterização oriental do bairro fica evidente na opção de lançá-lo por ocasião do centenário da imigração japonesa no Brasil, no nome dado ao projeto, “Caminho do Imperador”, em referência ao trajeto percorrido pelo imperador japonês Akihito quando visitou o bairro em 1997, e mesmo na reforma da fachada do banco Bradesco, cuja inspiração foi o Castelo de Osaka (cf. imagens, p. 25).

Nesses quatro momentos destacados – a construção da Radial e do Metrô, a instalação da decoração oriental na década de 1970, a redistribuição dos letreiros com a lei “Cidade Limpa” e a reforma da Praça da Liberdade com o projeto “Caminho do Imperador” – percebemos algo pouco considerado ao longo do processo de transformação da paisagem do bairro. Se recapitularmos o sentido de cada uma das alterações paisagísticas, podemos dizer

que a primeira foi pensada para o desenvolvimento da rede de transporte da cidade; a segunda, para a formação de um polo de comércio e turismo com temática oriental; a terceira, para combater a poluição visual dos estabelecimentos comerciais; a quarta, para a renovação do polo turístico oriental. Nenhuma delas se pauta pela ideia de um bairro que serve de morada para o homem. Ou está no meio do caminho, no trânsito da Radial, na viagem do Metrô, ou é o destino de compras e turismo. A permanência, o assentamento no bairro, a vida local dos moradores não são levados em consideração.

A constatação de traços da Liberdade ainda desconsiderados enseja uma nova abordagem sobre o bairro, desta vez a partir de seus moradores. A opção de colocá-los no centro de nossa pesquisa marca uma busca por outros modos de compreensão do bairro, para conferir o que há além de seu apelo comercial e turístico, centrado na imagem de um reduto oriental, ocupado por japoneses, chineses e coreanos.

3) Circunscrevendo o fenômeno

Hoje essa imagem de reduto oriental merece uma revisão. É interessante pensarmos que comerciantes coreanos atualmente se concentram no Bom Retiro. O bairro sedia também um importante colégio da comunidade, o Colégio Polilogos. No ano de 2010, o Bom Retiro foi instituído pela Câmara Municipal de São Paulo como “Polo Cultural das Tradições Coreanas”. Podemos ver nesse deslocamento para o Bom Retiro a busca de um espaço próprio, algo talvez não encontrado na Liberdade.

A colônia chinesa ainda mantém sua presença na Liberdade. Lá encontramos uma variedade de restaurantes, igrejas, jornais e associações culturais chinesas. Entretanto a colônia chinesa já não se concentra exclusivamente na Liberdade. Hoje muitos chineses se estabelecem comercialmente na região da Rua 25 de Março. Essa presença se reflete inclusive no currículo do Colégio do Mosteiro de São Bento, que a partir da 2ª série do curso integral

inclui aulas de chinês e a partir da 4ª série, harpa chinesa. Segundo matéria da editoria Cidade do *Jornal da Tarde* (2009, 10 de dezembro), os filhos de imigrantes chineses que trabalham na região representavam 26% dos alunos matriculados no colégio em 2009.

Notamos a existência de outros bairros em São Paulo que configuram espaços de referência para coreanos e chineses. Para essas colônias, o bairro da Liberdade não concentra mais esse papel referencial. E mesmo para os japoneses, a situação da colônia no bairro tem mudado desde a década de 1980, com o início do movimento *dekassegui*, quando os filhos e netos de imigrantes japoneses deixaram o Brasil em busca de enriquecimento nas linhas de montagem do Japão, rompendo a linha de sucessão de muitas lojas japonesas do bairro da Liberdade. Dada a falta de sucessores na família, os comerciantes japoneses viram-se então obrigados a passar seus pontos, em muitos casos adquiridos por chineses.

Essa troca de direção dos estabelecimentos comerciais no bairro da Liberdade foi tratada pelo pesquisador japonês Sachio Negawa em sua dissertação de mestrado baseada em entrevistas com comerciantes locais. O autor conta que “imagens japonesas” (Negawa, 2000, p. 15) que evocavam a tradição, a estética, a paisagem do Japão, usadas pelos comerciantes japoneses por conta da nostalgia pela terra natal, foram mantidas pelos novos proprietários. Essa curiosa opção de manter as características japonesas das lojas, ao invés de abrir comércios chineses, caracteriza o processo denominado pelo autor como teatralização. Negawa (2000, p. 16) dá o exemplo do *Sogo Plaza Shopping*, na Rua Galvão Bueno. Embora seus donos sejam taiwaneses, o shopping adota o nome *Sogô* de uma rede de lojas de departamento do Japão; seus andares têm nomes de cidades japonesas, Tokyo, Narita, Kyoto, Osaka e Nagano; suas paredes são decoradas com cartazes e painéis com temas japoneses.

Antes de tomarmos esse fenômeno como um evento isolado do bairro da Liberdade, vale a pena recuperarmos um caso ocorrido em Portugal, no ano de 2006, quando a Autoridade para a Segurança Alimentar e Económica (ASAE) fechou catorze de centro e

trinta restaurantes chineses inspecionados. Conforme matéria do jornal português *Diário de Notícias* (2008, 18 de maio), depois da ação da ASAE, os estabelecimentos chineses passaram a ser mal vistos e tiveram sua clientela diminuída. Para atraí-la novamente, a solução encontrada por muitos proprietários foi a guinada para a culinária japonesa. Quem teve as portas fechadas, reabriu em outro ponto como restaurante japonês, quem conseguiu manter o ponto, optou por reformular a decoração e o cardápio. Alguns se especializaram em *sushi* e *sashimi*, outros passaram a servir pratos japoneses ao lado dos antigos pratos chineses. Em Portugal, assim como no bairro da Liberdade, tivemos uma apropriação inventiva de imagens japonesas por parte dos donos chineses.

A matéria do diário português se encerra com a posição assumida pela Associação de Amizade Portugal-Japão, que avalia essa prática como uma tentativa de lograr o consumidor. Parece uma avaliação demasiado rigorosa, considerando que ela não é mantida secretamente no interior da colônia chinesa. No episódio português, como vimos, a iniciativa de adotar imagens japonesas praticada por comerciantes chineses estampava tranquilamente as páginas dos jornais. No caso da Liberdade, já foi também objeto de reportagem, publicada na editoria Cotidiano da *Folha de São Paulo* (2008, 25 de janeiro). Nela, somos apresentados a alguns empreendimentos chineses que recorrem a referências japonesas em suas fachadas, como, por exemplo, o restaurante Itiriki (“proprietário taiwanês, nome japonês e cardápio coreano, chinês e japonês”) e o mercado Marukai (“dono chinês, nome japonês e produtos de origem asiática”).

Essa reportagem contou com a participação do pesquisador japonês Koichi Mori. Em outra entrevista (Manfrinatto, 2008), dada por ocasião do centenário da imigração japonesa, Mori trata diretamente das manifestações culturais mantidas pela colônia japonesa no Brasil. Nesse caso, o autor apresenta reservas para eventuais aproximações entre as tradições japonesas cultivadas aqui no Brasil e lá no Japão: “A cultura japonesa deslocada não

configura cultura japonesa” (Manfrinatto, 2008). Em sua avaliação, pesam a incorporação de tradições brasileiras e a mistura de elementos de distintas regiões do Japão.

Aqui é preciso também notar que esse tipo de miscigenação não ocorre isoladamente na colônia japonesa de São Paulo, mas também no contexto do turismo étnico. Entre outras formas de apropriação cultural pelo turismo, destacamos dois casos: nas festas tradicionais italianas do sul de Santa Catarina, organizadas por descendentes de imigrantes do Vêneto, região nordeste da Itália, é apresentada a tarantela, dança originária do sul da Itália (Savoldi, 2006, p. 101); no artesanato pataxó na Bahia há alguns artigos voltados exclusivamente ao consumo turístico que recebem influência “branca”, como o caso dos brincos encomendados na Europa, adaptados a um formato mais palatável ao gosto europeu (Grünwald, 2006, p. 137).

Na colônia japonesa, essas misturas se manifestam nas comidas, na dança, na religião e mesmo no idioma, “um verdadeiro mix de dialetos de várias províncias japonesas” (Manfrinatto, 2008). Nas avaliações sobre a Liberdade, tanto Sachio Negawa quanto Koichi Mori apontam diferenças entre as festas tradicionais do bairro e as originais realizadas no Japão. O primeiro destaca a participação de políticos na *Hana Matsuri* e na *Mochitsuki Tai Kai* (Negawa, 2000, pp. 113-115). Parece incomodá-lo o sentido político emprestado às festas, algo que não figuraria nas festas correspondentes do Japão. Já o segundo compara a *Tanabata Matsuri* japonesa e a brasileira, especificamente no tocante à tradição de se fazer pedidos durante a festa. Enquanto no Japão os desejos são escritos num papel branco, no Brasil são utilizados papéis coloridos, que seguem a mesma simbologia das cores de roupas usadas no réveillon brasileiro (Manfrinato, 2008).

De acordo com a interpretação desses dois pesquisadores japoneses, temos no bairro da Liberdade um Japão teatralizado, um Japão mestiço. Embora radicados no Brasil (Negawa é professor da UnB e Mori, da USP), podemos dizer que representam no âmbito acadêmico a

visão japonesa sobre o bairro. Já a visão brasileira é representada pelos pesquisadores Cecília Saito, Michiko Okano, Regiane e Fabio Nakagawa, que em 2004 desenvolveram trabalhos no bairro da Liberdade. Os sobrenomes revelam de pronto a ligação com o Japão, mas todos são naturais do Brasil. Ou quase: Okano é *jun nissei*, ou seja, nasceu no Japão e veio ainda criança ao Brasil.

A ideia central em suas pesquisas (exposta por Okano, 2009, Nakagawa, R. M. O., 2009 e Nakagawa, F. S., 2009) é a presença de dois polos de organização no bairro: a “orientalização” e a “orientalidade”. A primeira representa interesses comerciais e turísticos, recorrendo a imagens japonesas facilmente identificáveis para atrair um público geral. Os autores destacam uma artificialidade nos elementos orientais do bairro e nesse ponto se aproximam da ideia de teatralização de Negawa. Mas, diferente dos pesquisadores japoneses, ainda encontram um espaço no bairro, mais reservado à comunidade japonesa, que representa a autenticidade. Aqui estaria o polo da orientalidade, que se pauta pelos costumes estabelecidos no bairro da Liberdade por imigrantes japoneses e seus descendentes no vaivém do longo e delicado processo de adaptação da cultura japonesa à brasileira. Ao invés de uma memória do Japão cultivada a partir de referências exclusivamente ancestrais, como os autores observam na orientalização, a orientalidade trata da memória japonesa radicada no Brasil, como se a história da imigração japonesa no Brasil representasse não apenas um capítulo anexo da história japonesa versando sobre mestiçagem e aculturação, tal como apresentado por Mori, mas a própria história do Japão, ainda que em solo brasileiro.

Segundo os autores, a orientalidade predomina no trecho da Rua Galvão Bueno que vai da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (apelidada de Bunka pela colônia japonesa), esquina com a Rua São Joaquim, até o Viaduto Cidade de Osaka. Ela se manifesta mais no interior dos estabelecimentos, na organização do espaço interno, no arranjo das mercadorias, no trato particular entre vendedor e cliente. Já a orientalização ganha força no restante da Rua

Galvão Bueno, do Viaduto Cidade de Osaka até a Praça da Liberdade. Justamente nesse trecho se encontram os comércios chineses que recorrem a referências japonesas, destacados por Negawa e Mori.

Mas não é apenas através do par teatralização-orientalização que os pesquisadores japoneses e brasileiros se aproximam. A maneira como constroem seus argumentos é parecida, trabalhando com uma escala de autenticidade. Os primeiros estabelecem contrastes entre o bairro da Liberdade, tomado como artificial, e o Japão, assumido no lugar do autêntico. Já os últimos trabalham essa escala de autenticidade no próprio bairro da Liberdade, como vimos, no contraste entre a orientalização, que tomam por artificial, e a orientalidade, que assumem no lugar do autêntico. Nos dois casos, a compreensão do bairro pouco se transforma, já que ela apenas acrescenta palavras como autêntico e artificial aos habituais termos, oriental, japonês, chinês e coreano, reforçados pelo apelo comercial e turístico da Liberdade.

Uma nova e interessante possibilidade se abre quando nos detemos sobre a paisagem do bairro. A decoração oriental é certamente a parte mais evidente, que logo se declara à vista. Mas a pesquisadora Cecília Saito (2008) lembra que por mais que ela tente se impor na paisagem local, sobrevivem marcas completamente alheias e muito anteriores à instituição do bairro oriental na década de 1970. É o caso da Capela dos Aflitos e da Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados, datadas dos tempos da escravidão, quando havia um largo da força e não uma praça da liberdade.

Basta um rápido passeio pelo bairro para notarmos outros pontos dispersos na paisagem local que também abrangem tempos anteriores à instituição do bairro oriental. A Lega Itálica e a Casa de Portugal são vestígios da passagem de italianos e portugueses pelo bairro da Liberdade, antes mesmo da ocupação por japoneses, chineses e coreanos. Considerando especialmente os elementos arquitetônicos, podemos enumerar outros pontos

de referência espalhados pelo bairro que destoam da caracterização oriental: Igreja Nossa Senhora do Líbano, Igreja Metodista e Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo.

A paisagem do bairro da Liberdade guardou todos esses indícios, que dizem respeito a diversas comunidades e falam de diferentes épocas. É nesse quadro composto por rastros variados que nos propomos a seguir algumas pistas na paisagem da Liberdade com a ajuda de seus moradores.

Temos então como um dos componentes da pesquisa o bairro da Liberdade, em nossos encontros com os moradores e a paisagem local. Mas há ainda outro componente. Aqui somos remetidos a uma origem diferente de Abe e Ide, que se refere à minha ligação com o cinema. A paixão de ver filmes que me tomou desde pequeno levou-me primeiro ao mestrado, à investigação da experiência estética de espectadores de cinema (Ide, 2006), e depois, concluído o percurso de mestrado, ao desejo de fazer filmes. Antes mesmo do doutorado tive uma primeira experiência com o vídeo num projeto realizado no quadro do programa Prêmio Pesquisador 2008, oferecido pelo Centro Cultural São Paulo, que resultou no documentário *Os boas-praças* (Ide, 2009), um filme que recorria a planos longos e fixos para acompanhar o ritmo e os causos peculiares de espectadores irreverentes do Centro Cultural. Essa outra origem se insinua no doutorado pela linha dos métodos visuais em ciências humanas, dando continuidade a minhas experiências com o vídeo. Isso estabelecerá duas forças em delicado equilíbrio no decorrer deste texto. De um lado, o bairro da Liberdade experimentado com os moradores. De outro, o bairro da Liberdade experimentado com o vídeo.

4) Imagens

Figura 1 – Fotografia antiga da Rua Galvão Bueno, em que podem ser observados os letreiros orientais que caracterizavam o bairro (Foto de Paulo Luis. Imagem recuperada em 20 de maio, 2014, de <http://quandoacidade.wordpress.com/2012/05/07/lei-cidade-burra/>).

Figura 2 – Fotografia recente do mesmo trecho da Rua Galvão Bueno, agora sem os letreiros, retirados em 2007, a partir da vigência da Lei Cidade Limpa (Foto de Gabriel Inamine. Imagem recuperada em 20 de maio, 2014, de <http://www.discovernikkei.org/pt/nikkeialbum/albums/519/slide/?page=3>).

Figura 3 – Lanternas *suzuranto* (Foto de Renato de Angelo. Imagem recuperada em 20 de maio, 2014, de <http://libasp.blogspot.com.br/2010/06/lanternas-suzuranto.html>).

Figura 4 – Lírio do vale (Imagem recuperada em 20 de maio, 2014, de <http://eofdreams.com/photo/lily-of-valley/01/>).

Figura 5 – Portal *torii* na Rua Galvão Bueno (Foto de Juliana Cavalcante. Imagem recuperada em 20 de maio, 2014, de http://liberdadeemfoco.blogspot.com.br/2010_04_01_archive.html).

Figura 6 – Portal *paifang* do templo Kwan Yin na Rua Conselheiro Furtado (Foto de Jefferson Pancieri. Imagem recuperada em 20 de maio, 2014, de <http://blog.mundi.com.br/2012/06/25/presenca-da-imigracao-brasil/>).

Figura 7 – Fachada do banco Bradesco na Praça da Liberdade (Imagem recuperada em 20 de maio, 2014, de <http://institutolohan.com.br/wp-content/uploads/Bradesco.jpg>).

Figura 8 – Fachada do Castelo de Osaka (Imagem recuperada em 20 de maio, 2014, de [http://www.gojapango.com/Osaka Tours](http://www.gojapango.com/Osaka_Tours)).

CAMINHAR

1) Idas e vindas ao campo

A opção por trabalhar com moradores do bairro da Liberdade organizou o primeiro recorte da pesquisa. A partir daí se colocavam três alternativas: 1) trabalhar com moradores orientais (em especial, japoneses, chineses e coreanos); 2) com moradores não orientais (em particular os brasileiros e eventualmente italianos, portugueses, bolivianos etc.); 3) ou deixar de lado as distinções por nacionalidade e trabalhar com moradores de modo geral.

Inicialmente nos detivemos nos moradores orientais e, nesse caso, abria-se outra ramificação: trabalhar apenas com os imigrantes de primeira geração, nascidos no Japão, China ou Coreia (em geral Coreia do Sul, eventualmente Coreia do Norte), ou incluir também as gerações seguintes, já nascidas no Brasil. Optamos pelos moradores japoneses, chineses e coreanos natos, acreditando que dessa forma encontraríamos uma maior familiaridade dos participantes para com temas tradicionais do Japão, China e Coreia, respectivamente. Nesse caso também nos parecia importante que a pessoa tivesse iniciado a alfabetização e vivido por algum tempo em seu país de origem, razão pela qual optamos por moradores orientais cuja imigração para o Brasil tivesse se dado a partir dos dez anos, teoricamente a idade em que se atinge a metade do ensino fundamental. Outro fator determinante na escolha dos moradores é o conhecimento básico da língua portuguesa ou eventualmente do inglês, uma vez que não possuímos o domínio das línguas japonesa, chinesa e coreana.

Era preciso fazer também uma delimitação territorial na escolha dos moradores: em qual parte do bairro da Liberdade estaria circunscrito o local de residência dos participantes? Uma das opções seria considerar apenas as áreas cobertas pelas luminárias *suzurantou*, a fim de estabelecer um elemento comum na vizinhança de cada morador. Mas ao fazer esse recorte, deixaríamos de lado a Rua Conselheiro Furtado, que nos interessava pela presença das associações culturais chinesas e do templo Kwan Yin. Decidimos adotar a demarcação

Para encontrar os moradores orientais do bairro da Liberdade, recorremos às indicações de membros de associações culturais, centros sociais, igrejas, associações de províncias, igrejas e jornais sediados no bairro e ligados às comunidades japonesa, chinesa e coreana, entre as quais destacamos: Associação Cultural e Assistencial da Liberdade, Aliança Cultural Brasil Japão, Rádio Taissô, Bunka, Centro Social Chinês de São Paulo, Centro Cultural de Taipei, Associação Chinesa do Brasil, Igreja Evangélica Holiness da Liberdade, Igreja Presbiteriana Yonhap de São Paulo, Igreja Presbiteriana Coreana Han In, Primeira Igreja Presbiteriana de Formosa em São Paulo, Aomori Kenjinkai do Brasil, Gunma Kenjinkai do Brasil, Shizuoka Kenjinkai do Brasil, Jornal Chinês para a América do Sul e Jornal Chinês Americana.

Mais raras eram as indicações de funcionários de imobiliárias, livrarias, bancas de jornal, mercearias e restaurantes localizados no bairro, pois muitas vezes não sabiam informar ao certo o endereço de seus clientes ou, quando tinham essa informação, preferiam manter a discrição e sequer se dispunham a intermediar o contato com os clientes, temendo que tal iniciativa pudesse comprometer a relação comercial estabelecida até então.

No decorrer da pesquisa enfrentamos dificuldades na busca por moradores japoneses e chineses do bairro da Liberdade. Quando encontrados, os principais fatores limitantes para a participação na pesquisa eram a barreira da língua, a disponibilidade de tempo e, eventualmente, no caso dos mais idosos, problemas de saúde.

Muito mais difícil foi a tarefa de encontrar moradores coreanos remanescentes na Liberdade. Recorremos inclusive a instituições coreanas situadas fora do bairro, como o Colégio Polilogos, Associação Brasileira dos Coreanos, Igreja Presbiteriana Seul Coreana, Igreja do Evangelho Pleno Coreana e Igreja Presbiteriana Coreana Betesda. De acordo com as informações obtidas nesses lugares seria mais fácil encontrar coreanos no bairro vizinho da Aclimação. E quanto à ideia de que o Bom Retiro concentra os coreanos, isso merece ser

repensado. Trata-se de uma concentração mais comercial do que residencial. Cruzando a linha do trem, encontramos coreanos estabelecidos no bairro vizinho de Campos Elíseos. Seguindo mais um pouco, após cruzarmos o Minhocão, temos os coreanos que alcançaram o bairro de Higienópolis, seguindo curiosamente os passos antes trilhados pela comunidade judaica.

Esses contratempos evidenciaram a necessidade de uma revisão na escolha de nossos participantes. A preferência dada aos japoneses, chineses e coreanos ainda nos mantinha ligados aos traços orientais, ou seja, permanecíamos ainda nos domínios cobertos pelo apelo comercial e turístico. A opção de trabalhar apenas com os imigrantes de primeira geração também se mostrou equivocada. Ela podia dar a entender que o fato de o morador ser originário do Japão, China ou Coreia o tornasse uma fonte mais fidedigna, o que nos devolveria à discussão sobre a autenticidade, tal como mantida nos estudos correntes sobre o bairro da Liberdade.

A ida ao campo tornou patente o descompasso de nossa escolha inicial dos participantes da pesquisa. Então, ao invés de concentrarmos esforços na busca por moradores orientais, decidimos considerar os moradores de modo geral. Como já havíamos percorrido diversas agremiações orientais, decidimos visitar instituições como a Casa de Portugal, Igreja Nossa Senhora do Líbano, Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo e Capela dos Aflitos. Nesses lugares não obtivemos nenhum contato. De acordo com informações obtidas na secretaria dessas instituições, os seus frequentadores provêm de outros bairros da cidade. Se havia uma relação entre esses lugares e os moradores locais, isso concerniu ao período inicial de suas fundações, não diz mais respeito ao tempo atual.

Essa primeira rodada de visitas nos desencorajou a procurar a Lega Itálica, Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados e Igreja Metodista. Como alternativa, pedimos então auxílio para alguns moradores que já haviam participado da pesquisa para que buscassem novos contatos em seus prédios, porém não obtivemos sucesso com essa iniciativa. Por fim,

recorremos à distribuição de cartas-convite em alguns prédios residenciais e em duas vilas situadas no bairro. Distribuímos cerca de quatrocentas cartas. Apenas dois moradores nos procuraram.

Como nosso foco se concentrou na paisagem do bairro da Liberdade, consideramos apropriado abordá-lo por meio de um método visual, baseado no emprego de câmeras de vídeo, ao invés de câmeras fotográficas, pela possibilidade de conjugar recursos sonoros e visuais. Estávamos cientes de toda uma tradição metodológica consagrada na psicologia por autoras como Ecléa Bosi (2003), Eda Tassara e Elaine Rabinovich (2001), para o estudo da relação entre o homem e o espaço-ambiente, baseado em entrevistas pautadas pela história de vida, mas decidimos seguir por um caminho que nos parecia aberto a novas explorações.

Pela via dos métodos visuais, colocavam-se então duas opções: concentrar a filmagem nas mãos do pesquisador ou confiá-la ao próprio participante. Inclínamo-nos para a segunda opção, motivados pelas experiências pioneiras em psicologia de autores que estudaram a relação entre o homem e seu entorno com base em imagens captadas pelos próprios participantes. No Brasil, destacamos o trabalho de Cintia Okamura (2004), que contou com o recurso de fotografias tiradas por diferentes representantes do bairro do Arouche em São Paulo, e o de Lineu Kohatsu (2005), que se valeu dos vídeos registrados por moradores da periferia de São Paulo. No exterior, temos o trabalho de Saadi Lahlou (2011), realizado com base em vídeos registrados por participantes em contextos domésticos, de trabalho ou recreativos, e o de Claudia Mausner (2006), que recorreu a vídeos feitos por excursionistas durante o percurso de trilhas num parque em Nova York. Há também contribuições importantes em outras áreas das ciências humanas. No Brasil, destacamos o trabalho em urbanismo de Lucrecia Ferrara (1993), desenvolvido a partir de fotografias tiradas por moradores de um bairro periférico de São Paulo. No exterior, temos o trabalho em antropologia visual de Sol Worth e John Adair (1970), organizado a partir de filmes

produzidos por índios navajos, e o trabalho em artes e educação de Richard Lachapelle (1999), baseado em vídeos registrados pelo público durante visitas a museus. De fato, em outras áreas das humanidades, a ideia de confiar a filmagem ao participante possui uma tradição maior do que na psicologia, vide a diferença de tempo entre o trabalho de Worth e Adair, realizado na década de 1970, e as pesquisas de psicólogos, desenvolvidas a partir dos anos 2000.

Em 2010, época do ingresso no doutorado, este projeto previa então o empréstimo de câmeras de vídeo aos moradores para que sozinhos fizessem os registros de seus passeios pelo bairro. A estimativa era trabalhar com cada morador durante três meses.

O primeiro mês fora pensado para o estabelecimento de vínculo com o morador, algo fundamental uma vez que a própria câmera do pesquisador seria confiada ao participante. Aproveitaríamos o período para conhecer melhor o morador e para familiarizá-lo com o manuseio da câmera de vídeo, da marca Canon, modelo FS200. Essa câmera foi escolhida por dispor de entrada para microfone externo, recurso fundamental caso não fosse possível obter apenas com o microfone embutido um bom registro da voz do participante. Se necessário, teríamos então a opção de empregar um microfone de lapela. A câmera também tem entrada para fone de ouvido, que seria útil caso o morador optasse em monitorar o áudio durante a filmagem.

No segundo mês iniciariam os passeios filmados. Haveria três roteiros para o morador cumprir: andar a esmo, seguir um trajeto habitual e percorrer a Rua Galvão Bueno, a principal via do bairro da Liberdade. Apenas a primeira tentativa seria feita na companhia do pesquisador. Depois disso, manteríamos encontros semanais com o morador para acompanhamento do processo. Ele receberia a orientação de percorrer o bairro com a câmera ligada durante o máximo de tempo possível (a preferência seria pelo plano contínuo), comentando o que estivesse enquadrando com a câmera. Para garantir o anonimato, haveria

ainda a instrução para não virar a câmera para o próprio rosto, como, por exemplo, pratica-se em vlogs do YouTube. Portanto, nos vídeos teríamos apenas a paisagem do bairro no campo visual. Não haveria imagens dos participantes. O único indício de sua presença seria dado por sua fala.

O terceiro mês seria dedicado à edição do material e às entrevistas com auxílio de vídeo editado com trechos significativos das filmagens. A entrevista com o morador teria uma função dupla. Além de nos orientar na análise das imagens, alguns de seus trechos poderiam ser inseridos na edição final anexada à tese, que conteria então duas camadas de áudio: uma dada pela voz registrada no momento do passeio filmado e outra por uma narração retroativa que forneceria mais detalhes sobre os elementos enfocados pelo morador.

Essa foi a primeira versão dos procedimentos de campo tal como formulados no projeto de pesquisa proposto em 2010. Naturalmente eles passaram por algumas reformulações com o início das atividades em campo.

Nos primeiros contatos que fizemos, os moradores se mostraram receosos com a proposta de tomarem emprestada a câmera do pesquisador. Com medo de assaltos no bairro da Liberdade, preferiam não se responsabilizar por ela. A ideia de emprestá-la aos moradores precisou então ser repensada. A solução foi propor passeios sempre na companhia do pesquisador.

Havia também a questão da disponibilidade. Já lidávamos com contratemplos para encontrar moradores. Quando encontrados, nem sempre possuíam tempo disponível para participação na pesquisa, o que nos dissuadiu de manter encontros semanais ao longo de três meses. Abreviamos então a participação dos moradores, estabelecendo apenas quatro encontros. O primeiro seria uma conversa introdutória para apresentar nossa proposta ao morador e tomar alguns dados básicos de sua biografia: local de nascimento, idade, formação, lugares em que viveu, época em que se mudou para a Liberdade, lugares que costuma

frequentar no bairro. O segundo, um passeio pelo bairro sem o recurso da câmera. O terceiro, um passeio com a câmera. O quarto, uma entrevista com o auxílio do registro em vídeo do passeio. Mas, mesmo com a redução, ainda tivemos dificuldade em completar quatro encontros com cada morador.

Tentamos cumprir esses quatro encontros com dois participantes. Só um deles conseguiu completá-los. A outra participante fez apenas o contato inicial e o primeiro passeio sem a câmera. Não conseguimos marcar os encontros seguintes, o que nos levou a considerar a possibilidade de seguir direto da conversa introdutória para o passeio filmado com os próximos participantes.

A intenção de um primeiro passeio sem a câmera era deixar o morador mais à vontade, sem preocupações com a gravação. Mas já havíamos evitado um bocado de constrangimento com a decisão de colocar o participante fora do foco da câmera. Parecia bem mais fácil permanecer atrás do que diante das lentes. Mas nem sempre valeu essa impressão. Em alguns casos verificamos outro tipo de desconforto. Houve participantes que não conduziram toda a filmagem, pois não ficaram muito à vontade com a câmera nas mãos. Fizeram apenas a primeira tomada e em seguida devolveram-na ao pesquisador. Pesava aqui a falta de familiaridade do morador com a câmera, seus recursos e, mais do que isso, com a tarefa de caminhar atento ao passeio sem descuidar de seu manuseio.

Fizemos a revisão do material com apenas um dos participantes, mas ficamos desapontados com essa experiência. O participante apenas se repetiu e pouco estendeu os comentários sobre os lugares em destaque. Há quem obtenha informações significativas durante a revisão do vídeo com o participante, especialmente nos casos em que os pesquisadores não estavam presentes no momento das filmagens, como nos trabalhos de Lahlou (2011) e Mausner (2006). Nós não tivemos a mesma sorte, já que a revisão se mostrou redundante, funcionando tanto quanto o passeio anteriormente filmado.

Todos esses desdobramentos nos levaram à forma atual dos procedimentos de campo que são apenas dois encontros: uma conversa introdutória com o morador e o passeio filmado pelo participante ou pelo pesquisador. Antes do passeio o participante é orientado a apresentar o bairro para o pesquisador, podendo escolher o caminho que quiser. Caso precise de mais esclarecimentos, pedimos para mostrar coisas que lhe chamam a atenção ou os lugares que frequenta.

Para abordar os elementos visuais apresentados no campo, uma opção seria decompor o material filmado em cenas e catalogar os lugares e pessoas em destaque, as ruas percorridas, os diálogos estabelecidos, tal como descrito por Kohatsu (2000, p. 105). Mas esse trabalho demandava esforço demasiado e podia ser coberto pela análise de conteúdo do áudio, visto que os tópicos de conversa foram o principal recurso na delimitação das cenas. Em geral, eles eram introduzidos na vizinhança de um estabelecimento, quando o morador interrompia ou reduzia o passo da caminhada para fazer algum comentário relacionado ao estabelecimento. Cada tópico introduzido configurava uma unidade dentro do plano. Quando o morador acabava de fazer seu comentário tínhamos então o fim de uma unidade, o fim da cena. Alguns comentários eram mais breves e encerravam-se na frente do próprio estabelecimento. Outros eram mais longos e estendiam-se enquanto o morador retomava a caminhada.

Ao invés de trabalharmos os vídeos em termos de cenas, passamos então a nos ater sobre elementos recorrentes nas imagens. Para identificá-los, fizemos múltiplas revisões do material. Por curiosidade, chegamos até a testar revisões com velocidade alterada dos vídeos. Mas, em nosso caso, a reprodução acelerada ou desacelerada apenas reforçou a percepção que tivemos quando assistimos aos vídeos na velocidade normal.

Para a análise de conteúdo do áudio, fizemos uma transcrição da conversa entre participante e pesquisador. Enumeramos então os lugares percorridos durante o passeio e destacamos os comentários tecidos para cada um deles. Compomos então um quadro de

lugares e comentários que em geral se mantêm na sequência do trajeto percorrido. Mas às vezes ele segue outros rumos, por exemplo, quando um lugar era antecipado na conversa (cf. quadros na seção de anexos).

2) Passeios com os moradores

Obtivemos o contato com vinte e três moradores (dez japoneses, oito chineses, três coreanos e dois brasileiros). Após uma primeira conversa, em que apresentávamos com mais detalhes a nossa proposta, conseguimos a participação de sete moradores (uma brasileira, três japoneses e três chineses). Realizamos oito passeios, dos quais dois foram feitos sem o recurso da câmera, três foram filmados pelos próprios participantes e os outros três, pelo pesquisador. Cada passeio filmado resultou em vídeos com cerca de quarenta minutos de duração.

A nossa primeira participante foi a moradora Ieda*, praticante da Rádio Taissô, uma rotina de exercícios originalmente transmitida via rádio no Japão. No Brasil, há uma Federação de Rádio Taissô, com diversas entidades associadas. A moradora Ieda pertence ao grupo da Praça da Liberdade, que se reúne no local para a prática de ginástica, de segunda a sábado, das 06h00 às 07h00. Frequentamos algumas sessões de Rádio Taissô e numa delas conhecemos a moradora, que rapidamente aceitou participar de nossa pesquisa.

Marcamos um novo encontro, dias mais tarde, em frente ao banco Bradesco da Praça da Liberdade. Antes de iniciar o passeio colhi alguns dados biográficos. Ieda nasceu na cidade de Kumamoto, no Japão. Em 1958, veio com pai, mãe, irmão e irmã para o Brasil. Junto com outras famílias japonesas, estabeleceram-se numa fazenda de café em Nova Esperança, no Paraná. Tinha catorze anos e, mesmo pequena, já trabalhava no cafezal. Ficaram pouco tempo na fazenda e seguiram para Maringá. Lá começou a trabalhar num salão de cabeleireiro.

* Os nomes dos sete participantes apresentados são fictícios.

Seu irmão foi o primeiro a morar em São Paulo. Aventurou-se primeiro no bairro da Liberdade com uma loja de fotografia. Mas na época havia no bairro concorrentes de peso no mesmo ramo. Mudou-se para o bairro de Interlagos, onde teve mais sucesso com a fotografia. Só então chamou o pai, a mãe e irmãs para virem a São Paulo. Ieda tinha vinte anos quando se mudou para cá. Começou a trabalhar na Rua Galvão Bueno, num salão de cabeleireiro de uma chinesa. O seu primeiro endereço no bairro da Liberdade foi uma pensão que havia onde hoje funciona o restaurante Dinastia Ritz.

Teve apenas um filho que hoje mora no Japão e é casado com uma japonesa. Ieda já foi visitá-los algumas vezes. O filho até a convidou para ficar de vez no Japão, mas Ieda não troca o bairro da Liberdade por nada. Nem se o filho morasse numa mansão. A moradora diz que na Liberdade tem tudo à mão, dos produtos japoneses que compra nas diversas mercearias do bairro aos produtos nacionais que encontra no Compre Bem; do iene que troca na Tunibra ao real que deposita no Bradesco.

Foi justamente na entrada do Bradesco que colhi esses dados. Lá foi também o ponto de partida de nosso passeio. O caminho que Ieda me conduziu formou um circuito que começou na Praça da Liberdade. De lá andamos pela Rua Galvão Bueno até a esquina com a Rua São Joaquim. Subimos então a rua até a Avenida da Liberdade. Voltamos pela avenida até alcançar novamente a Praça da Liberdade, fechando o circuito.

Durante o passeio, Ieda interrompeu o passo diversas vezes para recordar como era no passado a vida no bairro. Lembrou-se do bonde que descia a Avenida da Liberdade até o bairro de Santo Amaro; da área verde que cobria a Praça da Liberdade; dos executivos enviados por empresas japonesas, que se hospedavam no bairro da Liberdade; das boates, pensões, lavanderias e *shashin ya* (loja de fotografia) que imperavam no bairro; dos cinemas que formavam filas de dobrar o quarteirão; da época em que o Largo da Pólvora e o Jardim Oriental não permaneciam cercados.

Ieda parecia lidar mais com uma paisagem da juventude. Pouco comentou sobre o bairro hoje. Pôde destacar a mercearia onde compra sempre o bentô, os restaurantes que frequenta, os estabelecimentos chineses que sucederam aos japoneses. Parecia lhe pesar a passagem do tempo e as transformações no bairro.

Esse foi nosso único passeio com Ieda. Embora tivesse apreciado a caminhada e a conversa, a moradora depois recusou nosso convite para participar de um novo passeio, desta vez filmado.

Depois de Ieda, o segundo morador com quem passeamos foi Tadeu, que conhecemos por intermédio da Aliança Cultural Brasil-Japão, onde tomei aulas de japonês de 2008 a 2010. Mas a Aliança não atende apenas nikkeis e brasileiros interessados na cultura japonesa, mas também japoneses, como Tadeu, interessados em aprender o português.

Tadeu nasceu em Kasukabe em 1982. No Japão, havia feito amizade com brasileiros que trabalhavam de dekasegui. Durante a crise econômica do Japão de 2008-2009, seus amigos optaram por retornar ao Brasil. Em 2010, Tadeu veio então a São Paulo para reencontrar com os amigos e estudar português. Escolheu morar no bairro da Liberdade pelas opções de trabalho em empresas japonesas, principalmente jornais e importadoras. Lá também encontraria mais opções de comida japonesa.

No começo, morou em pensões do bairro. Além da diária mais barata, tinha chance de conviver com brasileiros e praticar o português. Quando conseguiu emprego no São Paulo Shinbun, jornal japonês sediado na Rua Mituto Mizumoto, passou a morar no próprio edifício do jornal, no alojamento para funcionários.

Tomamos esses dados num primeiro encontro na Aliança. Encontramo-nos pela segunda vez na Praça da Liberdade. Tomamos um café no quiosque, logo na saída da estação de metrô, e de lá iniciamos o passeio pelo bairro. O movimento de Tadeu foi mais errático, se

comparado com o de Ieda. O percurso se concentrou menos na Rua Galvão Bueno. Percorremos também a Rua Conselheiro Furtado, Rua Barão de Iguape e Rua Vergueiro.

Ao longo do caminho, era recorrente o tema da alimentação nas falas de Tadeu. As suas principais referências são as mercearias e os restaurantes. Mas o morador é extremamente crítico em relação à comida japonesa preparada no Brasil. Poucos restaurantes são elogiados. Era mais fácil elogiar um restaurante chinês ou brasileiro do que um japonês, justamente porque são mais baratos e, no caso da comida chinesa, o seu gosto não difere tanto do saboreado em restaurantes chineses do Japão. O único restaurante louvado por Tadeu é o Kidoairaku, pois possuía o tempero mais parecido com o do Japão. Há até outros restaurantes japoneses elogiados, mas esses elogios saíram apenas da boca dos amigos, pois Tadeu nunca teve a chance de frequentá-los em função do preço mais elevado. Sobra-lhe a opção de comer em restaurantes japoneses mais baratos, que, na opinião de Tadeu, não exibem a mesma fartura de sushis e sashimis encontrada no Japão.

Com Tadeu conseguimos realizar um segundo passeio, desta vez filmado. O caminho percorrido e os lugares em destaque variaram pouco em relação ao primeiro passeio. O tom da conversa também se concentrou mais no tema da alimentação, conservando as reservas em relação ao preço e sabor dos restaurantes japoneses do bairro da Liberdade e deixando o entusiasmo maior para os restaurantes chineses e brasileiros.

Depois de Tadeu, fizemos apenas passeios filmados com os outros moradores. As transcrições dos seis passeios filmados se encontram na seção de anexos e os vídeos, em nosso canal do YouTube, no endereço: <http://www.youtube.com/user/IdeDanilo>

O terceiro morador com quem passeamos foi Bruno. Obtivemos seu contato por meio da Associação Chinesa do Brasil, na Rua Tamandaré. Nossa primeira conversa foi por telefone, mas, dada a dificuldade de compreensão, Bruno sugeriu conversarmos por *Google*

Talk (o bate-papo do Gmail), pois desse modo tinha a opção de usar o serviço de tradução do Google. Marcamos então um encontro na Praça da Liberdade, em frente ao banco Bradesco.

No dia marcado, Bruno chegou acompanhado de sua namorada. Conhecera-se em Pequim. Bruno havia deixado a província de Shanxi, onde nasceu em 1982, para cursar a faculdade politécnica na capital chinesa. O casal chegou ao Brasil em outubro de 2006. Bruno veio cursar o mestrado na Politécnica da Universidade de São Paulo. Na verdade, o seu plano inicial era ir para os Estados Unidos, mas achava difícil ingressar em uma faculdade americana. Completou o mestrado em 2008 e hoje trabalha com a namorada no ramo da informática, num escritório chinês localizado no bairro da Liberdade.

Antes de vir ao Brasil, Bruno havia feito pesquisas na internet e tomou conhecimento de um bairro com muitos restaurantes chineses em São Paulo. Foi assim que escolheu o bairro da Liberdade para morar. Assim como Tadeu, o tema da alimentação marcou o andamento da conversa durante o passeio. Também sabia identificar onde era mais caro ou mais barato para comer, mas o preço influenciava menos no sabor dos pratos. No bairro, encontrava tanto comida chinesa boa e barata, como cara e apenas mediana.

Embora seja criterioso na avaliação dos restaurantes chineses (só dois foram elogiados), Bruno não fazia comparações entre a comida chinesa servida no bairro da Liberdade e no seu país natal. O morador ressaltava o fato de um lugar ser famoso, o que representava um movimento maior. Mas esse não era um fator que o atraía. A fama parece ter relação com outro tema caro ao morador: o saber (considerando famoso o lugar sabido por todos). Em diversos momentos, Bruno usa o verbo saber, seja para afirmar: “chinês tudo sabe”, seja para sondar o que sei. Não é à toa que foi o único morador a destacar a presença de livrarias e jornais chineses no bairro da Liberdade.

Bruno também se destacou na escolha do caminho. Foi o único que não seguiu pela Rua Galvão Bueno. Ao invés dela, tomou a Rua da Glória, a Praça Carlos Gomes e a Avenida

da Liberdade. Teve apenas que atravessar a Galvão Bueno quando seguimos pela Rua dos Estudantes, Rua Barão de Iguape e Rua São Joaquim.

No final do passeio, Bruno destacou os perigos locais, principalmente os assaltos (já fora assaltado algumas vezes), e revelou a vontade de mudar para outro lugar, talvez o bairro da Aclimação, mais seguro e não muito longe da Liberdade com sua variedade de restaurantes e mercearias chinesas.

A quarta moradora com quem passeamos foi Maria, que conhecemos por intermédio de praticantes da Rádio Taissô da Praça da Liberdade. A moradora nasceu na cidade de Taichung, em Taiwan, em 1939. Quando entrou na escola chegou a aprender japonês (viveu o último ano da ocupação japonesa). Recentemente retomou o aprendizado do idioma, quando frequentou aulas de japonês no Bunka. Nos momentos em que nossa conversa emperrava, Maria recorria então ao japonês.

Em Taiwan, trabalhou como atendente de bordo em trens e como contadora. Casou-se e teve três filhos. O marido trabalhou na área de economia para o governo taiwanês. Em 1966, ele veio sozinho para São Paulo e arranjou emprego num restaurante cantonês, próximo à estação da Luz.

Em 1972, foi a vez de Maria e os filhos virem para São Paulo. Diferente do marido, que viera de navio, ela e os filhos já conseguiram vir de avião. No início, Maria trabalhou com costura, em casa mesmo, pois os filhos ainda pequenos precisavam de cuidados. Em 1974, ela e o marido abriram um restaurante chinês, que funcionou durante vinte anos. Venderam o restaurante e compraram uma fazenda em Diadema, onde iniciaram a criação de cogumelos frescos. Em 2000, o marido faleceu. Em 2004, começou a trabalhar como voluntária no Centro Cultural de Taipei, na Rua São Joaquim. Foi lá que nos encontramos pela primeira vez. Nesse dia, apenas conversamos no salão de entrada do Centro Cultural. Deixamos o passeio para outro dia.

Fazia muito calor no dia que combinamos para o passeio. Saímos do Centro Cultural de Taipei e seguimos pela Rua Galvão Bueno. Fizemos uma pausa num bar para tomar água de coco e outra pausa no Centro Social Chinês. O caminho escolhido por Maria se concentrou na Rua Galvão Bueno. Apenas fizemos um desvio para a Rua Conselheiro Furtado, em função do Centro Social Chinês e do Templo Kwan Yin.

Durante o passeio, chamou-nos atenção o fato de Maria identificar sempre a nacionalidade à qual pertenciam os donos dos estabelecimentos: japonês, coreano ou chinês. E nesse último caso, ainda fazia distinção entre taiwaneses, cantoneses e os chineses continentais. Essa identificação não ocorria em função de um dado visual da fachada ou letreiro do estabelecimento, mas se baseava em alguma experiência prévia no local ou mesmo no conhecimento do próprio dono. Essa divisão interna da China se manifesta inclusive nas diferentes associações culturais chinesas presentes no bairro da Liberdade: os taiwaneses, pelo Centro Social Chinês e Centro Cultural de Taipei; os chineses continentais são representados pela Associação Chinesa do Brasil; os cantoneses, pela Associação Geral dos Cantoneses do Brasil, na Rua Conselheiro Furtado; os hakka, pela Associação Hakka do Brasil, na Rua São Joaquim.

Outro aspecto chamativo durante o passeio é o destaque dado por Maria ao tino comercial, ao espírito empreendedor chinês: “Chegou já começou trabalho”; “Nunca descansa. Trabalha direto”; “Chinês se ganhar dinheiro só compra imóvel”. De acordo com a moradora, hoje empresários taiwaneses não fazem dinheiro apenas com restaurantes e mercados, mas também com o aluguel de imóveis comerciais que adquiriram.

Além de caminhar pelas ruas do bairro da Liberdade, visitamos alguns interiores. A moradora nos apresentou as instalações do Centro Cultura de Taipei e do Centro Social Chinês e, no final do passeio, levou-nos ao restaurante Wan Wan, na Rua Galvão Bueno. Fomos então apresentados a uma variedade de pratos e bebidas chinesas. Mas a moradora não

nos deixou retribuir a sua gentil participação em nossa pesquisa e fez questão de pagar a conta.

A quinta moradora com quem passeamos foi Lina. Obtivemos seu contato através do Centro Social Chinês, onde seu filho aprende a língua chinesa. Conhecemo-nos num dos sábados que levou seu filho para as aulas de chinês. Lina nasceu em Taiwan, em 1974. Aos nove anos, foi com o pai, a mãe e dois irmãos para Assunção. Mas não tinham contatos no Paraguai. O país fora escolhido pelas facilidades oferecidas então para a imigração. Viveram lá por dois anos. O plano da família era imigrar para os Estados Unidos. Como era mais difícil conseguir um visto, o pai primeiro sondou a Argentina e, por fim, decidiu-se pelo Brasil.

Em 1986, mudou com a família para São Paulo, no bairro do Cambuci. A mudança para o bairro da Liberdade ocorreu três anos depois. Por concentrar mais orientais, lá havia mais mercado para os pães chineses vendidos pelo pai, que sempre trabalhou com padarias: no tempo de Taiwan, na passagem por Assunção e até hoje na padaria que possui no bairro da Liberdade.

Em São Paulo, adaptou-se com certa facilidade na escola. Teve sempre a sorte de encontrar outros alunos chineses. Tanto na escola do Cambuci, como na escola na Liberdade, teve colegas chinesas que a ajudavam. Kursou Arquitetura e hoje trabalha com design gráfico. Conheceu o marido na faculdade. Ele nasceu na Coréia do Sul.

Já viajou três vezes para Taiwan. Cada vez que vai para lá, percebe as mudanças em Taipei. Muitos prédios e rodovias foram construídos. (Obs.: Essa informação também havia sido dada por Maria, que procura visitar Taiwan a cada três anos. Houve tantas mudanças que já nem consegue encontrar a antiga casa onde viveu).

Combinamos o passeio para outro dia. Encontramo-nos na Praça da Liberdade, em frente ao Bradesco. Acabara de pegar na escola o filho, que nos fez companhia durante o

caminho. Seguimos direto pela Rua Galvão Bueno. Apenas nos desviamos para conhecer o Colégio Adventista, na Rua Taguá, instituição em que seu filho estuda.

Lina destacou o lado cotidiano do bairro: as pequenas compras aqui e ali nos comércios locais (durante o passeio fez até uma pausa para comprar verduras para o jantar); o trânsito mais congestionado nos finais de semana. Percorre o mesmo caminho diariamente: de manhã, vai até a Rua da Glória para ajudar o pai na padaria; mais tarde, segue para a Rua Taguá para buscar o filho no colégio; de lá continua o caminho até o Largo da Pólvora para almoçar na casa da mãe; à tarde, volta para a casa na Rua Galvão Bueno; à noite, quando tem preguiça de cozinhar, procura algum restaurante perto de casa para jantar.

Terminamos o passeio no Centro Cultural de Taipei. Demos novamente uma volta pelas instalações do local. Seu filho nos acompanhou bem durante todo o passeio. Lina sempre conferia se o pequeno estava disposto a caminhar mais. Com uma das mãos, ela o mantinha bem perto de si. Com a outra mão, ela controlava a câmera de vídeo. No final, recompensamos o menino com a possibilidade de brincar com a câmera de vídeo.

A sexta moradora com quem passeamos foi Diana. Obtivemos seu contato por meio de carta-convite, que distribuímos em casas, condomínios e vilas no bairro da Liberdade. Além de Diana, houve outro morador que entrou em contato conosco, mas desistiu de participar da pesquisa assim que explicamos melhor a nossa proposta.

Diana nasceu na cidade de Pereira Barreto, São Paulo, em 1950. Trabalhou como professora do ensino fundamental em Araçatuba. Em 1970, veio para São Paulo. Morou inicialmente na casa da tia no bairro de Santana e depois se mudou para a Liberdade. Já morou na Rua São Joaquim, Rua Conselheiro Furtado, Rua da Glória e Rua Tamandaré. Desde o ano de 2000, reside na Vila José Ferreira da Rocha, composta por casas geminadas construídas originalmente para abrigar os operários que trabalhavam para um comerciante

português. Na fachada de algumas casas, hoje ainda é possível observar azulejos portugueses. Em 2012 a vila foi tombada pela prefeitura.

Começamos o nosso passeio na Praça da Liberdade. Andamos pela Rua Galvão Bueno até a altura da Rua Fagundes, onde há a entrada para a Vila José Ferreira da Rocha. A participante utiliza de modo recorrente o termo “enchourigar” para se referir ao hábito de entrar nas lojas, sem objetivo de comprar nada, apenas para sondar os preços e conferir o que há de novidade. Batendo perna e enchourigando continuamente pelo bairro, tomou conhecimento dos lugares onde o preço praticado é melhor ou pior. “A gente conhece todas as pedrinhas do caminho. Faz muitos anos”, diz Diana. Por isso, quando voltou da última viagem, estranhou o fechamento de três lojas. Mas, diferente de Ieda, a moradora não toma partido entre o passado e o presente. Lamenta as lojas fechadas ou ressalta as lojas tradicionais que resistiram ao tempo, mas também se entusiasma com as novas lojas abertas.

Na altura do Viaduto Cidade de Osaka, reclamou da presença dos camelôs, que atrapalham o movimento pelas calçadas. Diana até comentou o boato corrente no bairro da Liberdade de que a prefeitura pretendia fechar a Rua Galvão Bueno somente para o fluxo de pedestres.

Em alguns momentos, Diana confunde chineses com coreanos. Mas o fato de ser brasileira não determinaria essa indistinção. O mesmo ocorreu com a moradora Ieda, que fazia a mesma confusão em alguns momentos.

Depois de Diana, não chegaram mais indicações. Parecia que o período de trabalho de campo se encerrara. Mas, numa das visitas habituais pelo bairro da Liberdade com minha mãe, encontramos-nos com uma de suas amigas, Sílvia, que mora na Rua da Glória. Foi assim que conheci nossa sétima participante.

Sílvia nasceu em 1942, em Dalian, na China. O seu pai e sua mãe eram japoneses estabelecidos na Manchúria durante o período da ocupação japonesa. O pai participara na

construção da transiberiana. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, retornaram para o Japão. Viveram na cidade de Daiwa, onde os pais passaram a trabalhar no setor têxtil.

Em 1955, vieram para o Brasil e estabeleceram-se na Fazenda Gasparian, Rio de Janeiro, que também possuía uma fábrica têxtil. Ficaram apenas oito meses na fazenda e seguiram para a cidade de Jacareí, interior de São Paulo, onde se empregaram em outra empresa têxtil. Em 1957, finalmente se mudaram para São Paulo e escolheram o bairro da Liberdade para morar. Sílvia trabalhou em diferentes estabelecimentos locais: Casa Mizumoto, Micropropaganda, Univertur, Tunibra, entre outros. Após o casamento, mudou-se para Santo André, mas continuou trabalhando na Liberdade. Em 2002, separou-se do marido e voltou a morar no bairro. Foi no salão de entrada do condomínio onde mora que conversamos brevemente. Em seguida, iniciamos o passeio.

O percurso de Sílvia pode ser desdobrado em dois movimentos. No primeiro, tomamos uma direção que nos afastou do bairro da Liberdade, quando seguimos até a Praça João Mendes, onde funcionava o terminal do bonde. No segundo, retornamos ao coração do bairro da Liberdade, na Rua Galvão Bueno, e seguimos até a Rua São Joaquim, onde me mostrou o endereço do antigo Colégio Campos Salles, frequentado antigamente pelos filhos de japoneses.

No percurso, notamos que Sílvia mantinha uma relação com o bairro da Liberdade semelhante à de Ieda. Apontava com certa nostalgia o quanto o bairro mudou e destacava sem muito entusiasmo o que lá existe hoje. Parecia lhe pesar a mudança dos personagens, da língua e da paisagem local. Antes podia identificar o predomínio da colônia japonesa, hoje sente que se avultam os chineses e até mesmo os bolivianos. Antes podia ouvir o idioma japonês em cada esquina do bairro, hoje reconhece mais a língua chinesa. Antes podia avistar mais estabelecimentos japoneses, hoje toma os chineses como os grandes proprietários locais.

Esse tom mais nostálgico pontuou também os momentos em que Sílvia relembrou as rotas dos bondes e as formas de diversão em sua juventude: os bailes na Lega Itálica; as atividades organizadas por clubes de jovens nisseis, tais como Gecebs, Paratodos e Piratininga; os filmes americanos assistidos nos cinemas do centro da cidade e os filmes japoneses que passavam nos cinemas da Liberdade.

Esses foram os passeios que realizamos com nossos sete participantes. Cabe destacar agora alguns aspectos das filmagens e especificar quem atuou como cinegrafista. Tadeu e Lina não relutaram em assumir a câmera. Diana receou um pouco, mas aceitou conduzir as filmagens. Teve apenas algumas dificuldades com o botão que iniciava e pausava a gravação. Em alguns momentos pausou inadvertidamente a filmagem, de modo que partes do trajeto não foram registradas em vídeo. Bruno, Maria e Sílvia experimentaram brevemente andar e filmar ao mesmo tempo, mas estranharam a experiência. Acharam melhor deixar a câmera nas mãos do pesquisador.

VER

Visão de dentro e de fora

Inicialmente fizemos uma análise em busca de elementos recorrentes nas filmagens. Pudemos distinguir dois tipos de planos: um composto por imagens de fachadas e letreiros e outro por imagens do próprio passeio. No primeiro, o participante ou o pesquisador mantinham a câmera estável para obter o enquadramento da fachada ou do letreiro de determinado estabelecimento. Além de controlar a estabilidade da câmera, havia a opção de empregar o recurso do zoom. Já no segundo, o participante ou o pesquisador não se atinham a nenhum objeto em particular, tampouco se preocupavam em manter a câmera estável. Ela permanecia voltada para frente e sacolejava na cadência dos passos do cinegrafista.

Em todos os vídeos, constatamos um notável predomínio desses planos tomados de modo mais desleixado que resultaram em imagens bastante tremidas. A marcante instabilidade dos vídeos resultantes de nossos passeios filmados chamava a atenção pelo desconforto que causava durante a revisão do material. Era comum sentir tontura enquanto se assistia aos vídeos. No cinema, provocar vertigem, até mesmo enjoo no espectador pode ser uma opção estética dos realizadores, que se ajusta com o estilo particular de um gênero de filmes denominado de *found footage*, notabilizado por filmes de terror e suspense como *A bruxa de Blair* (Myrick, & Sánchez, 1999) e *Cloverfield* (Reeves, 2008).

Trata-se da apropriação de um termo originalmente cunhado na década de 1980, que veio a se juntar a outros como “filme de colagem” (Wees, 2007), “filmes de compilação” (Leyda, 1964), para designar filmes que trabalham com imagens preexistentes captadas por fontes alheias: por exemplo, o diretor húngaro Péter Forgács, cuja obra passou em retrospectiva, em 2012, no Centro Cultural Banco do Brasil, trabalha com compilações de filmes antigos encontrados em acervos familiares.

O *found footage* do terror e suspense também trabalha com a ideia de organização de imagens alheias preexistentes e é encenado como se fossem registros documentais. Os filmes supostamente apresentam as últimas horas gravadas por cinegrafistas desaparecidos ou mortos, cujas filmagens foram eventualmente encontradas, daí o nome *found footage*, “metragem achada”. *Cannibal Holocaust* (Deodato, 1980) é provavelmente seu precursor. Segundo o anedotário do filme, após o seu lançamento, o diretor precisou dar provas de que os atores de fato estavam vivos para não ser acusado de homicídio.

Em *A bruxa de Blair*, três estudantes de cinema reúnem material para a produção de um documentário que investiga a lenda de uma bruxa da floresta nos arredores da cidade americana de Burkittsville. Em *Cloverfield*, cinegrafistas amadores são surpreendidos pela invasão de um gigantesco monstro alienígena em Nova York. Para reforçar a excepcionalidade dos fenômenos registrados e a constante movimentação dos personagens, os filmes apresentam uma condução de câmera mais instável, semelhante à observada em nossos passeios filmados. O recurso pode ser encarado como um modo de chamar atenção para a presença de alguém no controle da câmera, já que nesses filmes o cinegrafista representa um personagem significativo da trama, embora na maior parte do tempo a imagem do seu corpo não seja oferecida ao espectador.

Em nossa pesquisa, a câmera treme no compasso da caminhada. Mas, apesar do caminho aberto por esse inusitado diálogo com a história do cinema, por ora preferimos nos acautelar e não avançaremos nessa aproximação. Uma ressalva inicial é devida ao fato de a instabilidade da câmera não caracterizar somente o *found footage*. O efeito pode ser relacionado ao uso da câmera na mão. Para minimizá-lo, foi desenvolvido até mesmo a *steadicam*, um sistema que corrige o balanço da câmera na mão. Seguindo o teórico de cinema norte-americano David Bordwell (2007), poderíamos até traçar uma linhagem da câmera instável, independente da tradição dos *found footage*, que vai de *Napoleon*, de Abel

Gance (1927), a *O ultimato Bourne*, de Paul Greengrass (2007). Mas o motivo maior de nossa cautela se refere mesmo ao nexo entre a obtenção desses resultados inusitados e a forma como pudemos proceder com a pesquisa. O que parece um resultado inesperado se revela plenamente motivado quando passamos a considerá-lo junto à decisão de reduzir o número de encontros com os participantes. Ao abreviar os encontros, abrimos mão justamente do período de experimentação do morador com a câmera, o que limitou o desenvolvimento de um apuro nas filmagens, um trabalho em termos de enquadramentos, movimentos de câmera.

Mesmo que houvesse diferenças de condução entre os diversos participantes (inclusive o próprio pesquisador, nos casos em que foi responsável pela gravação), elas se tornaram menos relevantes por conta das reformulações dos procedimentos de campo. Não foi à toa que a nossa experiência com a revisão do material se mostrou decepcionante. Se cada participante tivesse mais tempo de experimentação com a câmera, talvez pudéssemos discutir, por exemplo, as escolhas de enquadramento, a fim de investigar se caracterizariam ou não um estilo próprio. Mas, do modo como procedemos, não estávamos em condição de discutir o processo de filmagem, os motivos que levaram o participante a filmar de um jeito e não de outro.

A abreviação dos procedimentos de campo não afetou apenas o desenvolvimento dos aspectos visuais, mas diminuiu também a intensidade da participação dos moradores. Na ocasião das primeiras formulações dos procedimentos de campo havia uma vontade de envolver o participante em todas as etapas de produção do vídeo, inclusive na montagem, na esperança de que, procedendo desse modo, pudéssemos dar plena voz aos moradores.

Aos poucos deixamos para trás essa abordagem mais colaborativa com os moradores, em parte pela impossibilidade de dedicarmos mais tempo com cada participante, em parte por uma posição mais reservada que adotamos diante da ideia de incluir o participante na concepção, captação e edição das imagens, por sua associação costumeira à noção de

autorrepresentação, debatida principalmente no âmbito do cinema e da antropologia visual. Grupos que antes eram apenas o outro retratado pelas câmeras têm agora a chance de passar aos bastidores e participar mais decisivamente na produção de vídeos representativos do seu universo.

Esse modo colaborativo de trabalho é uma prática comum hoje, por exemplo, em pesquisas que empregam o vídeo participativo (no estudo da paisagem, destacamos o emprego do vídeo participativo por Sara Kindon, 2003), cuja tradição pode ser remontada à década de 1960, tanto aos trabalhos dos já mencionados Sol Worth e John Adair, como à obra do diretor francês Jean Rouch.

No verão de 1966, Worth e Adair (1970) emprestaram câmeras de 16 mm a seis índios navajos (sete se considerarmos que uma das participantes ensinou sua mãe a operar a câmera), resultando em sete filmes com cerca de vinte minutos de duração e cinco filmes de um a dois minutos. A experiência com os navajos teve apenas uma limitação técnica. Como não houve captação de som, todos os filmes resultantes são mudos. Mas isso não significa que experiências significativas com o som não houvessem ocorrido anteriormente.

Seis verões antes, em *Crônica de um verão*, Jean Rouch e Edgar Morin (1961) exploraram a captação de som sincrônico para dar voz a um grupo heterogêneo de trabalhadores na França. E antes mesmo desse filme, Rouch (1958) já utilizara a banda sonora de maneira bastante original em *Eu, um negro*, no qual sobrepôs às imagens editadas uma locução feita por Oumarou Ganda, o protagonista do filme. Segundo o antropólogo francês Marc-Henri Piault, foi a primeira vez em que deram a palavra a um africano. O filme não continha apenas a interpretação do etnógrafo branco, mas dos próprios negros etnografados, que ofereciam uma “versão autóctone dos acontecimentos” (Piault, 1997, p. 189).

O próprio Ganda talvez discordasse dessa interpretação. Posteriormente ele se distanciou de Rouch, passando a dirigir os próprios filmes. Para marcar esse distanciamento,

chegou a dizer que toda vez que fazia um filme, matava Rouch (citado por Henley, 2009, p. 331). A afirmação a princípio causa certo impacto. Mas casos de morte simbólica dos mestres não são tão isolados no cinema. Não é difícil encontrar exemplos de diretores que pretenderam expurgar as influências de seus predecessores.

O filme *5x favela, agora por nós mesmos* (Carneiro et al., 2010) procura já no subtítulo deixar marcada a sua diferença em relação à sua primeira versão, *Cinco vezes favela* (Farias, Borges, Diegues, Andrade, & Hirszman, 1962). Anuncia-se agora um novo sujeito da oração. Se na década de 1960 “eles – cinco diretores de classe média que não pertenciam à favela – falavam pelos favelados”, agora, quarenta e oito anos depois, “nós – os próprios moradores da comunidade – falamos por nós mesmos”. Esses enunciados se aproximam de duas formulações propostas pelo teórico de cinema Bill Nichols (2007) em sua introdução ao documentário:

1) Eu falo deles para você. (p. 40)

2) Nós falamos de nós para você. (p. 45)

Na primeira, o sujeito e o objeto remetem a distintas pessoas, pressupondo que diretor e grupo retratado estão em campos separados. Na segunda, não há distinção de pessoa: “Essa formulação desloca o cineasta da posição em que estava separado daqueles a quem representa para uma posição de unidade com estes últimos.” (Nichols, 2007, p. 45)

Podemos reconhecer o mesmo tipo de reposicionamento da terceira para a primeira pessoa, tal como enunciado em *5x favela, agora por nós mesmos*, em projetos de outros grupos, que se consideravam igualmente “sub-representados ou mal representados” (Nichols, 2007, p. 172) pelo olhar dominante, em geral externo a eles. Foi o caso da produtora Isuma, fundada por inuítes do Canadá (entre os quais se destaca Zacharias Kunuk (2001), diretor do premiado filme *Atanarjuat, o corredor*), descontentes com a forma com que o grupo era representado no cinema desde *Nanook, o esquimó* (Flaherty, 1922); bem como do Grupo

Medvedkin, formado por operários da Rhodia, insatisfeitos com a visão romântica dos trabalhadores apresentada por Chris Marker e Mario Marret (1968) no documentário *Até breve, eu espero*.

Essa “tendência reequilibradora e corretiva” (Nichols, 2007, 172) está presente também nas autoetnografias indígenas (o exemplo brasileiro mais notório é o projeto Vídeo nas Aldeias, que desenvolve a formação e produção audiovisual de tribos indígenas) e nos projetos de TVs comunitárias, caso da TV Maxambomba e da TV Pinel. A primeira, criada em 1986 pela comunidade de Rancho Fundo, na periferia de Nova Iguaçu (RJ), combatia a imagem negativa geralmente associada ao cotidiano em bairros periféricos. Já a segunda, criada em 1996 no Instituto Philippe Pinel (RJ) e ainda em atividade, busca uma contraposição aos estereótipos comumente associados aos internos de instituições psiquiátricas. O slogan adotado pela TV Pinel é justamente “por uma nova imagem da loucura” (Miranda, 2007, p. 204).

No caso de *5x favela, agora por nós mesmos* há ainda outro antagonismo. Mais do que uma resposta a *Cinco vezes favela*, o filme pretende responder a uma produção mais recente: “*Cidade de Deus* é um filme que o cara de fora (da favela) viu os traficantes e fez um filme sobre isso... Agora (*5x favela, agora por nós mesmos*) é um filme com a nossa visão”, diz Luciano Vidigal, um dos diretores do filme, em entrevista ao Portal Vermelho (2010, para. 3).

De fato, para uma geração de novos diretores brasileiros, *Cidade de Deus* (Meirelles, & Lund, 2002) coloca-se como o cânone a ser superado. Em entrevista ao Estado de São Paulo (Merten, 2010), Jeferson De, um dos representantes dessa geração, disse: “A relação era de admiração e ódio. Acho que, de alguma forma, está ocorrendo aqui a nossa superação do complexo de Édipo. Fernando [Meirelles] é o pai cuja influência precisamos matar, para seguir em frente.”

Aqui praticamente se repete a frase de Oumarou Ganda. Lá, o que justificava o distanciamento, a “morte” de Rouch, era a afirmação de uma diferença radical entre ambos, baseada em suas respectivas origens. Ganda dizia: “Ele vê com um olho francês, e eu sou nigeriano” (citado por Gonçalves, 2008, p. 160).

Se pensarmos no paradoxo da alteridade colocado por Piault (1997) – a saber, “Como mostrar e entender a diferença sem a tornar irreduzível nem a reduzir ao idêntico?” (p. 190) –, a posição de Ganda e dos diretores de *5x favela, agora por nós mesmos* nos leva à irreduzibilidade entre os diferentes: um francês como Rouch entenderia um nigeriano apenas de modo distorcido; um “cara de fora” como Meirelles nunca representaria corretamente o olhar dos moradores da favela. Ao adotarem essa lógica controversa, que idealiza a visão de dentro por uma suposta pureza e problematiza a visão de fora pela existência de uma mediação, chegaram à conclusão de que para reparar tais distorções era preciso que alguém originário do grupo passasse aos bastidores e assumisse a direção, o que efetivamente aconteceu nos dois casos. Apostavam que só assim a diferença poderia ser mostrada e entendida adequadamente.

Mas por mais que busquem se afastar de *Cidade de Deus*, os cinco curtas que compõem *5x favela, agora por nós mesmos* não parecem tão opostos ao filme de Fernando Meirelles quanto almejam seus diretores. Embora predominem personagens ligados à criminalidade em *Cidade de Deus*, não podemos esquecer a presença de um personagem boa-praça que se ajeita na vida sem cair na bandidagem. É o caso do narrador da história, Buscapé, personagem que, apesar de participar secundariamente dos acontecimentos, recebe uma boa caracterização, tendo bem delineada ao longo da narrativa a sua trajetória afetiva e profissional. A primeira descreve suas tentativas de perder a virgindade: Buscapé investirá sem sucesso em Angélica, perderá uma oportunidade com a atendente da padaria que esteve prestes a assaltar e finalmente conquistará uma jornalista. A segunda descreve seu caminho

até o estágio no jornal: Buscapé trabalhará no supermercado, tentará sem sucesso entrar no crime, entregará jornais e por fim conseguirá um grande furo para o jornal com a foto de Zé Pequeno assassinado.

Como exemplo de personagem bem sucedido que supera a pressão do crime, o Buscapé de *Cidade de Deus* é uma espécie de duplo do personagem Maicon do curta “Fonte de renda” de *5x favela, agora por nós mesmos*. Ainda podemos pensar em outros casos em que a versão de fora em *Cidade de Deus* (incluindo também os produtos a ele associados, como o curta *Palace II* e a série televisiva *Cidade dos homens*) e a de dentro nos cinco curtas que integram *5x favela, agora por nós mesmos* não divergem profundamente. Podem ser facilmente consideradas como variações de um mesmo tema.

A relação entre pessoas de dentro e de fora da comunidade está presente em *Cidade de Deus* e no curta “Fonte de renda” de *5x favela, agora por nós mesmos*, só que há uma inversão. No primeiro, o playboy Tiago compra na zona sul roupas de marca para o traficante Benê. No segundo, Maicon compra no morro maconha para o playboy Edu.

A pipa perdida que cai em outra vizinhança é o elemento comum no episódio *Cidade dos homens: Os ordinários* (Lund, & Tripa, 2003) e no curta “Deixa voar” de *5x favela, agora por nós mesmos*. Mas novamente há uma inversão: no primeiro a pipa cai no condomínio de ricos; no segundo, na favela rival.

Nos dois lados temos histórias centradas em duplas mirins e seus esforços para ganhar alguns trocados. Os garotos Laranjinha e Acerola, do curta *Palace II* (Meirelles, & Lund, 2000) aplicam sem sucesso um pequeno golpe na própria comunidade, quase assaltam um trabalhador bêbado, mas desistem e resolvem fornecer carne para o churrasquinho de gato. Wesley e Orelha, personagens do curta “Arroz com feijão” de *5x favela, agora por nós mesmos*, conseguem faturar no asfalto, mas como são assaltados acabam aplicando um golpe no aviário da favela.

Situações causadas por problemas com serviços básicos, como correio e energia elétrica, que não funcionam igualmente na favela e no asfalto, são retratadas no episódio *Cidade dos homens: Correio* (Lund, & Lins, 2002) e no curta “Acende a luz” de *5x favela, agora por nós mesmos*.

O curta “Concerto para violino” de *5x favela, agora por nós mesmos* mais os longas *Bróder* (De, 2010) e *De passagem* (Elias, 2003) formam variações do tema: o reencontro dos amigos de infância que seguiram diferentes destinos; sendo os dois primeiros a visão de dentro e o terceiro, seu duplo de fora.

Todas essas correspondências apontadas enfraquecem a ideia de que a visão de fora seja de todo descabida e excêntrica frente à visão apresentada pelos próprios diretores originários da comunidade. De fato, há mais indícios para estabelecer aproximações do que oposições entre ambas.

Até aqui levamos em conta apenas a relação entre interior e exterior a partir da polarização entre os “caras de dentro” e os “caras de fora”, como usualmente o tema é tratado no debate sobre autorrepresentação. Mas há também uma posição interna e externa relativa ao universo retratado pelo filme. Esse novo arranjo nos leva a considerar quem faz parte ou não dos acontecimentos situados no filme. Do lado de dentro, temos então as personagens e de fora, os diretores. Nesse sentido, ainda vigora uma visão externa em *5x favela, agora por nós mesmos*: os diretores veem de fora as personagens.

Mas como situar os atores nesse novo arranjo? A figura do ator é um caso peculiar. Diferente do diretor, cobrado por sua origem externa ao grupo, dificilmente encontramos a mesma cobrança sobre a atuação de “caras de fora”, como Matheus Nachtergaele em *Cidade de Deus*, Caio Blat em *Bróder*, Hugo Carvana em *5x favela, agora por nós mesmos*. Aparentemente as diferentes origens, que importavam tanto no caso dos diretores, são menos significativas no caso dos atores.

A existência de duas medidas pode ser atribuída às diferentes posições do diretor e do ator em relação aos limites visuais da tela. Um está fora de nossa vista e o outro, dentro de nosso campo de visão. Embora não vejamos o diretor, nem por isso duvidamos de que ele concretamente exista, em carne e osso, com suas virtudes e vícios. Bem diferente é o caso do ator: por mais que a sua presença nos seja dada ao olhar, percebemo-lo mais pelo personagem que interpreta do que por sua figura empírica, ou seja, enquanto o filme durar, ele contará mais como ficção. A princípio parece razoável dizer que estar dentro ou fora de nosso campo visual significa pertencer ou não ao universo do filme. Mas há uma imprecisão nessa afirmação que se evidencia assim que analisamos detalhadamente as relações de espaço constituídas pelo filme.

Para se referir à porção de espaço que se descortina na tela a teoria de cinema convencionou o termo campo (em inglês, *on-screen*, em francês, *champ*). Mas o “espaço fílmico” (Aumont, Bergala, Marie, & Vernet, 1995, p. 19), o universo onde se desenrolam os acontecimentos do filme, não se resume apenas ao campo abrangido pela vista do espectador e demarcado pelas bordas da tela. Resta ainda outra porção de espaço, a que se estende além dos limites visuais fixados pelo enquadramento. Esse espaço não imediatamente visível, não incluso no campo, mas que lhe é vizinho recebe o nome de fora de campo (em inglês, *off-screen*, em francês, *hors-champ*). O fato curioso é que embora pertença ao espaço fílmico o fora de campo possui a princípio uma existência apenas potencial. Ele permanecerá uma virtualidade, a menos que venha a ser concretizado por um movimento de câmera (por exemplo, um plano fixo seguido por um *travelling* que amplia nossa percepção do espaço fílmico) ou pela inserção na montagem de planos de uma mesma cena, porém tomados de ângulos diferentes (por exemplo, o personagem olha para algo que não aparece na tela e no plano seguinte vemos o objeto olhado por ele).

Mas o fora de campo não é o único espaço que não é visível pelo espectador. Há também o fora de quadro (em inglês, *out-of-frame*, em francês, *hors-cadre*), o “espaço da produção do filme, onde se exhibe e funciona toda a aparelhagem técnica, todo o trabalho de direção” (Aumont et al., 1995, p. 29). Trata-se do espaço situado atrás da câmera ao qual não temos acesso por conta de uma simples limitação técnica, já que a câmera registra apenas a imagem do que está situado diante dela. Nunca do que está atrás, salvo na situação especial de se filmar com um espelho no fundo do cenário. Assim é possível obter não apenas a imagem dos atores em cena, como também, a partir do reflexo no espelho, a imagem da equipe atrás da câmera. Essa é a única situação em que essa limitação técnica é contornada. Nem mesmo o uso de mais de uma câmera seria capaz de resolvê-la. Suponhamos um filme que apresenta os bastidores de uma filmagem. Com a primeira câmera temos o registro dos atores em cena. A segunda, colocada perpendicularmente à primeira, registra os atores na frente da câmera e a equipe atrás nos bastidores. Na montagem podemos apresentar as imagens da primeira câmera, mostrando os atores em cena, o filme dentro do filme. E em seguida mostramos as imagens da segunda câmera para representar também a atuação da equipe nos bastidores. Mas embora fiquemos com uma imagem global do que se passou na frente e atrás da câmera podemos estender o questionamento, agora, em relação à segunda câmera: o que estava atrás dela? De nada serviria o emprego de uma terceira, uma quarta e assim por diante, pois sempre faltaria a imagem do que estava atrás da última câmera. Essa imagem praticamente impossível de ser registrada é o fora de quadro.

A consideração do fora de quadro torna mais complexa a relação entre espaços visíveis e não visíveis pelo espectador. Ao contrário do fora de campo, o fora de quadro nem sempre se relaciona por contiguidade ao campo. De fato, se nos detivermos na análise do espaço fílmico, observaremos casos em que o fora de quadro e o campo pertencem a domínios distintos, completamente alheios entre si. Dependendo da relação espacial construída pelo

filme, o fora de quadro se torna um espaço impossível com os acontecimentos apresentados no campo. Tomemos um exemplo em que isso se torna patente:

Em algumas cenas de diálogo no filme *Dia de outono* (Ozu, 1960), há primeiro o plano de um personagem, apresentado frontalmente no campo, interpelando alguém que não aparece na tela, seguido pelo plano de outro personagem, visto também de modo frontal, respondendo ao primeiro. Considerando apenas a situação de gravação, quando o primeiro plano foi filmado, o ator tinha à sua frente a equipe de filmagem. Mas quando consideramos o universo retratado pelo filme, o ator ou, precisamente, o seu personagem não dialoga com a equipe, mas com o outro personagem que por meio da montagem é situado no campo à sua frente. Temos então duas relações espaciais: uma que se dá durante a gravação e outra que se forma somente por meio da montagem. Se no espaço da gravação há a equipe de filmagem, no espaço fílmico construído pela montagem, a sua presença deixa de contar. E mesmo em relação à temporalidade há uma distinção, pois embora a equipe e ator fossem contemporâneos durante a gravação, a ação da primeira nos bastidores e a atuação do segundo em cena deixam de coexistir num mesmo tempo após a montagem. Fica caracterizado também um tempo da gravação e um tempo fílmico construído pela montagem.

O fora de quadro pertence justamente ao espaço e ao tempo da gravação. Mas há situações em que ele conta também na composição da relação de espaço e tempo fílmico. Tomemos agora o filme *Santiago* (Salles, 2007). Em algumas cenas temos o mordomo Santiago, também apresentado frontalmente no campo, contando suas histórias. Por vezes há uma interrupção e ele se dirige a alguém que não aparece no campo. Mas a imagem dessa pessoa não aparecerá num plano seguinte. Permanecemos com Santiago em campo e ouvimos apenas a voz de um dos integrantes da equipe de filmagem que lhe passa instruções. É justamente o som o elemento capaz de representar o que a imagem não mostra. Se não fosse

pela voz, para deixar vestígios da presença da equipe no espaço contíguo ao campo, o fora de quadro permaneceria incógnito.

Diferente da situação anterior no filme *Dia de outono*, em que o fora de quadro concernia apenas ao espaço e tempo da gravação, no caso de *Santiago*, a equipe fora de quadro também está integrada ao espaço e tempo fílmico.

A mesma integração é visível no projeto Vídeo nas Aldeias. Como nota o teórico de cinema Jean-Claude Bernardet (2004, p. 8), em alguns filmes se observa nitidamente a intimidade entre a câmera e as pessoas filmadas. Vemos muitas vezes elas se dirigindo justamente à câmera para comentar o que estão a fazer. Esses comentários espontâneos se devem ao fato de os índios se encontrarem completamente à vontade diante do cinegrafista, na maioria das vezes alguém pertencente à mesma aldeia. Para Mari Corrêa (2004), uma das coordenadoras do projeto, “a proximidade que resulta desta outra forma de se posicionar permite à pessoa filmada fazer parte da construção do filme” (p. 37). Ela passa a determinar o que deseja expor à câmera e como isso será apresentado. O filme é então construído a partir de dois olhares: “o da pessoa que filma e da que consente em ser filmada” (Corrêa, 2004, p. 37).

Entretanto apesar da homogeneidade conferida pela identidade comum entre “filmador” e “filmado”, há uma distinção clara entre os seus papéis na constituição de cada plano do filme. O último é todo prosa para a câmera. Já o primeiro adota certo pudor: ele mais olha através da câmera e pouco fala. De fato ele só falará quando for apresentado no campo. Na cena final do filme *Das crianças Ikpeng para o mundo* (Karané Txicão, Kumaré Txicão, & N. Txicão, 2001) vemos quatro garotos brincando em um rio. Um deles então olha em direção à câmera e diz: “A gente já acabou de se apresentar, agora é a sua vez.” Há um corte e vemos um índio adulto entrar pela direita da tela, juntando-se às crianças no rio com um mergulho. Só então, diante da câmera, Kumaré Txicão toma a palavra e apresenta-se como o

“videasta” do filme. Já em *No tempo das chuvas* (I. Pinhanta, & V. Pinhanta, 2000), essa apresentação é feita logo no começo. Após se apresentarem diante da câmera, os videastas retornam a seus postos fora de quadro e permanecem em silêncio no restante do filme.

Parece haver um receio em incorporar ao espaço fílmico o som que provém de fora de quadro. Estabelece-se uma espécie de regra: a equipe não pode chamar a atenção para a sua presença nos bastidores. Daí que suprimem as próprias vozes. Por trás dessa regra há a suspeita de que o vazamento de uma voz fora de quadro exigiria, já no plano seguinte, a imagem do dono da *voz-off**.

A mesma suspeita em relação à voz-off é compartilhada pela antropóloga e diretora portuguesa Catarina Alves Costa, que também atua como cinegrafista em seus documentários: “o eu personagem eu prefiro dá-lo através da câmera e não através da minha voz porque aí é demasiado... Aí sou eu, Catarina. Então aí teria que aparecer eu fisicamente também.” – transcrição do documentário homônimo *Catarina Alves Costa* (Marin, & Hikiji, 2007).

Como contraponto à concepção de que as palavras do cinegrafista devem ser ilustradas por seu corpo, temos a afirmação do diretor norte-americano David Macdougall (2006, p. 54) de que a visão da câmera já é suficiente para inscrever no filme o corpo do cinegrafista (o autor usa o termo *filmmaker*, que se traduz por cineasta, mas nesse trecho ele se refere especificamente aos filmes em que o cineasta atua também como cinegrafista). Apesar de se encontrar fora de quadro, o seu corpo e o dos personagens apresentados no campo possuem o mesmo estatuto. Podemos tirar daí duas conclusões. Ao contrário da suspeita de Catarina Alves Costa, não há necessidade alguma da aparição do cinegrafista diante da câmera caso

* Aqui se faz necessário um parêntesis para distingui-la da *voz-over*. A voz-off é contígua e coetânea aos acontecimentos apresentados no campo, embora a sua fonte esteja fora (*off*) de nossa vista. Refere-se à voz de personagens situados fora de campo ou então às vozes dos integrantes da equipe de filmagem, desde que o fora de quadro esteja integrado ao espaço e tempo fílmico, como observamos, por exemplo, no filme *Santiago*. Já a voz-over é colocada no momento da montagem sobre (*over*) as imagens, ou seja, não é contígua e coetânea aos eventos apresentados no campo. Refere-se à voz que faz a narração de uma cena.

sua voz vaze em campo. Mas, por outro lado, como a visão da câmera já basta como índice de corporeidade do cinegrafista, há quem encontrará nisso uma razão para dispensar a voz-off, tomando-a por supérflua. O próprio Macdougall adota em seus filmes um registro mais observacional, valendo-se minimamente de intervenções fora de quadro. Em *The new boys* (Macdougall, 2003), o autor acompanha o cotidiano de garotos que vivem na Doon School, um internato de elite indiano. Mantém-se discretamente com sua câmera em torno dos internos em todas as suas atividades. Mas à noite, no momento em que todos se deitam e a luz do dormitório se apaga, os garotos dizem: “Boa noite, Senhor!” Há um breve instante de indefinição, mas, convocado pelo campo, Macdougall responde e ouvimos a sua voz: “Boa noite!”

Apesar do receio em relação à voz-off, ela é um recurso que merece ser explorado. É claro que o registro da voz do cinegrafista imprime um ar amador à cena. De fato esse tipo de recurso é mais comum em vídeos caseiros (o exemplo do pai que incentiva o filho enquanto filma a partida de futebol na escola). Mas é possível obter efeitos bem interessantes com a voz-off. O diretor francês Alain Cavalier tem se valido bastante desse recurso, digamos, menos nobre do cinema. Em *Chambre d’hôtel Nyon* (Cavalier, 2010), entrevista concedida por ocasião do festival Visions du Réel, as imagens foram captadas pelo próprio diretor e mostram o interior de um quarto de hotel, no qual se encontra também a entrevistadora. Entretanto a presença de ambos nos é dada apenas por suas vozes fora de quadro. Trata-se de uma configuração extremamente curiosa que frustra exatamente a expectativa pela inclusão de um plano com a imagem dos donos das vozes-off.

Já no filme *Irène* (Cavalier, 2009), o diretor, que também atuou como cinegrafista, procura objetos, lugares e pessoas que possam de algum modo lhe devolver a vida de sua esposa Irène, morta em 1972 num acidente de carro. Enquanto enquadra esses elementos com sua câmera, o diretor fora de quadro conta suas lembranças de Irène. Aqui a voz-off não

descreve apenas a imagem apresentada no campo. Ela remete a algo ausente na tela: a imagem do diretor atrás da câmera certamente, mas, mais do que isso, a imagem de sua falecida esposa.

Outro exemplo significativo de uso da voz-off pode ser encontrado no documentário brasileiro *O prisioneiro da grade de ferro*, de Paulo Sacramento (2003), que retratou o cotidiano do extinto presídio Carandiru combinando imagens captadas não apenas pela equipe de produção, mas também pelos próprios detentos. No filme, há momentos em que a voz-off não serve apenas à imagem presente, mas, como notado em *Irène*, ela é utilizada a serviço da rememoração. Isso ocorre na sequência “A noite de um detento” (inclusive a mais longa do filme com quase quinze minutos), em que os detentos Joel e Marcos retratam a experiência de adormecer na prisão e ver o sol nascer quadrado. Os dois se revezam no manuseio da câmera, mas não seguem o imperativo de não falar enquanto operam a câmera. Ao enquadrar o metrô saindo da Estação Carandiru, Joel lembra, “faz tempo que não ando num desse”, e imagina o dia em que pegará o metrô para voltar para casa. Joel filma uma torre da Paulista e lembra-se das vezes em que comemorou as glórias do Corinthians. Quando estouram fogos de artifício, Joel e Marcos lembram-se do réveillon, da casa, de suas famílias.

É claro que se trata de um momento relativamente isolado, pois em geral o filme estabelece uma convenção: para cada atividade e ocupação do presídio, vemos imagens que as exemplificam sobrepostas por uma locução que faz sua descrição. Ao invés da voz-off, aqui se configura uma voz-over. Não apenas ignoramos quem fala como não podemos determinar em que espaço e tempo esse alguém se encontra. Essa voz permanece indeterminada até o momento em que é situada por um plano com o detento falando diante da câmera. Embora ele se dirija a alguém fora de quadro, pouco importa se atrás da câmera está outro detento, o diretor de fotografia ou o diretor, pois a equipe nos bastidores se mantém o mais discretamente possível. A descrição é tanta que o detento poderia estar diante de uma câmera

afixada em um tripé, sem qualquer cinegrafista, e isso pouca diferença faria. Na verdade, tudo o que importa jaz apenas no campo. Não faz diferença saber quem está fora de quadro operando a câmera, contanto que os elementos inseridos no campo sirvam à composição do autorretrato dos detentos.

O próprio diretor de fotografia, Aloysio Raulino, não seria capaz de precisar quem eram os cinegrafistas fora de quadro. Em debate ocorrido no Festival de Gramado,

“o Aloysio falou num certo momento que ele não sabe mais quais são as imagens que ele captou e quais são as imagens que os presos captaram em alguns momentos. É claro que algumas são marcadas, como a noite do detento, mas quando tinham várias câmeras no local ele já não sabe diferenciar o que é dele e o que é dos outros” (Contracampo, 2004, para. 15).

Quando o cinegrafista não fornece nenhum dado além da visão da câmera, não temos outros indícios capazes de personalizar o fora de quadro. E o que torna “A noite de um detento” tão marcante é justamente o uso frequente da voz-off, que evidencia não apenas o espaço fora de quadro, mas também o cinegrafista enquanto personagem que vê e reage ao campo de maneira bastante particular.

A ideia de um cinegrafista fora de quadro em interação com o campo se desenvolve justamente no *found footage*. Por se tratarem de falsos documentários, filmes como *A bruxa de Blair* e *Cloverfield* apresentam uma particularidade relacionada ao fora de quadro, já que há uma distinção entre o cinegrafista de fato e o cinegrafista morto ou desaparecido na ficção. Essa divisão fica clara em *Cloverfield*. Em entrevista ao portal *Horror Society* (Kirst, 2008), o ator T. J. Miller, que interpreta o personagem-cinegrafista Hud, revelou que de fato gravou apenas um terço das imagens do filme. Podemos falar então de dois tipos de fora de quadro: um válido no espaço e tempo da gravação, que nos remete aos cinegrafistas profissionais ou ao ator com a câmera na mão; e outro válido apenas no espaço e tempo fílmico, que nos remete ao personagem-cinegrafista Hud.

É preciso também lembrar que o *found footage* não se coloca como um registro em câmera subjetiva, técnica cujos limites já foram destacados pela teórica de cinema norte-americana Vivian Sobchack (1991, pp. 236-248) na análise de *Lady in the lake* (Montgomery, 1947), filme composto quase integralmente por planos subjetivos. A autora demonstra o fracasso do filme em reproduzir a experiência corporal da visão através da câmera subjetiva. Para demonstrá-lo Sobchack serve-se de uma cena em particular em que o protagonista acende um cigarro enquanto esquadrinha as pessoas ao seu redor num salão. Nesse exato momento, o cigarro e as mãos do protagonista ocupam grande parte do plano. Se estivéssemos na mesma posição do protagonista, o mesmo cigarro, apesar de visível em nosso campo perceptivo, possuiria uma presença mais fraca do que a das pessoas, uma vez que nossa intenção estaria voltada para elas. A autora detém-se no fato de que nossa visão observa uma hierarquia de interesses, que conforma uma qualidade de presença para cada objeto em nosso campo perceptivo.

Em alguns momentos o filme até tenta construir essa hierarquia de interesses, mas segundo Sobchack através de meios incongruentes com a percepção humana. Numa cena em que o protagonista fala ao telefone, o filme borra o objeto que não lhe chama a atenção, no caso o telefone, e destaca os outros objetos da sala que são o verdadeiro foco de seu interesse. Mas, de acordo com a autora, não é que o objeto fica desfocado, como se estivéssemos com astigmatismo. Ele simplesmente tem uma presença latente.

A autora conclui pela não equivalência entre a experiência corporal da visão e a experiência visual proporcionada pela câmera subjetiva. Essa conclusão contraria de certo modo os trabalhos em psicologia dos já citados Saadi Lahlou e Cláudia Mausner, visto que ambos posicionam as câmeras na altura dos olhos dos participantes.

Lahlou (2011) vem desenvolvendo desde a década de 1990 um método de pesquisa com microcâmeras e microfones instalados nas laterais da armação de óculos. Participantes

são instruídos a usar esse equipamento no dia-a-dia em casa, no trabalho. Como não precisam se preocupar com o manuseio da câmera, que grava automaticamente por horas, os participantes têm as mãos livres para desempenhar normalmente atividades triviais, como preparar um chá, fazer refeições, ou tarefas especializadas, como consertar computadores.

Mausner (2006) fez adaptações em equipamentos de trilha para que excursionistas pudessem obter registros em vídeo de suas caminhadas num parque do estado de Nova York. Por exemplo, adaptou microcâmeras na estrutura de lanternas de cabeça e afixou microfones no quadro externo de mochilas.

Entretanto os dois autores estabelecem protocolos para contornar essa não equivalência entre a visão humana e a visão da câmera. Como nem sempre o que se encontra no centro da imagem é o foco da atenção do participante, o pesquisador deve entrevistá-lo com o auxílio de trechos dos vídeos gravados para determinar qual era a hierarquia de interesses, ou seja, o que constituía o campo perceptivo do participante no momento de cada registro.

O mesmo problema suscitado por *Lady in the lake* não ocorre nos filmes de *found footage*, já que a câmera não finge ocupar o lugar dos olhos dos personagens, mas se coloca entre determinado elemento do campo e a resposta correspondente do cinegrafista fora de quadro. A mediação da câmera é, portanto, um elemento assumido pela própria narrativa. Por meio dela, temos o testemunho da reação do cinegrafista ao campo: seja a invasão de monstros alienígenas em *Cloverfield*, sejam os mistérios da floresta em *A bruxa de Blair*.

FILMAR

Fora de quadro e campo

A novidade trazida pela abordagem inusitada do *found footage* não interessa apenas aos domínios do cinema. Pesquisadores que investigam a interação entre homem e seu entorno podem pensá-la também em termos de fora de quadro e campo.

Voltemos mais uma vez aos trabalhos de Saadi Lahlou, Claudia Mausner e Lineu Kohatsu, todos no âmbito da psicologia, que confiaram as filmagens aos participantes.

Na pesquisa de Lahlou (2011), o espaço fora de quadro poderia se insinuar através da voz do participante. Mas, como são instruídos a agir de modo natural, o participante não fala consigo mesmo em voz alta, não comenta as atividades no momento mesmo em que as desempenha. Esses comentários serão colhidos num segundo momento, quando o pesquisador e participante assistem a trechos dos vídeos gravados. A revisão desse material é o momento em que o pesquisador tenta compreender os processos mentais envolvidos em cada uma das atividades desempenhadas pelos participantes, investigando, por exemplo, o que pensavam enquanto praticavam determinada ação ou por que subitamente mudaram de direção na tentativa de cumprir certa tarefa.

Já na pesquisa com excursionistas conduzida por Mausner (2006), de um lado, no campo, vemos imagens da trilha, da paisagem e acompanhamos a progressão e o esforço dos participantes ao longo do percurso. De outro, a partir do som que provém do fora de quadro, ouvimos comentários e colóquios entre os excursionistas, que atuavam em duplas, ou mesmo solilóquios, quando não caminhavam lado a lado. A autora instruiu os participantes a falarem sempre, mesmo se estivessem sozinhos, sobre tudo o que lhes atraísse a atenção no decorrer da caminhada. A partir dos dados audiovisuais reunidos Mausner tenta compreender a forma com que a natureza é vivenciada através de caminhadas, buscando não só compreender a percepção da paisagem e das trilhas, como também o modo como os participantes respondiam

às dificuldades impostas pelo traçado das trilhas, a fim de estabelecer alguns critérios para o aprimoramento do seu desenho.

Nessas duas pesquisas se evidencia mais a interação momentânea entre homem situado fora de quadro e ambiente apresentado no campo. Caso o interesse dos pesquisadores esteja no resgate da memória uma das opções é trabalhar a rememoração através do jogo entre a imagem presente no campo e a evocação de algo ausente por meio da voz-off, como vimos anteriormente no filme *Irène* e na sequência “A noite de um detento” em *O prisioneiro da grade de ferro*.

Foi o que ocorreu na pesquisa de Kohatsu (2005). O participante não apenas respondia ao espaço que tinha imediatamente diante de si, como também interagiu com o espaço mediado pelas recordações: o “olhar não é prisioneiro do aqui e agora, ele não se acomoda somente à superfície do visível. Ele também é capaz de mergulhar na profundidade do tempo e recordar as experiências vividas naquele local.” (Kohatsu, 2005, p. 118).

Há uma vantagem clara em trabalhar com o participante fora de quadro, atrás das lentes, pois na configuração mais comum, na qual o participante é apresentado diante da câmera, precisamos lidar com dois níveis de leitura, visto que há duas relações em jogo: uma que se desenvolve no campo entre os participantes e outra estabelecida entre eles e o pesquisador fora de quadro. Em geral, as pesquisas tratam mais do primeiro nível de leitura. Já o segundo começou a ser abordado a partir da década de 1980, quando a posição do pesquisador se tornou definitivamente uma questão. O reconhecimento da participação dos próprios pesquisadores na constituição do campo levou-os à adoção de uma análise mais reflexiva. Helen Lomax e Neil Casey (1998), por exemplo, analisam os momentos em que a presença da câmera e do próprio pesquisador fora de quadro se imiscui na relação dada no campo entre as participantes (no caso, a interação entre mãe e parteira durante consultas pós-natal). Mas uma nova questão foi introduzida pela reflexividade, tal como foi designado esse

modo circular de pensar, ocupado com a participação dos próprios autores no fenômeno pesquisado. Para Ruth Holliday (2000), a análise reflexiva fez com que os pesquisadores perdessem de vista os participantes, focados que estavam em analisar o quanto interferiam fora de quadro.

Agora se trabalhamos com o participante atrás da câmera, o campo e o fora de quadro não valem isoladamente. Não há uma divisão de escopo: examinar o que se passa no campo ou o que se passa fora de quadro. O foco não está num ou noutro, mas no modo como um se relaciona com outro. Está em consideração justamente a interação mantida entre o participante fora de quadro e os elementos apresentados no campo.

É certo que ambos se relacionam diretamente por contiguidade, mas mesmo assim não podemos entender o vídeo resultante dessa interação como um registro direto, sem qualquer tipo de mediação do pesquisador. Há outro tipo de fora de quadro, outro elemento invisível que participa na configuração do campo. O filme *Irène* novamente pode ser útil em nossa argumentação. Sempre que começa uma tomada, Alain Cavalier já está diante dos objetos que se associam à Irène. Ele não chega casualmente com sua câmera até eles. Há algo antes do quadro, uma preparação anterior a cada tomada. Essa anterioridade também pode ser pensada no caso de um vídeo registrado pelo participante, pois, antes mesmo de começarem as gravações, há todos os preparativos conduzidos pelo pesquisador, por exemplo, os primeiros contatos com os participantes, as entrevistas, as instruções para a coleta de dados, para delimitar, por exemplo, o que pode ser filmado e como a filmagem deve ser feita. A gravação surge em resposta ao contexto específico de um projeto de pesquisa. Antes de qualquer objeto ser colocado no campo cinematográfico pelo participante, há o campo de investigação estabelecido pelo pesquisador. Depois de montado o *set* de pesquisa, não há nada que apague as pegadas do pesquisador, nem mesmo o fato de ele confiar o registro dos vídeos aos próprios participantes.

Essa questão já havia sido colocada por Barbara Ellen Gibson (2005): “o pesquisador, fisicamente presente ou não, é inevitavelmente parte do universo de pesquisa em estudo.” (p. 36, tradução nossa). A autora trabalhou o tema da identidade com portadores de distrofia muscular de Duchenne a partir de vídeos que registravam situações cotidianas vividas por eles (*video diaries*). Em função da limitação motora, os participantes gravavam com câmeras adaptadas em seus bonés ou então recorriam à ajuda de outras pessoas: em alguns casos a própria pesquisadora atuava como cinegrafista; em outros, quando ela não estava presente, familiares ou amigos operavam a câmera. Diferente de trabalhos que minimizam o papel do pesquisador quando o material é gravado pelo próprio participante (Gibson, 2005, p. 36), a autora não trata os videodiários como produções diretas, livres da interferência do pesquisador, mesmo nos casos em que foram gravados em sua ausência.

Gibson aponta para a necessidade de considerarmos com cautela a ideia de que um vídeo feito pelo participante ofereça um registro direto. Isso pareceu uma solução apenas enquanto a questão girou em torno do fato de o pesquisador operar a câmera. A partir do momento em que se questiona o caráter direto de um registro feito pelo participante, há quem aposte todas as suas fichas na busca de material preexistente, que não dependeu de um contexto de pesquisa para ser produzido. Seguindo essa tendência, já é bem possível imaginar autores realmente interessados em fontes independentes recorrendo ao acervo disponível em sites como o YouTube ou mesmo o Opentopia (site com transmissão ao vivo de imagens de webcams e câmeras de vigilância). Mas isso diria respeito apenas às filmagens. Vemos que o assunto ainda não se daria por encerrado, restando, por exemplo, a discussão sobre a montagem do material.

Essa busca por um registro direto, independente atende a uma espécie de ideal de objetividade em que é preciso mitigar a influência do pesquisador para fazer valer a visão do participante. Há nisso um paralelo com a suposição de Oumarou Ganda e dos diretores de 5x

favela, agora por nós mesmos de que era preciso “matar” quem os precedeu (Jean Rouch e Fernando Meirelles, respectivamente), isto é, fazer os próprios filmes, para que suas visões finalmente pudessem ser representadas.

Entretanto não precisamos seguir a controvérsia sobre autorrepresentação. O uso de registros obtidos por fontes independentes não se vincula necessariamente com a busca de representação direta, sem mediação.

No âmbito do cinema, isso ocorre especialmente nos filmes de *found footage*, agora no sentido de “filme de compilação”. No Brasil, o documentário *Pacific* (Pedroso, 2009) é um exemplo recente de filme que trabalha com imagens preexistentes captadas por fontes alheias. Ao final de um cruzeiro no navio Pacific a equipe de produção abordou passageiros que haviam filmado a viagem e tomou emprestadas essas filmagens para construir o documentário. Ao se reapropriar desses materiais, que permaneceriam guardados pelos passageiros para serem vistos poucas vezes e no máximo por familiares e amigos, a intenção do filme não é buscar uma representação direta do olhar dos passageiros, sem a mediação dos realizadores, até porque nesse caso, como os passageiros não participaram da edição do material, transferiria o problema da gravação para o da montagem. Ao invés disso, há em *Pacific* a tentativa de dar sobrevida a imagens fugazes, que “feitas e armazenadas às pressas, seriam provavelmente fadadas ao esquecimento.” (Silva, 2012, p. 9).

No âmbito acadêmico, também encontramos trabalhos que se reapropriam de imagens preexistentes captadas por fontes alheias. É o caso de pesquisadores que analisam vídeos caseiros antigos de famílias com crianças posteriormente diagnosticadas como autistas, em busca de sinais precoces do distúrbio (para uma revisão de literatura sobre o assunto, cf. Saint-Georges et al., 2010). Trata-se de um uso bastante específico e diverso, que não tem qualquer relação com a busca por registros livres da mediação do pesquisador. Apenas utilizam o material a fim de formular possíveis bases para um diagnóstico precoce do autismo.

E, mesmo a nossa opção de trabalhar com o participante fora de quadro, ela também não representa a necessidade de “matar” o pesquisador, não é motivada pela busca de uma representação direta, na qual a influência do pesquisador é diminuída. O que leva então um pesquisador a optar por trabalhar com o participante fora de quadro? Isso talvez fique claro ao compararmos duas pesquisas que abordam a visitação de museus:

Richard Lachapelle (1999) emprestou câmeras a alguns visitantes de museus para que registrassem o processo de leitura de obras de arte. Nos vídeos produzidos, o fora de quadro é ocupado pelo visitante que fornece suas interpretações por meio da voz-off e o campo é composto basicamente por planos gerais e closes das obras. Já Dirk vom Lehn e Christian Heath (2006) optaram por colocar as obras e os visitantes no campo e não trabalharam com elementos fora de quadro. Antes das gravações foram feitos estudos dos espaços expositivos a fim de determinar a melhor posição das câmeras e microfones. Os equipamentos foram dispostos no museu de modo a garantir o registro do comportamento dos visitantes sem necessidade de cinegrafistas. Enquanto Lachapelle aborda o processo individual de recepção de obras de arte, Lehn e Heath tratam do processo coletivo, que inclui tanto a interação com o ambiente, o mobiliário e os dispositivos expositivos, como a interação social que ocorre quando os visitantes estão diante das obras de arte, seja com seus acompanhantes, seja com pessoas desconhecidas.

A opção feita por Lachapelle de colocar o participante fora de quadro e a opção feita por Lehn e Heath de colocá-lo no campo não se baseou no caráter direto ou indireto do registro, mas no recorte pretendido em suas pesquisas. A que se ativeram os autores? No segundo caso, aos comportamentos observáveis: a interação com o mobiliário, a socialização entre visitantes. No primeiro, aos processos imateriais: a interpretação, o juízo estético. Vale lembrar que esse mesmo domínio impalpável foi perseguido pelas pesquisas psicológicas de Mausner, Kohatsu e Lahlou: a percepção da paisagem e de trilhas, a vivência e a memória do

bairro, pensamentos ocorridos durante a execução de atividades cotidianas. Talvez possamos verificar aí uma tendência: Para quem deseja sondar aspectos visíveis do ser, basta examinar as imagens apresentadas no campo. Agora, se o desejo for sondar o invisível, a resposta estará bem fora de quadro, denunciada pela voz-off.

OUVIR

Sondar o movimento

Concentraremos agora nossos esforços na banda sonora dos vídeos e passaremos à análise do conteúdo da voz-off.

De imediato ficou claro que lidávamos com um material incomum. Se comparado ao conteúdo de entrevistas que trabalham com a história de vida, o teor das conversas em nossos passeios não possuía demasiada profundidade. Nossos passeios com os moradores percorriam mais o terreno da trivialidade. A partir deles poderíamos estabelecer uma lista de estabelecimentos composta por diferentes restaurantes, mercearias, jornais, lojas de presentes situados no bairro da Liberdade. E o que se falava desses lugares se mantinha em termos banais: já conhece ou nunca foi; serve comida gostosa, saborosa ou ruim, sem gosto; o preço é barato ou caro; tem dono japonês, chinês, coreano ou brasileiro; lá se encontra muita ou pouca gente; forma fila ou sempre está vazio; está aberto ou fechado; é novo ou antigo.

Surpreendidos pelos resultados obtidos, tardamos a nos recompor. Mas a demora nos providenciou o tempo justo para maturar um sentido original. Até então estávamos mais preocupados em ver o bairro da Liberdade. Já os nossos participantes destacavam pouco o apelo visual do bairro da Liberdade. Era mais comum uma apreciação do sabor das comidas servidas nos diferentes restaurantes do que uma consideração sobre a aparência do bairro. Não se discutia se as suas feições eram vistosas. Estávamos então diante dos traços saborosos do bairro da Liberdade.

Diante desse primeiro achado a conclusão mais apressada seria a contraposição entre a percepção do turista e a do morador. O primeiro, vindo de fora, trata o bairro da Liberdade com a distância da visão. O segundo, dentro de casa, com a intimidade do paladar. Para o turista, o bairro é vistoso, ou seja, ele agrada os olhos. Para o morador, o bairro é saboroso, ou seja, ele agrada o paladar. Mas isso está longe da experiência cotidiana, pois o turista também

se pauta pelos atrativos culinários (e os restaurantes japoneses e chineses do bairro da Liberdade tem reconhecido apelo no turismo gastronômico em São Paulo) e o morador também é dado à contemplação (basta nos lembrarmos da participante Diana e seu encanto pela fachada do Bradesco na Praça da Liberdade ou da loja Himeya). Além disso, esses achados podem ser lidos em conexão às restrições do procedimento, que conteve o desenvolvimento dos aspectos visuais.

Seguindo os traços saborosos da Liberdade, passamos a nos deter mais sobre o que se falava da vida gastronômica do bairro e então pudemos recolher alguns hábitos alimentares dos participantes. Ao escolher um estabelecimento, os moradores se orientavam pelo preço dos produtos ou serviços oferecidos. A busca por preços mais em conta levava a alternativas que fugiam das habituais referências orientais associadas à Liberdade. Por exemplo, ninguém a princípio associaria o bairro a um bom bife à parmegiana ou à comida brasileira, a uma boa feijoada. Mas em nossos passeios fomos apresentados a essas referências incomuns.

Embora o custo mais alto desencorajasse a ida a um restaurante, sabiam através de amigos se a comida servida de fato valia o preço. Mas nem sempre o custo alto lhes trazia dissabores, pois quando levados a convite de alguém mais abastado podiam finalmente saborear um prato mais caro.

A identificação da nacionalidade dos donos de estabelecimentos também é válida na orientação dos hábitos alimentares dos participantes. Ela importa na delimitação do caráter culinário. Por exemplo, é preciso saber de antemão a nacionalidade da casa de macarrão, pois, conforme sabemos por Lina, a ida a uma casa de macarrão chinês combina sabores mais acentuados, já a visita a uma casa de macarrão japonês convida um gosto mais suave.

Em alguns momentos, a identificação da nacionalidade cria impedimentos. Por exemplo, um chinês do lado continental poderia não ver com bons olhos um estabelecimento taiwanês. A mesma reserva podia ocorrer do outro lado. Mas, antes de qualquer conclusão

apressada, é preciso ressaltar que a discriminação estava longe de constituir o tom dos passeios. Em nossas conversas com os moradores notamos que eventuais diferenças entre países não afastavam ninguém na hora das refeições. O chinês não deixa de frequentar o restaurante taiwanês. O taiwanês não deixa de comer no restaurante chinês. O chinês não deixa de visitar o restaurante japonês. O japonês não deixa de ir ao restaurante chinês.

Além dos hábitos alimentares, aprendemos a identificar a frequência dos estabelecimentos. Os participantes sabiam distinguir os lugares cheios dos vazios, onde afluíam mais ou menos fregueses, onde se formava fila ou havia pouco movimento, até mesmo a freguesia típica dos estabelecimentos, de acordo com classe social e nacionalidade. Por exemplo, Tadeu sabia, por tentativas fracassadas de ingresso, que na boate Borboleta só entravam coreanos. Já Maria identifica no restaurante Chibina a frequência de chineses continentais de classe mais baixa.

A princípio consideramos tanto os hábitos alimentares dos moradores como a frequência dos estabelecimentos somente enquanto manifestações da vida gastronômica do bairro da Liberdade. Mas outro sentido se abriu com a retomada de noções usadas por Kurt Lewin (1970, 1973) na análise do espaço social, tais como topologia, locomoção, vetor e valência. Só então compreendemos que os hábitos alimentares e a frequência abrangiam não somente ao ato de comer, como também ao de andar.

A topologia, enquanto representação gráfica que não se atém à magnitude espacial, permitiu a Kurt Lewin tratar o espaço social sem a preocupação de estabelecer medidas precisas para as suas dimensões. Em geral as representações topológicas do autor são complexas, contendo pontos que identificam a posição inicial da pessoa e o seu destino, vetores indicativos da locomoção no espaço social, eventuais barreiras que impediriam o deslocamento, sinais positivos ou negativos de valência do movimento. Mas tomamos como modelo uma representação topológica mais simples, utilizada pelo autor num texto que trata

da vida conjugal para apresentar os elementos variados que compõem o espaço social do marido: trabalho, filhos, esposa, clube, até a prática de golfe (Lewin, 1970, p. 110 e p. 116).

Para nosso interesse imediato essa versão simplificada já é suficiente. Ela nos oferece um esquema ilustrativo dos temas fundamentais que organizam o espaço particular de nossos moradores no interior do bairro da Liberdade. A seguir apresentamos algumas representações topológicas do espaço, divididas pelo sabor, preço, nacionalidade e frequência:

Figura 9 – Representação topológica do espaço segundo o passeio com Tadeu

Figura 10 – Representação topológica do espaço segundo o passeio com Bruno

Figura 11 – Representação topológica do espaço segundo o passeio com Maria

Figura 12 – Representação topológica do espaço segundo o passeio com Lina

Figura 13 – Representação topológica do espaço segundo o passeio com Diana

Seguindo a topologia de Kurt Lewin, cada compartimento pode ser entendido como atrator ou repulsor do movimento, estabelecendo uma espécie de campo eletromagnético que determinava a circulação dos moradores pelas ruas do bairro da Liberdade.

Um restaurante caro atraía com a promessa de comida mais saborosa, mas o dinheiro curto impedia o movimento até o local. Um restaurante barato surgia então como alternativa,

mesmo que fosse menos saboroso. Tudo se inverteria numa situação de bonança. A mesma falta de sabor repeliria o restaurante barato e o movimento tenderia ao restaurante custoso e saboroso.

Entre um restaurante japonês e outro brasileiro, o participante Tadeu, extremamente crítico em relação aos pratos japoneses preparados no bairro da Liberdade, tenderia ao sabor brasileiro oferecido por uma boa feijoada. Aqui no Brasil, o prato vale a ida ao restaurante. Mas o mesmo não se estenderia ao contexto japonês. O participante comenta que se estivesse no Japão não comeria feijoada.

Em alguns casos, um lugar cheio vale como atrator. Quando a participante Diana se refere ao senhor que faz leitura da mão na Galeria Maruyama, ela observa que o ponto sempre forma fila e, portanto, devia valer a pena a espera por uma consulta. Mas, em outra situação, a frequência elevada a afastava. Em suas compras, Diana prefere o Ikezaki vazio da filial na Praça da Liberdade ao cheio da matriz na Galvão Bueno.

Orientados então pelo sabor, preço, nacionalidade e frequência dos estabelecimentos, aprendemos a caminhar com mais desenvoltura pelas ruas do bairro da Liberdade. Os moradores nos propiciaram até mesmo o conhecimento da rotina dos estabelecimentos ao longo da semana, o que importa bastante para não gastarmos a sola dos sapatos e darmos de cara com as portas cerradas de um restaurante. Se quiséssemos comer um prato chinês às terças-feiras, seria importante sabermos que nem todo restaurante chinês abre justamente nesse dia da semana.

Mas é preciso ressaltar que os passeios de Ieda e Sílvia seguiram menos por esses caminhos. Até por isso nem criamos uma representação topológica para elas. As moradoras apontam mais as transformações no bairro, o que havia antes, como era antigamente. Assim como Maria e Diana, são moradoras veteranas do bairro, que sabem apontar os estabelecimentos antigos que fecharam e foram sucedidos por outros; bem como os

tradicionais que resistiram à passagem do tempo e ainda funcionam. Mas a percepção dos ciclos dos estabelecimentos não se dá apenas por uma questão de senioridade. Ela era acompanhada pelos moradores mais recentes, sendo comum apontarem quais eram os estabelecimentos novos ou velhos.

Embora a identificação dos ciclos dos estabelecimentos não prescrevesse a circulação dos moradores, havia uma relação entre o movimento orientado por sabor, preço, nacionalidade, frequência e a fortuna ou desventura dos estabelecimentos.

Por exemplo, onde há bastante movimento, vem a prosperidade do negócio, que se mantém sem muita alteração. Às vezes se dá uma reforma ou mesmo uma ampliação, como ocorreu com a loja Ikesaki, menor na lembrança de Ieda, que ampliou as dependências de sua matriz na Galvão Bueno e abriu até outra unidade nas imediações da Praça da Liberdade.

Por outro lado, onde há pouco movimento, vem o fechamento das portas e então um novo estabelecimento é aberto em seu lugar. Nesses quatro anos de pesquisa, acompanhamos o fechamento do restaurante Shangai, lembrado por Maria pelo baixo movimento nos últimos dias. Em seu lugar os donos do antigo restaurante abriram o mercado Azukiya, recém-inaugurado na ocasião do passeio com Diana. O Shopping Lotte, fechado durante o passeio com Lina, é um caso diferente. Embora bastante movimentado, o shopping só teve suas portas fechadas por ação municipal contra o comércio de produtos ilegais. Durante o passeio com Diana, o shopping, agora com situação regularizada, encontrava-se novamente aberto.

Aos poucos tomamos ciência de que o simples ato de andar seguidamente ou não até determinado estabelecimento, na medida em que demarcava o movimento alto ou baixo, contribuía diretamente no desenho das feições do bairro. Essa relação direta nos permaneceu incógnita enquanto mantivemos um entendimento fenomenológico da paisagem mais alinhado à filosofia. Até então tentamos trabalhar segundo a poética do espaço de Gaston Bachelard (1993) ou o pensamento paisageiro de Augustin Berque (2009). Nas leituras

iniciais de *O homem e a terra*, de Eric Dardel (2011), e *Topofilia*, de Yi-fu Tuan (1980) identificamos essa mesma linhagem fenomenológica de escrita e pensamento que alcança um entendimento do espaço e da paisagem que poderíamos classificar de aéreo. Compreendem textos mais sofisticados, que nos elevam ao devaneio, à meditação, mas cujo diálogo com os fenômenos com os quais nos deparamos a partir dos passeios com os moradores soava artificial. Parecia deslocado falar em poética, ecúmeno, geograficidade ou topofilia diante de fenômenos tão térreos e concretos.

Sentíamos a necessidade de um entendimento fenomenológico mais pedestre da paisagem. Nesse ponto tivemos um feliz encontro com as contribuições do arqueólogo britânico Christopher Tilley (1994). No segundo capítulo de sua fenomenologia da paisagem, o autor apresenta casos de povos tão distintos como os aborígenes australianos, os Mistassini Cree de Quebec, os Koyukon do Alaska, os Foi e os Kaluli de Papua Nova Guiné, mas que se assemelham no modo como tratam as respectivas paisagens locais. Num plano mais imediato, elas são tratadas enquanto solo para suas atividades diárias de subsistência e, num plano mais remoto, enquanto vestígio de tempos ancestrais. No entendimento desses povos, uma formação do terreno encerra tanto a metamorfose do próprio ancestral (ou de algum objeto deixado por ele), como o rastro de sua passagem pela terra. Nesse caso, há uma correspondência entre o desenho da paisagem e os movimentos dos antepassados durante tempos mitológicos. Para os aborígenes australianos, por exemplo, os meandros traçados por um rio foram produzidos pelos movimentos da serpente ancestral. A depressão de um charco guarda a marca do lugar em que o ancestral se sentou.

Embora o trabalho do autor nos remeta ao tempo longo da arqueologia, podemos pensar num intervalo bem mais curto e retornar ao bairro da Liberdade. A paisagem local se conformou aos passos de diferentes grupos que por lá andaram e desandaram. Podemos enumerar diferentes movimentos que deixaram marcas na paisagem: os afluxos dos tempos da

escravidão deixaram como rastro a Capela dos Aflitos e a Igreja dos Enforcados; os afluxos italianos e portugueses, a Lega Itálica e a Casa de Portugal, respectivamente; os afluxos japoneses, chineses e coreanos, a decoração instalada na década de 1970 e os variados comércios orientais.

Cada um desses movimentos, curiosamente ligados às grandes rotas de imigração para formar a mão-de-obra brasileira, transformou as feições locais. Mas não apreendemos apenas esses traçados de trabalhadores imigrados da África, Europa e Ásia. Encontramos também afluxos religiosos no bairro da Liberdade, o que inclusive nos motivou a visitar diversas igrejas sediadas na região em busca de indicações de moradores. A presença de igrejas cria alguns movimentos particulares no bairro da Liberdade. Por exemplo, na segunda-feira há um aumento na visitação da Igreja dos Enforcados para cumprir a tradição de acender velas às almas dos enforcados, costume lembrado durante o passeio com Sílvia.

Há ainda os afluxos estudantis, dado o grande número de faculdades instaladas no bairro. No passeio com Lina soubemos da concentração de estudantes na Rua Taguá, especialmente na sexta-feira, quando chegam a barrar a passagem pela rua durante os seus festejos. Em nossas próprias visitas ao bairro no período noturno, pudemos notar também o intenso fluxo de estudantes pela Avenida da Liberdade. Em alguns casos ocupam até uma das faixas da avenida, no caminho das faculdades até o metrô São Joaquim.

Em busca de referências sobre o ato de andar, deparamo-nos com as abordagens de Michel de Certeau (1984) e de Guy Debord (1958). Mas tivemos dificuldade de incorporá-las ao nosso trabalho. A deriva proposta por Debord diverge de jornadas rotineiras e ordinárias nos mesmos moldes de nossos passeios com os moradores do bairro da Liberdade, como, por exemplo, o caminho de todo santo dia trilhado por Lina. Debord não se dignava com o alcance estreito desse tipo de jornada e, para demonstrá-lo, cita um estudo que, após acompanhar uma estudante parisiense durante um ano, concluiu que todos os seus percursos

compunham um triângulo, formado entre a faculdade, a residência e o local em que tomava aulas de piano. A teoria da deriva estabelece então um tipo lúdico de andar, cujos passos podem seguir cursos diversos em resposta aos apelos e atrações encontrados ao longo do caminho.

Já a nossa dificuldade com a abordagem de Michel de Certeau expressa uma dúvida sobre o alcance de sua retórica da caminhada. É preciso admitir que a princípio nos impressionou a aproximação entre a arte da retórica e a prática de andar. Juntos com o autor, descobrimos figuras de linguagem embutidas nos atos mais pedestres. Mas, passado o lampejo produzido pela sacada brilhante, começamos a nos questionar o quanto negligenciávamos o próprio ato de andar em busca do correlato pedestre das metáforas, metonímias, sinédoques, assíndetos. E mais: isso muda alguma coisa no campo da retórica? Arranjaríamos um desvio mais sofisticado para falar de práticas pedestres, assumindo o risco de não fazermos justiça ao próprio andar ou mesmo à retórica.

Michel de Certeau é até uma das referências tomadas por Tilley (1994) no primeiro capítulo de sua fenomenologia da paisagem. Embora tenha nos introduzido à consideração do movimento e da caminhada na compreensão da paisagem, esse primeiro capítulo, com o qual trabalhávamos na ocasião da qualificação, não nos ofereceu de pronto uma direção. Apenas no capítulo seguinte, quando Tilley não recorre mais a Michel de Certeau, pudemos avançar certos de que tínhamos encontrado uma interlocução de fato promissora.

Além de Tilley, outro interlocutor encontrado para pensarmos a paisagem em termos pedestres é o antropólogo britânico Tim Ingold. No artigo “Culture on the ground. The world perceived through the feet”, Ingold (2004) busca um contraponto à tradição que estabelece o predomínio da cabeça sobre os pés, identificando o conhecimento ao intelecto. Aqui, segundo essa hierarquia corporal, a visão também é beneficiada pela posição capital e elevada dos olhos. Mas Ingold nos recoloca em âmbitos mais térreos da experiência ao trazer a

participação dos pés para a formação do conhecimento. Revendo nossos procedimentos, esse elemento pedestre está presente na opção de entrevistarmos os moradores enquanto batíamos perna pelas ruas do bairro da Liberdade, ao invés de apenas falarmos sobre o bairro de cabeça.

Em trabalho posterior, no artigo “Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing”, Ingold (2010) prossegue em sua investigação da caminhada, abordando-a justamente a partir da pegada. Aqui fica clara a diferença entre as abordagens de Ingold e de Certeau. Enquanto o primeiro toma como ponto de partida uma produção dos pés, resultante da transferência do peso corporal para o solo, o segundo parte de uma produção mental, já que a retórica da caminhada não trata dos pés, mas de uma abstração, uma derivação elevada da atividade pedestre.

Ocupado com um projeto ativo, nos domínios da política, para pensar a caminhada no confronto entre a cidade planejada pelas autoridades e a cidade praticada no dia-a-dia pelos próprios cidadãos, Michel de Certeau não chega a se ater aos pés. Mas essa desconsideração do autor não corresponde tanto a uma concepção polarizada entre corpo e mente. Essa polarização se apresenta mais em Yi-Fu Tuan (1983), especialmente no capítulo de *Espaço e lugar* em que trata mais de perto da questão do movimento, quando traça uma distinção entre habilidade e conhecimento espacial. Embora tente mostrar o quanto esses dois termos estão entrelaçados, o autor estabelece a proeminência do segundo sobre o primeiro. A rigor, o movimento corporal deve ser elevado à atividade mental, ou seja, a habilidade espacial deve ser enriquecida pelo conhecimento espacial.

Esse primado da mente sobre o corpo não se coloca em Ingold (2010), para quem o movimento já forma conhecimento. Isso se verifica na própria investigação sobre o fenômeno das pegadas. Para compreender essa marca deixada pelos pés sobre o solo, o autor trabalha a partir de uma série de comparações. Primeiro, compara as atividades de andar e desenhar. Em seguida, difere os potenciais de marcação das mãos e dos pés, baseados, respectivamente, nos

processos de inscrição e impressão. Por último, distingue pegadas de estampas, dentro das possíveis formas de impressão. Não cabe esmiuçar cada uma dessas comparações. Valeria mesmo a leitura do artigo. Aqui é importante reter apenas os modos de apreensão do traçado impresso pelos pés. No andar, os olhos estão muito próximos da superfície de marcação (se comparada a distância dos olhos em relação aos suportes marcados pelos pés e pelo lápis). Diferente do desenhista que acompanha o desenvolvimento das linhas no papel, o caminhante encontra mais dificuldade na apreensão do padrão geral impresso no chão. É certo que um olhar atento pode captar sutilezas de uma única pegada ou uma pequena série de pegadas (Ingold cita inclusive o fino observador representado por Sherlock Holmes). Mas é mais fácil apreender uma linha no solo quando uma série de pegadas forma uma trilha. E mais ainda quando essa trilha, pisada e repisada por inúmeros indivíduos, transforma-se num caminho contínuo. Nesse caso, já não se trata da apreensão do movimento de apenas uma única pessoa, mas de uma coletividade inteira.

O solo reúne o social. Nele, nossas vidas se vinculam. Sobre ele, refazemos os passos de nossos predecessores. Para indicar os laços térreos de uma coletividade, Ingold recorre à expressão “solo do social” (*ground of the social*). Podemos inclusive trazer essa ideia para o bairro da Liberdade. Embora calçadas não ofereçam uma superfície adequada para impressão e apreensão de pegadas, isso não significa que os pés de imigrantes japoneses não deixaram marcas no solo da Liberdade. Passo a passo, trilhas foram se abrindo e conformando o caminho de uma comunidade que passou a se socializar não apenas pelas conversas, mas também pelos movimentos compartilhados numa mesma paisagem.

O arquiteto Vladimir Bartalini (2004) apresenta uma pesquisa aparentemente diversa de nosso tema, mas que pode nos encaminhar para nossa conclusão. O autor investiga os vestígios de córregos que foram ocultados pelo processo de urbanização da cidade de São Paulo. Há um número significativo de córregos que vivem fora de nossa vista, bem abaixo do

asfalto. Deles só temos o conhecimento a partir da identificação de índices, como becos, vielas, bueiros, sobras de terreno, que destoam do entorno e aparecem de modo deslocado no contexto atual.

Hoje a Capela dos Aflitos, a Igreja dos Enforcados, a Lega Itálica, a Casa de Portugal parecem deslocados em relação à paisagem oriental predominante nos dias atuais. Assim como apontado pela pesquisa dos córregos ocultos, podemos tomá-los como índices dos afluxos de escravos, italianos e portugueses que foram ocultados, ultrapassados posteriormente com a afluência de japoneses, chineses e coreanos para o bairro da Liberdade.

Mas talvez no futuro o portal *torii*, as lanternas *suzurantou*, os jardins orientais, o piso decorado com o brasão *mitsudomoe* também terão uma aparência ultrapassada, servindo apenas como meros índices da passagem dos imigrantes orientais pelo bairro, deslocados que estarão de uma paisagem predominantemente boliviana!

Sim, boliviana. Hoje a figura do boliviano começa a se destacar nas conversas dos moradores do bairro, como ocorreu durante os passeios com Lina e Sílvia. Na cidade de São Paulo, os bolivianos já possuem um espaço de referência, a Praça Kantuta, no bairro do Pari, que no domingo acolhe uma feira de artigos bolivianos. Mas as suas pegadas começam a ser identificadas no bairro da Liberdade. O Viaduto Cidade de Osaka, por exemplo, é identificado ao circuito de camelôs bolivianos. Aos poucos a paisagem da Liberdade se aviva com os afluxos bolivianos. De pegada em pegada, a comunidade deixa trilhas e mais trilhas. Virá o dia em que se formará nitidamente um caminho boliviano no bairro da Liberdade. Bem na sua margem surgirá então um comércio boliviano, uma habitação boliviana, um restaurante boliviano. Com o tempo o próprio bairro adquirirá feições bolivianas. Quem sabe, daqui a alguns anos, uma paisagem hoje tão identificada aos orientais será caracterizada por feições bolivianas. O fato de o Projeto Caminho do Imperador não obter mais capital para a sua

continuidade revela até mesmo um arrefecimento das forças orientais que orientavam os desígnios do bairro.

Hoje esse cenário boliviano parece absurdo, mas uma transformação semelhante já ocorreu há pouco tempo. O livro *Liberdade*, escrito no final da década de 1970, expressava o estranhamento com o “falar e gostos estranhos” das comunidades orientais (Guimarães, 1979, p. 88), então em expansão pelo bairro, e a nostalgia do tempo em que outra sonoridade imperava no bairro: “a banda de música dos ‘Bursaglieri’, os italianos peixeiros, cantando pelas ruas o amor pelo ‘Palestra Itália’” (*ibidem*, p. 88). No começo do século XX, ainda se ouviam vozes italianas. Hoje, um século depois, a moradora Sílvia identifica o aumento das vozes chinesas e lamenta o declínio das vozes japonesas. No futuro, decorrido outro intervalo secular, talvez seja o momento das vozes bolivianas.

Enquanto encararmos a paisagem da Liberdade como atração para a prática do *sightseeing*, como pretenderam os projetos de revitalização do bairro, ela valerá como uma forma fixada, para servir apenas de objeto para a visão. Desse modo ela não se revelará como forma movediça, animada pelos movimentos de diferentes grupos. É preciso compreender a paisagem ainda em processo de formação. É preciso considerá-la viva.

PONDERAR

Entre passeios ao vivo e passeios em vídeo

As contribuições de Tilley e Ingold podem ser alinhadas a uma virada no âmbito das ciências humanas, posterior ao *linguistic turn* (Rorty, 1967/1992) e *pictorial turn* (Mitchell, 1994), denominada de *sensorial turn* (Pink, 2009), que se refere a trabalhos que buscam compreender o envolvimento de todo o corpo na formação do conhecimento. Essa ideia de envolvimento é designada em inglês pelo termo *engagement*, conceito que desde a década de 1970 é trabalhado no campo da estética pelo filósofo norte-americano Arnold Berleant. O autor contrapõe o conhecimento obtido por engajamento corporal ao conhecimento formado de modo desinteressado, eminentemente visual, distante e contemplativo (Berleant, 1992).

Podemos trazer essa contraposição levantada por Berleant para o nosso trabalho. De um lado, temos o conhecimento formado no corpo a corpo com o morador, passo a passo durante o passeio pelo bairro. Nesse momento, servimo-nos de nosso próprio corpo engajado para a apreensão do fenômeno. Do outro lado, o conhecimento formado à distância, já no conforto de casa, fora da agitação do bairro da Liberdade, intermediado pelo vídeo, enquanto reproduzimos, pausamos, avançamos ou retrocedemos a gravação; ampliamos ou reduzimos a imagem. Há quem trate essa possibilidade de manipulação e inspeção minuciosa da imagem como o maior atributo do vídeo na apreensão dos fenômenos. Aqui podemos voltar a uma tradição que remonta às vinte e quatro fotografias tiradas em série num brevíssimo intervalo de tempo pelo fotógrafo britânico Eadweard Muybridge em 1878, utilizadas para observação de fenômenos ínfimos, de difícil apreensão a olho nu, no caso, o instante em que as quatro patas de um cavalo deixam de manter o contato com o solo.

Certamente, não fomos capazes de captar durante o passeio todos os detalhes que somente apreendemos depois durante a revisão do vídeo. Mas o conhecimento formado com o vídeo não corresponde necessariamente a essa tarefa desinteressada e distante, mantida

principalmente pelos olhos. Se esse fosse o caso, nosso trabalho como pesquisadores se resumiria a uma questão de minúcia ou mesmo de acuidade visual.

A tarefa de traçar o particular do vídeo já foi ensaiada pela antropóloga britânica Sarah Pink (2007), que também desenvolveu trabalhos envolvendo caminhadas e filmagens. Equipada com uma câmera de vídeo, a autora filmou alguns passeios que fez com participantes pelo jardim comunitário Green Lanes. Além de examinar a própria prática, a autora considera tanto pesquisas baseadas em passeios filmados como pesquisas baseadas apenas em passeios, sem o recurso do vídeo. Nesse último caso não são raros os exemplos. Além dos trabalhos citados pela autora, também destacamos o projeto *Walking Voices*, que trata da percepção da paisagem por imigrantes de primeira geração provenientes da América Central, África e Ásia e atualmente residentes em Sheffield, no Reino Unido (Powell, & Rishbeth, 2012); a “caminhada fenomenológica” empregada por Tilley (2008) em sua abordagem cinestésica da arte rupestre; o “percurso comentado” realizado com visitantes do Museu do Louvre (Thibaud, 2001); a caminhada com o público durante a visita do módulo “Arte Incomum” da XVI Bienal de São Paulo de 1981 (Frayze-Pereira, 1995).

Para caracterizar o particular do vídeo, Sarah Pink recorre ao conceito de lugar segundo o filósofo norte-americano Edward Casey. Mas, além de o conceito ser apresentado de modo sucinto, é difícil nos decidirmos se o lugar é constituído pela caminhada ou pelo vídeo. Em alguns momentos, a autora conclui que a constituição do lugar ocorre com a caminhada: “walking as a place-making practice” (Pink, 2007, p. 245). Em outros, com o vídeo: “walking with video as a place-making practice” (*ibidem*, p. 251).

Essa confusão não é gratuita, se considerarmos que para a autora o fenômeno se deu primeiro com a caminhada e depois com o vídeo. Diante da dificuldade de distinguir claramente o que foi apreendido em cada momento, a autora talvez tenha se precipitado na

conclusão ao atrelar o vídeo à capacidade de reprodução do fenômeno vivido, realçando-o mais enquanto forma audiovisual de representação da experiência da caminhada.

Essa ideia de reprodução do fenômeno não nos parece promissora, já que nos devolve aos dilemas da autorrepresentação ou mesmo dos pesquisadores Saadi Lahlou e Claudia Mausner, diante do descompasso entre a visão da câmera e a visão humana. Quando os diretores de *5x favela, agora por nós mesmos* ou Oumarou Ganda passam para o outro lado da câmera, eles contestam os filmes de Fernando Meirelles e de Jean Rouch, respectivamente, por considerarem que a totalidade de suas vidas e de seu cotidiano não foi reproduzida fielmente. Mas o fato de eles próprios dirigirem os filmes não significa que conseguiram representar essa totalidade, como se um filme pudesse engarrafar toda uma vida e trazê-la novamente. Do mesmo modo, quando Lahlou e Mausner reveem com os participantes os vídeos gravados, fazem-no com a intenção de trazer de volta as situações vividas anteriormente pelos participantes durante a execução de tarefas cotidianas e durante o percurso de trilhas, respectivamente. Os dilemas da autorrepresentação e dos pesquisadores ocorrem porque o filme e o vídeo são tomados como tentativas de reprodução do vivido.

O arqueólogo norte-americano Christopher Witmore (2004) desenvolveu uma prática audiovisual que confunde os domínios da reprodução. A inspiração do autor são as *video walks* da artista canadense Janet Cardiff. Nesses trabalhos, a artista convida o espectador a seguir por um caminho equipado com uma câmera de vídeo. Mas, ao invés de usá-la para gravar o percurso, o espectador deve usar a câmera como um dispositivo de reprodução. Ele assiste no visor de LCD da câmera a um vídeo, filmado anteriormente pela artista, que reproduz o seu passeio pelo mesmo caminho. Além de seguir o vídeo, o espectador recebe a orientação de movimentar a câmera em sincronia com os movimentos de câmera executados anteriormente pela artista. Aqui reside o efeito pretendido pela artista, pois, embora a câmera opere no modo de reprodução (*playback*), a tentativa de reiterar os movimentos da câmera

confunde momentaneamente o espectador, criando a sensação de que ele e a câmera de fato gravam o percurso ao vivo (*live*).

Witmore (2004) busca a mesma “ilusão de gravação ao vivo” (p. 62) em suas caminhadas filmadas em sítios arqueológicos e retomadas posteriormente por participantes. O autor cunhou o termo “vídeo peripatético” com a intenção de realçar a importância do ato de perambular em sua prática audiovisual. Mas esse conhecimento formado de modo deambulatório, como na tradição do peripatetismo, ainda mantém parte dos atributos do vídeo atrelados à condição de reprodução dos fenômenos, pois o *playback* não ocorre apenas na reprodução do visor de LCD da câmera, como também na tentativa de reproduzir ao vivo os movimentos executados no passado pelo autor.

O mesmo não ocorre no cinema. Diferente das propostas de Cardiff e Witmore, o espectador pode permanecer sentado enquanto segue os acontecimentos do filme, sem qualquer preocupação de reproduzir o movimento dos cinegrafistas. Se permitisse a mesma despreocupação a seus participantes, Witmore destacaria de fato os atributos peripatéticos do vídeo, tal como alguns filmes têm trabalhado com a perambulação.

A perambulação pode se dar como um fenômeno no campo. O espectador segue os personagens em destinos mais ou menos diversos, errando em maior ou menor grau, dependendo do filme. As idas e vindas dos personagens nesse percurso variado e errante correspondem aos percalços do nem sempre retilíneo caminho de formação do conhecimento. Esse mote narrativo se apresenta, por exemplo, no *found footage*. Em *Cloverfield*, logo que começa o ataque à Nova York, os personagens buscam informação no noticiário da televisão e em seguida sobem à cobertura do edifício para observar a situação da cidade. Mas não conheceriam à distância, do alto do prédio. Os personagens então se lançam às ruas numa jornada por Nova York. Em *A bruxa de Blair*, os personagens primeiro entrevistam locais a respeito da bruxa. Mas não a conheceriam a não ser que adentrassem e errassem pela floresta.

A perambulação pode se dar também como um fenômeno no quadro. O espectador segue o comportamento do quadro. Em alguns casos, quando há uma sucessão de planos fixos, o espectador experimenta a fixidez do quadro e os saltos de um para outro. Em outros casos, como ocorre tipicamente num plano-sequência, o espectador experimenta um quadro móvel, que passeia no interior de um único plano. Poderíamos procurar mais exemplos do comportamento do quadro, mas gostaríamos de tratar diretamente de nossos passeios filmados, já que neles importa mais o fenômeno no quadro do que o fenômeno no campo.

O fenômeno no campo se resume a fachadas, letreiros, ruas, transeuntes e carros, que adquiriram um sentido disperso para nós. Nossas análises se concentraram mesmo na voz-off. Isso era até um resultado esperado, dada a importância conferida à voz-off ao posicionarmos os participantes fora de quadro. Mas, depois de transcrita, a voz-off contou mais como *playback*, pois as transcrições valeram na apreensão da experiência vivida no bairro da Liberdade, reproduzindo o diálogo que se deu ao vivo durante o passeio.

O que não esperávamos é que o posicionamento atrás das câmeras produzisse um fenômeno significativo no quadro, que somente se deu durante a revisão dos passeios filmados. Só então nos demos conta de uma instabilidade e agitação. O fenômeno no quadro nos levou à vertigem. Podemos falar em apreensão por vertigem. Mas o que a vertigem dos passeios filmados nos ensina?

O quadro não treme apenas porque abreviamos os encontros e os moradores não souberam operar a câmera, como levantamos anteriormente. Não é um problema na mão do cinegrafista, tampouco o reflexo da agitação em seu estado de espírito. Há algo no próprio bairro que convoca esse estado vertiginoso do quadro, que se agita como num *found footage*.

Em *Cloverfield*, a agitação é dada pela urgência da evacuação de Nova York, invadida por monstros alienígenas. Em *A bruxa de Blair*, o quadro é colocado num estado de agitação por conta de uma força oculta que habita a floresta. Em nossos passeios filmados, o quadro

agitado se alinha com a animação de um bairro inquieto. Das 6h00, quando se inicia a ginástica da Rádio Taissô, até a não tão calada da noite, quando grupos se reúnem em restaurantes, bares e karaokês, há tantos acontecimentos em evidência na Liberdade que vários grupos poderiam reivindicar sua parte no bairro: imigrantes e descendentes de diferentes nacionalidades, religiosos de diferentes orientações, estudantes universitários, aposentados, boêmios, etc. A Liberdade surge-nos como *scenery* (traduzido por cenário, mas também por paisagem) da ordem do *found footage*: trêmula, oscilante, vertiginosa, vibrante. É por isso que novamente a consideramos viva.

Há um movimento titubeante percorrendo este texto. Cambaleamos entre a experiência vivida na Liberdade e a experiência vivida em nossos vídeos peripatéticos da Liberdade. Vacilamos entre o passeio ao vivo e o passeio em vídeo. No delicado balanço entre o movimento apreendido pelos passeios com os moradores e o movimento apreendido pelo passeio vertiginoso do vídeo, por fim alcançamos a mesma Liberdade viva.

Balançamos também em outros momentos. Inicialmente preocupados em ver, passamos a comer e por fim a passear pelo bairro: vistoso, saboroso e depois deambulatório. Vimos o bairro japonês e avistamos o bairro boliviano. Falamos em português e japonês. Tropeçamos até mesmo no idioma alemão. Fomos de abecedário a Abe. Voltamos de *id* a *Ide*. Entre um e outro, esbarramos também com o imperativo do verbo *ir*. Por que não concluímos por ora com um mote peripatético em que o nome *Ide* se encaixa?

Para conhecer, ide vós!

REFERÊNCIAS

Bibliografia

- Aumont, J., Bergala, A., Marie, M., & Vernet, M. (1995). *A estética do filme*. Campinas, SP: Papirus.
- Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bartalini, V. (2004). Os córregos ocultos e a rede de espaços públicos urbanos. *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. 16, 82-96.
- Berleant, A. (1992). *The aesthetics of environment*. Philadelphia: Temple University Press.
- Bernardet, J.-C. (2004). Vídeo nas aldeias, o documentário e a alteridade. *Catálogo da mostra vídeo nas aldeias: um olhar indígena*. (pp. 8-11). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.
- Berque, A. (2009). *El pensamiento paisajero*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
- Bordwell, D. (2007). Unsteadicam chronicles. *Observations on film art*. Recuperado em 20 de maio, 2014, de <http://www.davidbordwell.net/blog/2007/08/17/unsteadicam-chronicles/>
- Bosi, E. (2003). Memória da cidade: lembranças paulistanas. *Estudos Avançados*, 17(47), 198-211.
- Certeau, M. de (1996). *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Contracampo. (2004). Entrevista com Paulo Sacramento e Aloysio Raulino. *Contracampo: Revista de cinema*, 59. Recuperado em 20 de maio, 2014, de www.contracampo.com.br/59/entrevistapaulosacramento.htm
- Corrêa, M. (2004). Vídeo das aldeias. *Catálogo da mostra vídeo nas aldeias: um olhar indígena*. (pp. 33-39). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil.
- Dardel, E. (2011). *O homem e a terra. Natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva
- Debord, G. (1956). Théorie de la dérive. *Les lèbres nues*, 9.
- Diário de Notícias (2008, 18 de maio). ASAE popularizou o 'sushi'. Recuperado em 20 de maio, 2014, de www.dn.pt/Inicio/interior.aspx?content_id=999737
- Estado de São Paulo (2008, 30 de abril) Reforma vai devolver traço oriental à Liberdade, em SP. Recuperado em 20 de maio, 2014, de www.estadao.com.br/noticias/geral,reforma-vai-devolver-traco-oriental-a-liberdade-em-sp,165264,0.htm
- Ferrara, L. D. (1993). *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: EDUSP/FAPESP.

- Folha de São Paulo (2008, 25 de janeiro). Chineses dividem com os japoneses o bairro da Liberdade. Recuperado em 20 de maio, 2014, de www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u366878.shtml
- Frayze-Pereira, J. A. (1995). *Olho d'água. Arte e Loucura em Exposição*. São Paulo: Ed. Escuta/Fapesp.
- Gibson, B. E. (2005). Co-producing video diaries: The presence of the 'absent' researcher. *International journal of qualitative methods*, 4(4), 34-43.
- Gonçalves, M. A. (2008). *O real imaginado – Etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Grünewald, R. de A. (2006). Turismo e o “resgate” da cultura pataxó. In: Banducci Jr., A., & Barreto, M. (Orgs.) *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus.
- Guimarães, L. de B. M. (1979). *Liberdade*. História dos bairros de São Paulo. Volume 16. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura.
- Jornal da Tarde (2009, 10 de dezembro). Chineses são 26% em escola do centro. Recuperado em 20 de maio, 2014, de www.crmariocovas.sp.gov.br/noticia.php?it=13222
- Henley, P. (2009). *The adventure of the real. Jean Rouch and the craft of ethnographic cinema*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Holliday, R. (2000). We've been framed: Visualising methodology. *Sociological review*, 48(4), 503-521.
- Ide, D. S. (2006). *Experiência estética do filme: da paixão de ver ao desejo de se fazer visão*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ingold, T. (2004). Culture on the ground. *Journal of Material Culture*, 9(3), 315-340.
- Ingold, T. (2010). Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing. *Journal of the Royal Anthropology Institute*, 16(Supplement), S121-S139.
- Kindon, S. (2003). Participatory video in geographic research: a feminist practice of looking? *Area*, 35(2), 142-153.
- Kirst, B. (2008). TJ Miller. Portal *Horror Society*. Recuperado em 20 de maio, 2014, de www.horrorsociety.com/2008/12/15/interview-tj-miller
- Kohatsu, L. N. (2005). *Do lado de fora da escola especial: Histórias vividas no bairro e contadas por ex-alunos por meio do vídeo*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Lachapelle, R. (1999). Informant-made videos: A research and educational tool. *Studies in Art Education*, 40(3), 242-257.
- Lahlou, S. (2011). How can we capture the subject's perspective? An evidence-based approach for the social scientist. *Social Science Information*, 50(3-4), 607-655.
- Lehn, D. vom, & Heath, C. (2006). Discovering exhibits: Video-based studies of interaction in museums and science centres. In H. Knoblauch, J. Raab, H.-G. Soeffner, B. Schnettler (Orgs.), *Video-analysis: Methodology and methods. Qualitative audiovisual data analysis in Sociology*. (pp. 101-113). Berna: Peter Lang.
- Lewin, K. (1970). *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo: Cultrix.
- Lewin, K. (1973). *Princípios de psicologia topológica*. São Paulo: Cultrix.
- Leyda, J. (1964). *Films beget films: a study of the compilation film*. Londres: George Allen & Unwin Ltd.
- Lomax, H., & Casey, N. (1998). Recording social life: Reflexivity and video methodology. *Sociological Research Online*, 3(2). Recuperado em 20 de maio, 2014, de http://icar.univ-lyon2.fr/ecole_thematique/idocora/documents/Lomax_Casey_%20Recording_Social_Life.pdf
- Macdougall, D. (2006). *The corporeal image*. Princeton, IL: Princeton University Press.
- Manfrinatto, A. (2008). Sorry, Liberdade. *Revista 100 anos da imigração japonesa: as surpreendentes histórias do povo que ajudou a mudar o Brasil*. São Paulo: Editora Abril, pp. 8-10.
- Mausner, C. (2006). Capturing the hike experience on video: A new methodology for studying human transactions with nature. *Proceedings of the 2005 Northeastern Recreational Research Symposium* (pp. 168-176). Newton Square, PA.
- Merten, L. C. (2010). Sim, o morro (agora) tem vez. Portal *Estadão.com.br*. Recuperado em 20 de maio, 2014, de www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100827/not_imp601003,0.php
- Miranda, L. L. (2007). Consumo e produção de subjetividade nas TVs comunitárias. *Revista do departamento de psicologia*, 19(1), 199-213.
- Mitchell, W. J. T. (1994). The pictorial turn. In: *Picture theory: essays on verbal and visual representation*. Chicago: The University of Chicago Press, pp. 11-34.
- Nakagawa, F. S. (2009). Orientalidade e orientalização: os espaços comerciais no bairro da Liberdade. In: Caramella, E., Nakagawa, F. S., Kutschat, D., & Fogliano, F. (Orgs.). *Mídias: multiplicação e convergências*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, pp. 241-262.

- Nakagawa, R. M. O. (2009). O espaço comercial noturno no bairro da Liberdade: a rua Tomaz Gonzaga. In: Caramella, E., Nakagawa, F. S., Kutschat, D., & Fogliano, F. (Orgs.). *Mídias: multiplicação e convergências*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, pp. 283-302.
- Negawa, S. (2000). *Formação e transformação do Bairro Oriental: um aspecto da história da imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915-2000*. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Nichols, B. (2007). *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papirus.
- Okamura, C. (2004). *Arouche 2004: uma incursão no território urbano da cidade de São Paulo através de seus personagens. Estudo psicossocial sobre encontros e desencontros entre olhares, imagens e paisagens – diagnóstico para uma intervenção ambiental*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Okano, M. (2009). A leitura semiótico-visual: da visualidade à visibilidade. Orientalização e orientalidade. In: Caramella, E., Nakagawa, F. S., Kutschat, D., & Fogliano, F. (Orgs.). *Mídias: multiplicação e convergências*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, pp. 263-282.
- Piault, M.-H. (1997). Uma antropologia-diálogo: a propósito do filme de Jean Rouch *Moi, un noir*. *Cadernos de antropologia e imagem*, 4.
- Pink, S. (2007). Walking with video. *Visual Studies*, 22(3), 240-252.
- Pink, S. (2009). *Doing sensory ethnography*. Londres: Sage Publications.
- Portal Vermelho. (2010). Cineastas da favela criticam Cidade de Deus e Tropa. *Portal Vermelho*. Recuperado em 20 de maio, 2014, de http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=11&id_noticia=133656
- Powell, M., & Rishbeth, C. (2012). Flexibility in place and meanings of place by first generation migrants. *Tijdschrift voor economische en sociale geografie*. 103(1), 69-84.
- Rorty, R. (1967/1992). *The linguistic turn: essays in philosophical method*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Saint-Georges, C., Cassel, R. S., Cohen, D., Chetouani, M., Laznik, M.-C., Maestro, S., et al. (2010). What studies of family home videos can teach us about autistic infants: a literature review. *Research in autism spectrum disorders*, 4, 355-366.
- Saito, C. N. I. (2008). O espaço residual no bairro da Liberdade como linguagem e comunicação. *ABEJ Papers*. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Japoneses.
- Savoldi, A. (2006). A reconstrução da italianidade no sul do Estado de Santa Catarina. In: Banducci Jr., A., & Barreto, M. (Orgs.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus.
- Shoji, R. (2004). Reinterpretação do budismo chinês e coreano no Brasil. *Revista de Estudos da Religião*. 3, pp. 74-87.

- Silva, S. T. L. (2012). Subjetividade, arquivos familiares e found footage no documentário brasileiro contemporâneo. *Anais do III Congresso Internacional de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual – ASAECA*. Recuperado em 20 de maio, 2014, de http://www.asaeca.org/aactas/tenorio_luna_da_silva_sabrina_-_ponencia.pdf
- Sobchack, V. (1991). *The adress of the eye. A phenomenology of film experience*. Princeton, IL: Princeton University Press.
- Tassara, E. T. de O., & Rabinovich, E. (2001). A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda. In: Tassara, E. T. de O. (org.) *Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. São Paulo: Educ, pp. 211-267.
- Thibaud, J.-P. (2001). La méthode des parcours commentés. Grosjean, M., & Thibaud, J.-P. (orgs.) *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Parenthèses, pp.79-99.
- Tilley, C. (1994). *A phenomenology of landscape*. Oxford: Berg Publishers.
- Tilley, C. (2008). *Body and image: explorations in landscape phenomenology 2*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press.
- Tuan, Y.-F. (1980). *Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel
- Tuan, Y.-F. (1983). Habilidade espacial, conhecimento e lugar. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, pp. 76-95.
- Wees, W. C. (2007). From compilation to collage: The found-footage films of Arthur Lipsett. The Martin Walsh Memorial Lecture 2007. *Canadian Journal of film studies. Revue Canadienne d'Études Cinématographiques*. 16(2), 2-22.
- Witmore, C. L. (2004). Four archaeological engagements with place mediating bodily experience through peripatetic video. *Visual anthropology review*, 20(2), 57-72.
- Worth, S., & Adair, J. (1970). Navajo filmmakers. *American anthropologist*, 72(1), 9-34.

Filmografia

- Carneiro, M., Novais, W., Felha, R., Amaral, C., Vidigal, L., Barcellos, C., & Bezerra, L. (Diretores). (2010). *5x favela, agora por nós mesmos* [DVD]. Culver City, CA: Sony Pictures.
- Cavalier, A. (Diretor). (2009). *Irène* [DVD]. Lisboa: Clap Filmes.
- Cavalier, A. (Diretor). (2010) *Chambre d'hôtel* Nyon. Canal *visionsdureel*. Recuperado em 20 de maio, 2014, de <http://youtu.be/qRQT1FPa5CQ>
- De, J. (Diretor). (2010). *Bröder* [DVD]. Culver City, CA: Sony Pictures.

- Deodato, R. (Diretor). (1980). *Cannibal Holocaust* [DVD]. Los Angeles: Grindhouse Releasing.
- Elias, R. (Diretor). (2003). *De passagem* [DVD]. Rio de Janeiro: Video Filmes.
- Farias, M., Borges, M., Diegues, C., Andrade, J. P. de, & Hirszman, L. (Diretores). (1962). *Cinco vezes favela* [DVD]. Cópia disponível na biblioteca da ECA-USP.
- Flaherty, R. (Diretor). (1922). *Nanook, o esquimó* [DVD]. Toronto, Canadá: Silver Screen Classics.
- Gance, A. (Diretor). (1927). *Napoleon*. [VHS]. Los Angeles: Universal.
- Greengrass, P. (Diretor). (2007). *O ultimato Bourne*. [DVD]. Los Angeles: Universal.
- Ide, D. S. (Diretor). (2009). *Os boas-praças*. [DVD]. São Paulo: Arquivo Multimeios do Centro Cultural São Paulo.
- Kunuk, Z. (Diretor). (2001). *Atanarjuat, o corredor* [DVD]. Montreal, Canadá: Igloolik Isuma Productions.
- Lund, K., & Lins, P. (Diretores). (2002). *Cidade dos homens: Correio* [DVD]. Rio de Janeiro: Som Livre.
- Lund, K., & Tripa, E. (Diretores). (2003). *Cidade dos homens: Os ordinários* [DVD]. Rio de Janeiro: Som Livre.
- Macdougall, D. (Diretor) (2003). *The new boys* [DVD]. Berkeley, CA: Berkeley Media LLC.
- Marin, N., & Hikiji, R. S. (Diretoras). (2007). *Catarina Alves Costa* [DVD]. São Paulo: Laboratório de Imagem e Som em Antropologia, LISA-USP.
- Marker, C., & Marret, M. (Diretores). (1968). *Até breve, eu espero* [DVD]. Paris: Éditions Montparnasse.
- Meirelles, F., & Lund, K. (Diretores). (2000). *Palace II* [DVD]. São Paulo: O2 Filmes.
- Meirelles, F. (Diretor), & Lund, K. (Codiretora). (2002). *Cidade de Deus* [DVD]. São Paulo: Imagem Filmes.
- Montgomery, R. (Diretor). (1947). *Lady in the lake* [DVD]. Burbank, CA: Warner Bros.
- Myrick, D., & Sánchez, E. (Diretores). (1999). *A bruxa de Blair* [DVD]. Alphaville, SP: Europa Filmes.
- Ozu, Y. (Diretor). (1960). *Dia de outono* [DVD]. São Paulo: Cinemax
- Pedroso, M. (Diretor). (2009). *Pacífic* [DVD]. São Paulo: Vitrine Filmes.

- Pinhanta, I., & Pinhanta, V. (Diretores). (2000). *No tempo das chuvas* [DVD]. Olinda, PE: Vídeo nas Aldeias.
- Reeves, M. (Diretor). (2008). *Cloverfield* [DVD]. Los Angeles: Paramount.
- Rouch, J. (Diretor). (1958). *Eu, um negro* [DVD]. Rio de Janeiro: Video Filmes.
- Rouch, J., & Morin, E. (Diretores). (1961). *Crônica de um verão* [DVD]. Rio de Janeiro: Video Filmes.
- Sacramento, P. (Diretor). (2003). *O prisioneiro da grade de ferro* [DVD]. São Paulo: Califórnia Filmes.
- Salles, J. M. (Diretor). (2007). *Santiago* [DVD]. Rio de Janeiro: Video Filmes.
- Txicão, K., Txicão, K., & Txicão, N. (Diretores). (2001). *Das crianças Ikpeng para o mundo* [DVD]. Olinda, PE: Vídeo nas Aldeias.

ANEXOS

ANEXO A

Lugares	Comentários
1) Praça da Liberdade	Antes havia muito verde
2) Bradesco	Onde saca dinheiro
3) Tunibra	Onde troca real por iene
4) Mercado Oriental	Onde compra bentô
5) Marukai	Produtos japoneses/ Bastante variedade
6) Banco Santander	Antes Banco América do Sul
7) Ikesaki	Um dos mais antigos/ Antes era menor
8) Sogo	Come aqui
9) Himeya	Coreano ou chinês/ Antes restaurante japonês
10) Jardim Oriental	Antes aberto/ Hoje cercado
11) Radial	Antes havia muito verde
12) Restaurante Banri	Come aqui
13) Banco do Brasil	Antes hotel que recebia executivos japoneses
14) Rua Tomás Gonzaga	Antiga rua das boates japonesas
15) Rua Barão de Iguape	Antiga rua das boates japonesas
16) Kanazawa	Introduziu os doces japoneses no bairro
17) Restaurante Ebis	Novo/ Nunca havia reparado
18) Condomínio (Rua Galvão Bueno, 499)	Antes havia um lago e muito verde
19) Rua Fagundes	Antiga rua das boates japonesas
20) Açougue	Conhecia o dono/ Hoje os filhos administram
21) Restaurante Dinastia Ritz	Antes pensão
22) Adnipo	Antes cinema
23) Largo da Pólvora	Antes aberto/ Hoje cercado
24) Restaurante Nandemoya	Come aqui
25) Compre Bem	Antes Barateiro/ Compra alimentos
26) ACAL	Participa de atividades na associação

Quadro 1 – Lugares destacados por Ieda e comentários feitos pela moradora durante o passeio

ANEXO B

Lugares	Comentários
1) Merceria Oriental	Ficou em dúvida se era japonês ou chinês
2) Restaurante (Rua dos Estudantes, 80)	Serve comida japonesa/ Não é muito bom
3) Restaurante Lika	Muito bom (opinião de amigo)/ Muito caro/ Nunca fui
4) Loja Friends Shop	Aberto há um ano/ Vende bonecos de animê e mangá/ Otaku (fã de anime e mangá)
5) Restaurante Lucky	Comida chinesa/ Barato
6) Boate Borboleta	Só entram coreanos/ Não consigo entrar
7) Lanches Kiriri's	Serve bife à parmegiana/ Gostoso
8) Chopperia Liberdade	Tem karaokê, sinuca e churrasco. Karaokês no Japão são diferentes. Ficam em prédios, com várias salas por andar.
9) Restaurante Banri Katyan	Serve sushi. No Japão, há mais variedade de peixes.
10) Restaurante Bueno	Serve chankonabe. Yzakayas no Japão são diferentes. São maiores e ficam em prédios.
11) Restaurante Aska	Serve ramen/ Barato/ Não é tão bom
12) Restaurante Kidoairaku	Tempero mais parecido com o do Japão
13) Bunka	Não sabia que tinha biblioteca e museu
14) Restaurante General Kung	Serve yakisoba. No Japão tem outros tipos de yakisoba: sauce (com molho) e kata (frito e mais duro)

Quadro 2 – Lugares destacados por Tadeu e comentários feitos pelo morador durante o passeio

ANEXO C

Lugares	Comentários
1) Restaurante Issao	Rodízio de sushi/ Muita gente/ R\$ 60/ Nunca fui
2) Restaurante Ueda	Yakiniku (carne grelhada)/ Gostei
3) Restaurante Lika	Sushi/ Não fui/ Bom (opinião de amigo)/ Caro
4) Lanchonete Laramie	Feijoada/ Muito bom
5) Restaurante Lucky	Muito bom/ Chinês/ Barato/ Muita gente
6) Boate Borboleta	Coreano/ Não posso entrar (só entram coreanos)
7) Lanches Kiriri's	Parmegiana/ Muito bom
8) Merceria Kanazawa	Bentô/ A partir de 11h00, 12h00, preço abaixa
9) Restaurante Bueno	Chankonabe
10) Restaurante Aska	Lamen/ Muita gente/ Fila/ Mais ou menos/ R\$ 11
11) Restaurante Lamen Kazu	Nunca comi/ Caro/ R\$ 30/ Melhor (opinião de amigo)
12) Restaurante Kidoairaku	Muito bom/ Primeiro lugar/ Tempero mais parecido
13) Tsugaru	Izakaya/ Gostei/ Muito caro/ Nunca paguei (convidado)
14) Restaurante General Kung	Yakisoba
15) Restaurante Sukiya	Gyudon/ Rápido/ Barato/ R\$ 8

Quadro 3 – Lugares destacados por Tadeu e comentários feitos pelo morador durante o passeio filmado

ANEXO D

Lugares	Comentários
1) Restaurante Campeão	Chinês/ Muito bom/ Muito caro/ Famoso/ Muita pessoa/ Claro/ Escuro
2) Jornal Chinês Americana	Taiwan
3) Restaurante Rei dos Reis	Velho/ Muita pessoa
4) Restaurante Chi Fu	Novo/ Famoso/ Grande/ Caro/ Mais ou menos
5) Mercarias Meisim e Towa	Famosos/ Chineses
6) Extra	Mais caro/ Antes Compre Bem/ Antes muito bom
7) Oriental Plaza Hotel	Taiwan/ Velho/ Comida ruim
8) Livraria chinesa	Muito caro
9) Restaurante Hwang Shi Fu	Novo/ Mais ou menos
10) Restaurante Great Royal Garden	Mais ou menos
11) Restaurante Rong He	Só macarrão/ Famoso/ Não gosto/ Pessoa tudo gosta
12) Restaurante Chique	Muito bom/ Preço bom/ Gosto
13) Centro Cultural de Taipei	Taiwan/ Famoso/ Não gosto
14) Bunka	Famoso/ Japão/ Venho aqui para teatro chinês
15) Jornal Chinês para América do Sul	China/ Muito bom/ Vender bem

Quadro 4 – Lugares destacados por Bruno e comentários feitos pelo morador durante o passeio filmado

ANEXO E

Lugares	Comentários
1) Padaria	Muito gostoso/ Oriental/ Original
2) Restaurante Chibina	Chinês/ Pequeno/ Continental/ Barato/ Classe mais baixa
3) Loja de bolo	Chinês/ Taiwanês/ Pouco capital/ Pequena
4) Açougue	Japonês
5) Restaurante Taizan	Antigo chinês/ Vender para japonês
6) Restaurante Wan Wan	Chinês
7) Igreja dos Enforcados	Negro
8) Restaurante Galvão Bueno	Coreano
9) Nikkei Palace	Japonês
10) Edifício Pacific	Chinês/ Taiwanês
11) Galeria Kanazawa	Velho/ Reforma
12) Banri Hotel	Chinês/ Taiwanês/ 50 anos
13) Confecção Party Dress	Coreano
14) Himeya	Taiwanês/ Cliente japonês
15) Casa Bueno	Chinês/ Taiwanês
16) Kyoto	Antigo japonês/ Vendeu para taiwanês
17) Shopping Sogo	Cantonês/ Continental
18) Marukai	Taiwanês
19) Minikimono	Japonês
20) Restaurante Shangai	Fechado/ Reformando/ Não tem movimento
21) Restaurante Itiriki	Taiwanês/ Só abre meio-dia
22) Bradesco	Antigo/ Reforma
23) Mercearia Towa	Taiwanês/ Movimento muito bom
24) Casa Fuji	Taiwanês
25) Mercearia Meisim	Cantonês/ Produto tudo continental
26) Galeria	Quase continental/ Produto falso/ Fiscal vem pegar
27) Agências de turismo	Tudo quase taiwanês
28) Tenmanya	Taiwanês/ Produto japonês
29) Comercial de Presentes	Roupa chinês
30) Mercearia Oriental	Taiwanês

Lugares	Comentários
31) Omiyague	Taiwanês
32) Dentista	Taiwanês/ Muito barato/ R\$ 30-50/ Muito fácil/ Rápido
33) Campeão	Chinês/ Cantonês
34) Restaurante Tenko	Taiwanês/ Terça fechado/ Muito gostoso/ Caro
35) Centro Social Chinês	Muito antigo/ quase 60 anos/ Perigoso passar
36) Salão de cabeleireiro	Taiwanês/ Muito bom
37) Kwan Yin	Taiwanês/ Budista/ Só domingo aberto
38) Lega Itálica	Italiano/ Antigo chinês vem aqui fazer festa

Quadro 5 – Lugares destacados por Maria e comentários feitos pela moradora durante o passeio filmado

ANEXO F

Lugares	Comentários
1) Sogo	Ver bugiganga/ Japonês/ Mangá e animê
2) Marukai	Vou bastante/ Tem tudo
3) Ikesaki	Vou bastante
4) Viaduto Cidade de Osaka	Hoje tranquilo/ Normalmente cheio de camelôs/ Metade chinês/ Metade peruano ou boliviano
5) Shopping Lotte	Fechado/ Ficou dois ou três anos aberto
6) Kaisen	Compra do dia
7) Lojas Meilyn e Meg Presentes	Taiwanês/ Há muito tempo/ Bugigangas
8) Aska	Rápido/ Barato/ Suave/ Light
9) Rong He	Chinês/ Mais gorduroso
10) Restaurante Karen	Terça fecha/ Mais ou menos/ Chinês/ Gorduroso
11) Restaurante Chique	Mais gostoso/ Chinês/ Gorduroso
12) Quarteirão da Galvão entre São Joaquim e Tamandaré	Mais vazio/ Cheio quando tem estudantes/ Entrada e saída da faculdade
13) Bunka	Nunca fui
14) Centro Cultural de Taipei	Vou sempre
15) Centro Social Chinês	Perigoso à noite
16) Quarteirão da Taguá entre São Joaquim e Fagundes	Não tem fama muito boa / Perto da FMU/ De sexta fecham a rua/ Festas
17) FMU	Novo
18) Colégio Adventista	Velho
19) Colégio São José	Fechou/ Agora virou Damásio
20) Merceria Da Zhong	Finge que está fechado/ Aberto/ Jeitinho chinês
21) Restaurante Wan Wan	Fui uma vez só
22) Lojinhas na Rua Galvão Bueno perto da esquina com São Joaquim	Taiwanês/ Estranho/ Não sabe exatamente o que está vendendo

Quadro 6 – Lugares destacados por Lina e comentários feitos pela moradora durante o passeio filmado

ANEXO G

Lugares	Comentários
1) Bradesco	Bonito/ Lindo/ Reforma/ Homenagem/ Japonês
2) Metrô Liberdade	Ikebana/ Homenagem
3) Rádio Taissô	Todo dia às seis horas da manhã/ Maioria idosos/ Mais japoneses/ Brasileiros também
4) Igreja dos Enforcados	Aberta/ Muito frequentada
5) Capela dos Aflitos	Fechada
6) Loja Ho Kim Do	Uma das melhores/ Preço bom/ Turista
7) Café Sol	Bem tradicional/ Muito cheio/ Turista
8) Bakery Itiriki	Japonês
9) Banca Coelho	Sempre paro aqui
10) Azukiya	Novo/ Surpresa/ Preço bom
11) Segredo dos Doces	Novo/ Tinha uma loja de pedras
12) Minikimono	Enchouriçar
13) Ikesaki (Rua Galvão Bueno)	Grande/ Tradicional/ Muito apertado
14) Ikesaki (Avenida da Liberdade)	Mais vazio/ Melhor/ Mais espaçoso
15) Marukai	Compro sempre
16) Mizumoto Shopping	Aí também entro
17) Sogo	Hoje mesmo vim
18) Casa Bueno	Entro também
19) Kyoto	Muito boa/ Muita coisa japonesa
20) Himeya	Mais bonita/ Mais linda/ Artigos japoneses e chineses
21) Audrey	Muito boa
22) Associação Comercial	Era a Julian Marcuir/ Fechou
23) Jardim Oriental	Só abre em dia de festa/ Antigamente não era cercado
24) Viaduto Cidade de Osaka	Camelôs/ A gente não tem lugar para passar/ Transtorno
25) Shopping Lotte	Fechou/ Reabriram agora/ Enchouriçar
26) Couros Line	Abriu
27) Banco do Brasil	Aqui era um shoppinho
28) Rua Tomás Gonzaga	Rua dos restaurantes

Lugares	Comentários
29) Hospital Bandeirantes	Escrito em japonês/ Parte velha/ Parte nova/ Preservaram a frente
30) Kaisen Alimentos	Sempre entro lá
31) Prédio abandonado na Barão	Interditado/ Faz mais de 20 anos
32) Alta Veículos (Rua da Glória)	Há muito anos tem essa concessionária
33) Daibutsudo	Oratórios japoneses/ Bem antigo/ Deve ter uns 50 anos
34) Restaurante Okinawa	Novo
35) Imobiliária Kosen	Antiga/ Enchourigar
36) Galeria Maruyama	Leitura da mão/ Muita fila
37) Murasan Comércio	Antiga/ Tradicional
38) Peixaria	Tradicional
39) Galeria Kanazawa	Pastel (muito bom)/ Loteria
40) Edifício Pacific	Novo
41) Villa Claudina	Muquifo
42) Imobiliária Okada & Oshiro	Antigo
43) Loja de pedras	Mais em conta/ Japoneses
44) Nikkei Palace	Já entrei
45) Restaurante Galvão Bueno	Bem antigo/ Bonzinho
46) Galeria (Rua Galvão Bueno, 450)	Tinha vários comércios/ Fechou tudo/ Atalho para vila
47) Vila José Ferreira da Rocha	Casas têm mais de 80 anos

Quadro 7 – Lugares destacados por Diana e comentários feitos pela moradora durante o passeio filmado

ANEXO H

Lugares	Comentários
1) 1º Distrito Policial	Esse prédio já tinha/ Não era da polícia/ Não era amarelo
2) Radial	Tinha Teatro São Paulo
3) Praça Almeida Junior	Tinha jardim da infância/ Era cercado
4) Lega Itália	Tinha muito baile de nisseis/ Todo domingo tem karaokê-dance de japonês
5) Hotel Glória	Não tinha
6) Área verde na lateral da Radial	Tinha uma ruazinha para subir para a Galvão/ Já tinha essa seringueira, mas não era tão grande assim.
7) Condomínio Diário Nippak	Prédio do Nikkei Shinbun/ Antes não era Jornal Nikkei, era Nippak Shinbun/ Nesse prédio tem muito agência de dekassegui
8) Edifício Rian	Esse prédio já tinha/ Aqui embaixo tem bar agora/ Ouvi falar que esse prédio era hospital
9) Damásio	Hoje não é mais Colégio São José/ Agora acho que é da faculdade de direito
10) Bakery Itiriki	Tá escrito até em japonês “pan ya”/ Dono é de Formosa/ Falava japonês
11) Prédios na Praça da Liberdade	Por aqui tinha restaurante Hibari/ Fachada tudo mudou
12) Igreja dos Enforcados	Tem desde a minha juventude/ Vinha de domingo na missa/ Às vezes passo segunda-feira
13) Praça da Liberdade	Mudou muito/ Nem tinha metrô
14) Praça Carlos Gomes	Lá tinha Cine Joia
15) Tunibra	Agora está pra cá/ Era do outro lado da rua/ Era um lugar pequeno
16) McDonald's	Fizeram estilo japonês, mas não era nada disso
17) Edifício João Mendes	Esse prédio já tinha/ Trabalhei no sexto andar
18) Nikkei Palace	Parece que está em venda para chinês (boatos)
19) Praça João Mendes	Aqui era terminal do bonde
20) Santa Tereza	Padaria decorada com fotos antigas da cidade
21) Casas Bahia e Subway	Tudo novo/ Não tinha nada disso

Lugares	Comentários
22) Segredo dos Doces	Aqui tinha farmácia japonesa
23) Kyoto	Esse prédio já tinha/ Chamava Naniwa
24) Mizumoto	Esse prédio também tinha/ Trabalhei aqui
25) Rua Galvão Bueno, 48	Aqui tinha loja chamada Chá Flora/ Era de japonês
26) Rua Galvão Bueno, 63	Aqui embaixo tinha uma loja de lã chamada Fuji
27) ACAL	Japonês/ Era Associação de Lojistas da Liberdade (antigo nome da associação)/ Funcionário é tudo nihonjin
28) Viaduto Cidade de Osaka	Aqui tinha Cine Niterói/ Aqui tinha tudo casa/ Tem muito boliviano aqui
29) Associação Comercial	Mudou a fachada, mas prédio já tinha.
30) Torii	A ACAL fez
31) Banco do Brasil	Era a Univertur
32) Edifício Yendo	Aqui era de japonês/ Não sei se ainda é do Endo-san
33) Azussa	Essa loja tinha/ Fechada hoje
34) Shopping Trade Center	Também tinha loja de pedras chamada Kashiya
35) Espaço Kazu	Loja Okubo. Também vendia pedras preciosas
36) Hospital Bandeirantes	Só tinha aquela parte (onde há o letreiro do hospital)/ Eles deixaram essa fachada/ Não sei o que era
37) Edifício Pacific	Novo/ Dono chinês
38) Galeria (Rua Galvão Bueno, 450)	Só tinha nihonjin/ Chinês comprou
39) Aska	Japonês
40) Restaurante Galvão Bueno	Coreano/ Yakiniku
41) Bunka	Não era como esse prédio/ Era uma casinha e no fundo tinha escola japonesa, que chamava Taishou Shogakou
42) <i>Suzurantou</i>	Não tinha nada disso/ A ACAL fez junto com Prefeitura
43) Museu Manabu Mabe	Esse é antigo/ Era escola/ Maioria dos filhos dos nikkeis estudava tudo aqui

Quadro 8 – Lugares destacados por Sílvia e comentários feitos pela moradora durante o passeio filmado

ANEXO I

Transcrição do passeio filmado com Tadeu

Tomada 1.

Descendo a Rua dos Estudantes quase na esquina com a Rua da Glória.

– Tá ligado?

– Agora tá ligado. Quando tá o botão vermelho.

– Ah, entendi.

– Aí, por exemplo, tá gravando o caminho e aí, quando tiver alguma coisa que chama a sua atenção, aí você comenta.

– Ah, vamos lá.

– Pra lá?

Viramos na Rua da Glória no sentido Praça da Sé.

– Tem... Subindo tem um japonês. Comida japonesa.

– Ah, tá.

– Sabe?

– O Food Center? É um prédio?

– Ah, sim, sim, sim.

– É melhor vir na calçada. Mais seguro.

Seguimos pela calçada na Rua da Glória.

– Se precisar mexer também a tela, né? Pra ver melhor.

– É...

Ajeita o LCD.

– Ah, bom!

– Ajeita, né? Pra ficar melhor a visão.

– Sim, sim.

Seguimos mais um pouco.

– Aí, por aqui você anda?

– Anda?

– Anda bastante?

– Bastante.

Conversamos sobre o preço da câmera.

Próximo à garagem do Food Center.

– Hã? Peraí...

Retrocede um pouco.

– Ah, não é. Hã? Ah, esse aqui.

– Aqui, né? O 111?

– Sim, sim, sim.

Mostra a porta de entrada do Food Center.

– Ah, sim. Tá fechado.

Para e dá um giro com a câmera.

– Ah, tá.

– Esse, né?

Aponta a placa.

– E aí você vai em qual? Tem o Mugui, Sushi Issao.

Qual desses?

– Issao.

– Issao?

– Issao.

Voltamos pela Rua da Glória.

– E aqui o Campeão?

– O que?

– Conhece?

– Não, não, não. Chinês, né?

– É, chinês.

– Chinês.

Mudamos de calçada.

– Issao tem muita gente no fim de semana.

– Ah, é?

– É. Rodízio mais ou menos R\$ 60,00.

– Ah, é? Ah, tá.

– Mas muita gente.

– Mas é bom?

– Não. Não sei.

– Ah, você nunca foi?

– Nunca fui.

– Mas no Food Center você já foi em algum?

– Sim, sim. Ueda, yakiniku.

– Ah, tá.

– Carne.

– E aí, gostou?

– Sim, sim, gostei.

Seguimos pela Rua da Glória.

– Sushi não é bom aqui.

– Não gosta de sushi aqui.

– Sim, sim, eu acho.

– Que é que falta? O que você acha que falta?

– Aqui é muito pouco tipo de sashimi.

– Tipo de peixe?

– Peixe, isso.

– Mas do preparo o que você acha?

1) Issao
Rodízio
Muita gente
R\$60
Nunca fui

2) Ueda
Yakiniku
Gostei

Diferenças entre a
comida no Brasil
e no Japão

- Hã, o que?
- O jeito que é feito o sushi aí isso normal?
- Normal.
- De gosto assim? Sabor?
- Sabor é... Ah, diferente.
- Diferente?
- Um pouquinho diferente.
- No Japão eles põem mais wasabi? É mais picante?
- Ah, sim, sim. Eu acho mais picante.
- Aqui é meio doce. Um pouco adocicado.
- Sim, sim. Um pouco doce. Sim, sim.

Diferenças entre a comida no Brasil e no Japão

Alcançamos o cruzamento da Rua da Glória com a Rua dos Estudantes. De lá descemos em direção à Rua Conselheiro Furtado.

- Ah, aqui o Lika.
- Começa a procurar o letreiro.
- Ah, Lika.
- Sushi.
- Foco no letreiro.
- Esse você tinha vindo?
- Não.
- Não.
- Meu amigo disse muito bom. Sushi, né?
- Ah, era o seu amigo, né?
- Isso, isso.
- Era caro?
- Caro. Caro. Isso.

3) Lika
Sushi
Não fui
Bom (amigo)
Caro

Seguimos pela Rua dos Estudantes e passamos por um menino dormindo na calçada.

- Ele sempre fica aqui.
- É, esse menininho?
- [Pedindo moeda] Sempre.

Dobramos a esquina e entramos na Conselheiro Furtado, sentido Aclimação (segue uma conversa sobre Otaku, retomando algo que havíamos conversado num encontro anterior).

Mais adiante na Conselheiro Furtado:

- Ah, esse, esse.
- Para e dá um giro na entrada do restaurante.
- Feijoada muito bom.
- Afasta-se um pouco e busca o letreiro do restaurante.
- Feijoada?

4) Laramie
Feijoada
Muito bom

- É, feijoada.
- É nesse ou naquele?
- Esse. É junto.
- Ah, junto.
- É, junto.

Seguimos pela Conselheiro.

- Você vem com o pessoal do jornal ou...
- Sim, vem sempre.
- Ah, tá.

Ainda na Conselheiro, próximo do viaduto.

- E achou muito diferente a feijoada? O que você achou do prato?
 - Eu o que?
 - O que você achou da feijoada?
 - Diferente.
 - O que você achou da feijoada? Gostou?
 - Eu gostei, mas eu acho quando vou pra Japão, né? Eu não como. Eu acho. Que difícil eu vou comer.
 - Ah, sim.
 - Aqui eu como.
 - Aí experimenta.
 - Ah, experimenta.
 - Que é bem diferente o tipo de preparo, o sabor do que é uma comida japonesa.
 - Sim, sim. Muito diferente.
- Próximo da esquina com São Paulo.
- Eu acho no Japão se tivesse feijoada não posso vender.

- Ah, não venderia muito?
- Sim, eu acho.
- Só os dekasseguis, né? Os brasileiros que comeriam.
- Brasileiro. Isso.

Aguardando para atravessar a rua.

- Pastel, coxinha é... Vende bem. Feijoada, não.
 - Coxinha lá também faz no Japão?
 - Não, não.
 - Não. Mas aí venderia?
 - Sim, venderia.
 - Tem mais a ver... É mais próximo do... Seria mais familiar a comida?
- Não entende

Diferenças entre a comida no Brasil e no Japão

– Coxinha e pastel é uma comida que é mais perto do japonês?

– Ah, sim, sim.

– Feijoada é muito diferente.

– Diferente. Isso.

Atravessando a rua.

– Tem parecido, né?

– É, pastel tem parecido

– Pastel. Isso.

Começa a procurar o letreiro do Lucky.

– É, o zoom é esse.

– Ah.

Zoom in e zoom out no letreiro.

– Esse é muito bom. Lucky.

– Lucky. Chinês, né?

– Chinês.

Seguimos a caminhada.

– E barato.

– Mas aí no Lucky você vai com que companhia?

Você vai sozinho, vai com turma?

– Com turma.

– É? Aí do jornal que você vai?

– Sim, sim.

Ainda na Conselheiro.

– Uma vez por semana.

– Ah, é? Uma vez? Ah, legal.

– Toda hora muita gente.

– Ah, é?

– É. Lucky. Lucky.

Andamos mais um pouco.

– E aí, boate do coreano.

– Ah, tá. Mostra lá.

– Borboleta.

Gira então a câmera e procura a fachada da boate do outro lado da rua.

– Esse Borboleta?

– Isso.

– Bordel... Boate...

– Boate.

– Boate coreana.

Seguimos pela Conselheiro.

– Eu não posso entrar.

– Você não consegue.

Diferenças entre a comida no Brasil e no Japão

5) Lucky
Muito bom
Chinês
Barato
Muita gente

6) Borboleta
Coreano
Não posso entrar
Só coreanos

– Só coreano. Só coreano. E...

Anda mais um pouco e sobe um pouco a câmera pra mostrar parte da fachada do prédio da esquina da Conselheiro Furtado com a Barão de Iguape.

– Elas mora aqui (não entendi na hora, mas aqui se refere às moças que trabalham na boate).

– Ah, é?

– Esse prédio.

– Coreanos moram aí?

– Sim, sim.

– Você vê... Você sabe disso pelo entra e sai do prédio?

– Não.

– Como você sabe que os coreano moram aí?

– É, ah... O porteiro disse.

– Ah, tá.

Entramos na Rua Barão de Iguape.

Na esquina da Barão com a Rua da Glória. Gira a câmera e procura o restaurante do outro lado da rua.

7) Kiriri's
Parmegiana
Muito bom

– Ah, parmegiana desse restaurante...

– Ah, é bom, né?

– Muito bom.

– Aí também você vem almoçar aí?

– É.

Seguimos pela Rua Barão do Iguape.

– E aí também é restaurante que você vai com o pessoal do jornal?

– Sim, sim, sim.

– Aí quando é os amigos, os brasileiros, aí você vai no japonês?

– [Rodízio]

Barulho. Passa um ônibus.

– Por exemplo, chinês você vai com o pessoal do surfe?

– Ah, não.

– Não? É mais restaurante japonês?

– Sim, sim.

Paramos na esquina da Barão com a Galvão. Decide ir pela Galvão sentido Tamandaré.

Na altura do Kanazawa.

Kanazawa

– Eu sempre vejo aqui...

Procura o letreiro do mercado.

– Ah, é?

8) Kanazawa
Bentô
A partir de
11h00, 12h00
preço abaixa

- Almoço, bentô.
- Ah, pega o bentô?
- Bentô.
- Ah, tá.
- A partir de 11h00, 12h00.
- Ah, o preço... É promoção, né?
- Preço abaixa. Sim.
- E os doces? Os doces Kanazawa, você gosta?
- Qual doce?
- O moti...
- Ah, eu não gosto.
- Ah, não.
- Eu não gosto. Doce japonês.
- É.
- Wagashi.
- Não é tão saboroso? Não é...
- Não, não gosto.
- Não. Mas no Japão você costuma comer?
- Sim, sim.
- São doces que você gosta?
- É.
- Seguimos pela Galvão.
- Eles combina com chá, né?
- Ah, sim.
- Chá quente, muito bom. Eu gosto juntos. Só, não sei, não gosto.
- Mais um pouco pela Galvão.
- Volta a câmera para o outro lado da rua e mostra a fachada do Bueno.

Diferenças entre a
comida no Brasil
e no Japão

9) Bueno
Chankonabe

- Bueno, né?
- Hum, Bueno.
- Bueno. Chankonabe.
- Ah, o chankonabe. Ah, esse daí eu também vi. O pratão do sumosan.
- Sim, sim. Sumosan.
- Começa a mostrar a fachada do Aska.
- Diretor é ex-sumo.
- Ah, ele também...
- Para e segue mostrando a fachada do Aska.

Aska

- E Aska, né?
- Aska.
- Aska. Lamen.
- Lamen.

Gira a câmera e mostra o letreiro do restaurante Ebis.

– Ebis.

– Ebis.

Seguimos a caminhada.

– Você almoça neles ou é mais jantar?

– Aqui [Aska] sempre muita gente. Tem fila.

– Fila.

– Muita. Semana passada eu comi.

– É, comeu aí?

– É bom, mas mais ou menos.

– Mais ou menos?

– Mais ou menos. É, no Japão muito bom ramen.

– Diferente, né?

– Diferente.

– E lá tem mais casa de ramen, né? Na rua, né?

– Sim, isso. Muito, muito.

Mudando de calçada.

– Sabe Kazu?

– Kasu?

– Kazu. Ramen. Não?

– Ah, Ramen Kazu. Ah, sim.

– Eu nunca como.

– É na Tomás, né? Tomás...

– Sim.

Mostra a Fagundes. Supôs que era a rua do Kazu.

Atravessamos a rua e seguimos pela Galvão.

– Já foi lá no Ramen Kazu?

– Não, nunca foi.

– É mais caro lá, né?

– Sim. Aí tem 10... Ah, 10, não. 11, sim, mais ou menos. Kazu 30, normal.

– Ah, bem mais caro.

– Mas meu amigo disse: “Esse é melhor”

– É melhor o Kazu.

– Kazu do que Aska.

– Você sente falta do sabor japonês?

– Ah, sim.

– Sente falta.

Ainda na Galvão.

– Você cozinha?

– Não. Ramen é muito difícil pra fazer.

– É difícil. Ah, tá.

10) **Aska**
Lamen
Muita gente
Fila
Mais ou menos
R\$ 11

Diferenças entre a
comida no Brasil
e no Japão

11) **Kazu**
Nunca comi
Caro
R\$ 30
Melhor (amigo)

- Sopa.
- Ah, a diferença é o caldo, né?
- Sim, caldo. Porque muito tempo, né? Cozinhando.
- Cozinhando a carne.
- Isso, carne e osso.
- Pra pegar o gosto do frango.
- Sim.

Mais um pouco na Galvão.

- Você assistiu o filme Tampopo?
- Tampopo?
- Não. Japonês?
- É.
- Tampopo? Não sei.
- Juzo Itami, o diretor.
- Itami Juzo?
- Itami Juzo.
- Itami Juzo eu sei.
- Ele fez um filme Tampopo.
- Ah, é?
- Que é quase uma homenagem ao lamen. É o filme sobre uma cozinheira de lamen.
- Ah, é? E quando?
- Esse filme acho que é...
- Muito tempo atrás.
- 2000. Ou então... Não. Acho que é dos anos 90. Já faz 20 anos o filme.
- 20 anos.
- Mas muito bom. Tampopo
- Ah, é. Tampopo.
- Tampopo.

Na esquina da Galvão com a São Joaquim.

- Esse Kidoairaku, né?
- Dá zoom no toldo do restaurante.
- Kidoairaku.
 - Muito bom.
- Começamos a subir a São Joaquim.
- Primeiro lugar.
 - É o primeiro lugar no Brasil?
 - Sim, sim. Aqui, Liberdade.
 - Na Liberdade?
 - Ah, eu acho no Brasil, primeiro lugar.
 - Você tinha falado que era o sabor mais parecido, né?

12) Kidoairaku
Muito bom
Primeiro lugar
Tempero mais parecido

Kidoairaku

- Sim, mais parecido.
 - O tempero, né?
 - O tempero mais parecido.
- Gira a câmera.
- E Kazu? Onde? Sabe onde?
- Volta para a Galvão.
- Ah, é...
 - É aí?
 - Não, é na outra.
 - Outra?
 - É. Não tem o Hospital Bandeirantes?
 - Sim, sim.
 - É na rua do Hospital Bandeirantes.
 - Ah, entendi.

Tomada 2

Esquina da Galvão com Barão.

Volta a câmera pra fachada do Tsugaru. Dá zoom in no letreiro.

- Você sabe Tsugaru?
- Não sei o que é isso.
- Izakaya.
- Ah, é Izakaya. Já foi aí?
- Já, já, já.
- Gostou?
- Gostei.

Atravessamos a rua.

– Porque tem representante do Japão aqui. Estado. Cada estado. E diretor, vice-diretor sempre fica aqui.

- Ah, é?
- É. Muito caro, né?
- É caro?
- Eu nunca paguei.
- Sempre foi de convidado.
- De convidado.
- Mas ele abre tarde, né?
- Sim, abre tarde. Tem karaokê, lamen também.
- É, eu nunca vi aberto aí.
- Muito bom.

Ainda na Galvão.

- Os Izakaya aqui você já foi bastante?
- No Japão?
- Não, aqui na Liberdade.

13) Tsugaru
Izakaya
Gostei
Muito caro
Nunca paguei
Convidado
Muito bom

– Aqui? Não, não, não.
– Não, não vai muito.
Dobramos a esquina com a Tomás.
Começa a filmar a outra calçada.
Zoom in no letreiro do Porque Sim
– Já veio no Porque Sim, karaokê?
– Não.
Zoom out.
– Aqui tem karaokê.
– Tem.
– Meu amigo disse.
– Lá em cima tem um karaokê também.
– É?
– É, um pouquinho mais pra frente.
Zoom in no letreiro do Kazu.
– Ah, Kazu.
Seguimos pela Tomás.
– Kazu pertence no Yamato, né? Yamato [Shoji].
Sabe?
– Não. É outro restaurante também?
– Outro restaurante? Ah, não.
– Yamato... Tem Kazu. E meu amigo trabalha no Yamato.
– Yamato.
– Ele vem aqui. Muito difícil pra importar noodle, macarrão.
– A massa.
– Sim, massa. E sopa.
– Ah, é.
– Kazu é... Todo alimento vem do Japão.
– Ah, é? Não é feito...
– Por isso muito caro.
– Ah, tá.
– Todo...
– É tudo importado.
– Tudo importado do Japão. Agora tinha terremoto, né?
– Aí cortou.
– Muito difícil.
– Onde fica o Yamato?
– É... Ana Rosa.
– Ah, não é aqui na Liberdade.
– Sim, sim.

– No Aska deve ser então eles mesmos que fazem, né? Massa e caldo.

– Isso.

– Aska, né?

Dobramos a esquina e seguimos pela Liberdade no sentido Vergueiro.

– Aí... Só que no Yamato é mais sushi, sashimi. O Yamato.

– Ah, não, não, não. Yamato?

– É.

– Não, não.

– Que tipo de comida que é?

– Ah, de lamen e restaurante e... Eu acho... No cozinha. Cozinha e...

– Outra coisa. É, tá. Não é...

– Sai pra loja.

– Hum... Não é restaurante então?

– É... Eu não sei. Mas tem.

– Ah, tem.

– Tem.

Atravessamos a Rua Barão de Iguape.

– E aqui na Liberdade, tem alguma coisa? Anda bastante aqui?

– Não, aqui não.

– Não anda muito.

– Ah, só yakisoba.

– Aquele do dragão?

– Dragão. Isso.

Ainda na Liberdade.

– E Sukiya. Sukiya.

– Sukiya?

– Sukiya. Gyudon. Gyudon. Sukiya. Tem dragão, né? Próxima esquina. Sukiya. Ao lado do McDonald's. McDonald's, sabe?

– Ah, sei, sei.

– Ao lado. Sukiya.

– Ah, tá. Sei. Ah, tá. Aí que... Lá o que é? Sukiaki?

– Não. Sukiya é gyudon, sabe?

– Gyudon?

– Gyudon é arroz e... Tem... Em cima de arroz tem carne e caldo. Tem caldo.

Atravessamos a Fagundes

– Outro Sukiya abre no Paraíso.

14) General
Kung
Yakisoba

Sukiya

15) Sukiya

Gyudon

Rápido

Barato

R\$ 8

- Paraíso?
– É.
– Ah, é? Não sabia.
– Mês passado.
Seguimos pela Liberdade.
– No Japão muito tem Sukiya.
– Ah, é? Ah, tá. Não é brasileiro então?
– Sim, sim, sim.
– É uma rede de fora.
– Sim, sim, sim.
– É tipo o McDonald's.
– Sim, sim, sim.
– Franquia, né?
– Franquia.
Ainda na Liberdade.
– 680 tem lá no Japão. Muito tem. Yoshinoya, sabe?
Yoshinoya, não tem? Também gyudon.
– É tipo uma refeição rápida.
– Sim, rápido, barato. Aqui Sukiya normal, arroz e carne. Normal. Esse é R\$ 8. Lá no Japão, 5 ou 6.
– Ah, tá. Mais em conta.
– É, muito. E com missoshiro e chá.
– Ah, é?
– Aqui, separado.
– Separado.
– Só gyudon e R\$ 8.
– Vem menos e é mais caro.
– Sim, sim.
Barulho. Britadeira.
– E é carne normal ou é...
Britadeira.
– Ah, diferente, né? Eu acho carne no Brasil. Eu acho.
– Diferente.
Britadeira.
– Mas é o tipo de carne ou o gosto que você acha diferente? Porque no Japão é mais carne de porco, não é? Ou não?
– Não, não, não. Carne, gyu niku também.
– Também.
– Sim, sim, sim.
– Ah, tá. É diferente o gosto mesmo? Você acha diferente o gosto.

Diferenças entre a comida no Brasil e no Japão

– Diferente. Lá no Japão é melhor [o Sukiya é melhor]. Mas eu acho carne Brasil é melhor do que Japão.

Diferenças entre a comida no Brasil e no Japão

– A carne é melhor?

– Sim, sim.

Seguimos na Liberdade.

– Churrascaria você vai bastante?

– Sim, sim.

– Rodízio.

– Rodízio.

Na esquina da Liberdade com São Joaquim.

Zoom in no letreiro do General Kung.

– Aí.

– General Kung.

Atravessando a rua.

Agora mais de frente para o restaurante dá um novo zoom in no letreiro.

– Aí é o yakisoba, né? General Kung.

– Yakisoba. [Sim, esse eu gosto]

Seguimos pela Liberdade.

Começa a filmar a outra calçada.

– Aí.

– Ah, o Sukiya.

– Sukiya.

– Eu achava que era de sukiyaki.

– Não, não. Sukiaki é diferente. Kanji é diferente.

– Ah, tá.

Dá zoom in no letreiro.

Seguimos pela Liberdade.

– É gyudon. Sukiya é gyudon. Japonês, todo mundo sabe.

– É?

– Sukiya.

ANEXO J

Transcrição do passeio filmado com Bruno

Tomada 1 [filmada pelo participante]

Seguindo Rua da Glória no sentido Praça da Sé.

– Você costuma andar bastante aqui na Glória?

– É, Rua da Glória, restaurante... Tem restaurantes chineses. Duas é muito bom. Mas preço [não] é bom.

– Preço bom?

– Muito caro.

Ainda no mesmo quarteirão.

– E como você conheceu esses restaurantes?

– Restaurantes? Acho que chinês tudo sabe.

Dois estabelecimentos antes do restaurante.

– Aqui.

Anda mais um pouco.

– Aqui é *first* restaurante. Esse é nome.

– Qual é o nome?

Para e dá zoom no letreiro.

– A tradução o que seria?

– *How to translate* eu não sei... *First restaurant bild in Brazil*. Acho que sim.

– Ah, é?

– E essa é... Depois de ele... *Second*... Ele e ele conjunto. Tem uma dono.

– Ah, mesmo dono.

– É famoso.

– Vamos lá.

Passamos em frente ao restaurante e ele volta a câmera para o interior do restaurante.

– Muita pessoa, né?

Anda mais um pouco e vira a câmera para o outro lado da rua, dando zoom no letreiro do restaurante Campeão.

– Campeão.

– Essa.

– E você... Qual dos dois é melhor pra você? Qual gosta mais?

– Essa.

– Campeão?

– É.

Voltamos a andar.

1) **Campeão**
Chinês
Muito bom
Muito caro
Famoso
Muita pessoa
Claro
Escuro

saber

O Campeão possui duas unidades na Rua da Glória. A primeira foi aberta no nº 141 e a segunda, no nº 118.

Campeão

- Essa é mais caro... Não, mais claro. Mais claro. Lá é escuro. Escuro.
- Anda mais um pouco e para.
- E aí até final é Praça da Sé. Não.
- Aí é... Melhor...
- Como *pause*?
- Aí aperta o vermelho de novo.
- Essa.

Tomada 2

Rua Alvares Machado no sentido Praça Carlos Gomes.

- É, nunca vim por esses lados.
- Na esquina aponta a câmera para a placa.
- Alvares Machado.
- Rua Alvares.
- Dobramos a esquina.

- Esse prédio tem uma jornalista de Taiwan. Esse prédio.
- Parado dá um zoom no prédio verde. Em seguida mostra o prédio vermelho ao lado.
- Ah, qual? O grande ou o verde?
- Acho que a esquerda lá. De Taiwan, jornalista.
- Conversa em chinês com a namorada.
- Continuamos a caminhada.
- Esse aqui?
- Para e volta a câmera para a fachada do prédio vermelho.

**2) Jornal Chinês
Americana
Taiwan**

- Esse prédio... É? Ah, lá, lá, lá.
- Mais pra frente?
- É.
- Ah, é o jornal?
- Jornal.
- Mas mora gente também?
- Não, não. Só trabalho.
- A redação do jornal.
- Mais adiante
- Essa lá. Jornal lá.
- Andamos até a altura do prédio do jornal. Vira a câmera na direção da fachada do jornal.
- Esse prédio? Esse branco?
- É. Acho que primeiro.

**Jornal Chinês
Americana**

- No primeiro andar?
- É. De Taiwan.
- Voltamos a andar.
- E você acompanha os jornais?
- Não, eu fiz... Como que fala?
- Assinatura?
- *Advertisement.*
- Ah, sim. Anúncio.
- É, anúncio.

Ainda na rua da Praça Carlos Gomes.

**3) Rei dos Reis
Velho
Muita pessoa**

- Esse é restaurante também, mas é velho.
- Qual?
- Move a câmera à procura do restaurante.
- Esse, sabe? Porta lá. Tem pessoa. Espera lá.
- Zoom na fachada do restaurante.
- Também é restaurante?
- É, restaurante, mas velho, muito velho.
- Mas você já frequentou esse restaurante?

Filma novamente a fachada.

- É, hoje tem muita pessoa. Mas é velho. Lá é novo, sabe?

Aponta a câmera pra fachada do Chi Fu.

- Ah, é...

**4) Chi Fu
Novo**

- Chi Fu.
- Mas é o mesmo dono?
- Não, não. Diferente.

Conversa em chinês com a namorada.

Parada na esquina em frente ao Chi Fu.

- E o Chi Fu... Você frequenta o Chi Fu, o Campeão e aquele primeiro? Qual você vai mais?

- Acho que... Outro.

Atravessamos a faixa.

- Aqui Liberdade... Lá outro lado tem dois *food shop*.

Vira a câmera para o outro lado da rua em direção à Praça da Liberdade.

**5) Meisim e Towa
Famosos
Chineses**

- É bem famoso. Lá [aponta]. E outro lá [aponta]. Os dois.

- Aquele verde?

Aponta o toldo vermelho.

- É, verde lá.

- E esse agora aqui na nossa frente.

Aponta pra mercearia com fachada vermelha.

Meisim e Towa

- Esse na frente.
- Vermelho.
- E tem pessoa brasileira e outro estado, ele vem aqui comprar alguma coisa. Compra comida lá.
- Ah, tá. Vem... O pessoal vem de longe pra comprar coisa.
- É, tudo longe.
- Mas são produtos chineses?
- É, tudo chinês. Importado.

Seguimos pela Liberdade.

- Então, chinês tudo sabe Liberdade. Liberdade, Liberdade. Porque Liberdade tem restaurantes, tem *food shop*.

saber

- Na internet mesmo você soube disso?
- Ah?
- Na internet mesmo você já ficou... Antes de vir para o Brasil...
- Sim, sim.
- Você já tinha visto isso.

Retomando informação obtida em conversa antes do passeio sobre o uso da internet para conhecer o Brasil

Passamos pelo metrô e pelas Casas Bahia.

- E você já voltou pra China nesse tempo? Desde...
- Voltou China já 6 meses... 6 vezes.
- 6 vezes. Ah, sim.
- Antes eu cheguei no Brasil, primeiro ano, eu voltei 3 vezes. Feriado do USP.
- Ah, sim.
- USP tem 3 feriados. Uma tem 2 meses feriados. *Holliday*, né? E 1 mês *holliday*. E só 10 dias. 3 vezes. Eu muito saudade da *family*. Então...

No viaduto.

- E você se corresponde com sua família? Telefone, skype?
- Ah, telefone e skype também.
- E eles já vieram para o Brasil te visitar?
- Como?
- Seus pais já vieram para o Brasil?
- Não, não, não.

Vira a câmera em direção à fachada do Extra.

6) Extra
Mais caro
Antes Compre Bem
Antes muito bom

- Antes aqui é Compra Bem. Compra Bem é muito bem, muito bom. Agora Extra é mais, um pouco caro.

– Ah, ficou mais caro? E aí, as compras de comida você faz aonde? Naqueles dois mercados da Praça da Liberdade?

– É, mercado ou feira.

– Onde tem feira aqui na Liberdade?

– Embaixo do...

Vira a câmera em direção à Américo.

– Acho que essa rua embaixo tem feira no domingo de manhã. E esse é Hotel Olin...

Zoom no letreiro do hotel.

– O hotel que você ficou no começo?

– É. Ele nome é...

Fala em chinês com a namorada.

– Esse nome é... Como se fala? Área... *East area*, como se fala?

– Ah, é... Oriental.

– Olindal. Olindal Grande Hotel.

Dá novo zoom.

– Ah, Grande Hotel Oriental.

– É. De Taiwan.

– Ah, de Taiwan?

– Sim. É velho, velho.

– E aí você... Primeiro lugar que você ficou...

– É, sim.

– Foi aí.

– Primeiro. Primeiro eu mora aqui.

– Quanto tempo morou aí?

– Acho que 1 ano.

– 1 ano.

– Sim.

Fala em chinês com namorada.

– Vamos frente.

Voltamos a caminhar.

– E morava... Bastante chineses moram lá nesse hotel?

– Tem, tem chinês.

Volta ao assunto.

– Então a gente chegou pra Brasil e só sabia Olindal, Olindal Hotel. Olindal Hotel. Mas chegou aqui, é muito velho.

Paramos novamente e volta outra vez a câmera em direção à fachada do hotel.

Seguimos pela Liberdade.

**Oriental Plaza
Hotel**

- Quem tinha dado a dica? Quem tinha falado desse hotel pra você?
- Como?
- Quem tinha falado desse Hotel Oriental?
- Ah, sim, sim. Internet. Acho que tem os brasileiros... É, eu procurar no skype, Brasil, São Paulo, né? Então, eu tem amigo. Amigo ele falou. “No São Paulo tem restaurante, restaurante chinês e tem hotel chinês.” E eu pergunto. “Ele fala chinês?” “Ah, sim, sim. Ele fala chinês”.
- E fala mesmo?
- É, sim, chinês. Ele fala. Só que comida muito ruim.
- Ah, comida ruim.
- Só mora.

Mais adiante na Liberdade.

- Você cozinha?
- Cozinha?
- Você prepara comida?
- Ah, sim, sim, sim.
- Que não dá pra ir só em restaurante, comer fora sempre.
- É.
- Mas você vai em restaurante chinês quantas vezes, mais ou menos, por semana?
- Por semana, acho que 2 ou 3.
- E vai em outros restaurantes também, outros tipos?
- Tipos?
- Vai também em restaurante japonês, restaurante brasileiro, italiano?
- Acho que só chinês.
- Só chinês?
- É. E eu fui restaurante também brasileiro. Suco, cerveja no restaurante brasileiro.

Na altura da livraria chinesa.

- Aqui.

Mostra a fachada da livraria.

- Aqui é... Como se fala? Livro. Livraria chinês.
- Livraria chinesa.
- É. Tem jornal. Tem livro pra aprender português. Tudo.
- Voltamos a andar.
- Você costuma ler revista?

**8) Livraria
Chinesa
Muito caro**

**Livraria
Chinesa**

- Mas aí é muito caro.
- Ah, é caro.
- Tudo livro de China, muito caro.
- Ah, então você não consegue comprar. Não dá pra comprar.
- Como?
- É muito caro pra comprar, né?
- É, nunca eu comprei. E depois [seguindo na Avenida da Liberdade] não tem outro chinês. Vamos aqui passar.

Damos meia-volta.

Atravessando a faixa em direção à Barão de Iguape

- Você sabe... Hoje as pessoas chinês chegou aqui, ele não sabe usar computador, né? E ele só compra livro aqui. Aqui é muito caro. Então, tem pessoa parece... *Young people and the students came here and they can use computer and teach other people.*

saber

Sabe? Então agora só pouco pessoa vem lá.

- Porque agora dá pra aprender pela internet.
- Tudo pela internet. Tem informação.

Passamos pelo restaurante Great Royal Garden.

- Aqui é também restaurante.

Volta a câmera e mostra a fachada do restaurante.

- E aqui...

Gira a câmera para o outro lado da rua.

- Shi Fu também?

- Sim, sim.

- Mas você vai... Já foi nesses dois?

- É, tudo.

Ainda parados, câmera apontada para a rua.

- Aqui é...

Volta a câmera pra fachada do Shi Fu.

- *It's new.* Abrir aqui. Mais ou menos.

- Mais ou menos?

- É, comida.

- E esse daqui?

Volta a câmera novamente para o primeiro restaurante da Rua Barão de Iguape.

- Aqui? E aqui? Esse não... *The name is very famous*, mas comida é mais ou menos.

- Mais ou menos?

- É. E essa...

Volta novamente a câmera para o Shi Fu.

**9) Hwang Shi
Fu
Novo**

**10) Great Royal
Garden
Mais ou menos**

– Esse nome.

Zoom no letreiro.

– Antes. Três palavras: Hwang Shi Fu. Hwang Shi Fu, você sabe? Do filme?

– Filme?

– É, filme chinês. Sabe kung fu? É um pessoa. Ele nome Hwang Shi Fu.

– Ah, é o mestre?

– É. Muito bom. E ele usa esse nome.

Advertisement.

Seguimos pela Rua Barão de Iguape.

– Esse de Japão, você sabe? Conhece?

– Não [entendi que falava sobre o restaurante, mas tratava do cartaz com imagem de sushi].

Conversa em chinês com a namorada.

– Não sabe essa?

– Não, eu já li sobre. Que é de fritura, né?

– Escrito de Japão.

– Ah, não, japonês. Ah, não, digo, nunca comi aí.

– É? Não?

– Não.

– Você não?

– Não.

– Não gosta?

– Não, não. Nesse restaurante eu nunca comi.

– Ah, sim, sim.

Seguimos mais um pouco.

– Muitas restaurantes, né?

– É, tem bastante.

Passando pela Missão Go.

– Ah, e igrejas? Você frequenta alguma igreja aqui na...

– Tem. Tem igreja.

Mostra a fachada da Missão Go.

– Missão.

Namorada fala em chinês.

– Mas você...

– Izakaya Issa. Restaurante japonês.

– É, japonês. Esse é aquele que é... Que tem um balcão.

– É? Não conheço.

Seguimos pela Rua Barão de Iguape.

saber

saber

Apenas leu o letreiro em voz alta

Apenas leu o letreiro em voz alta

– Mas você frequenta alguma igreja aqui na Liberdade?

Conversa em chinês com a namorada.

– Igreja cristã.

Mostra o letreiro.

Apenas leu o letreiro em voz alta

– Mas você não frequenta nenhuma igreja?

Conversa em chinês com a namorada.

– Você sabe a comida de Japão? Tem arroz.

Conversa em chinês.

– Sushi?

– Sushi. Você sabe fazer?

– Ah, não.

– Seu...

– Meu avô fazia.

– Sua família sabe fazer?

– Meu avô. Avô fazia. Minha mãe também faz.

saber

Conversa em chinês com a namorada.

– Você gosta ele?

– Ah, sim, gosto.

Conversa em chinês com a namorada.

Próximo da esquina da Barão com Galvão.

– Aqui, Galvão Bueno.

Na esquina.

– Você gosta de comida japonesa?

– Mais ou menos.

– Mais ou menos?

– É.

Atravessando a faixa.

– Na frente rua. Próxima rua tem restaurante só macarrão. É famoso.

– Ah, o Rong He?

– É. Acho que... Não sei como se fala. Eu não sei. Mas ele é famoso. Só uma restaurante para macarrão. É, só.

– Que ele faz, prepara o macarrão na hora, é esse?

– Agora?

– Não. No restaurante eles fazem o macarrão fresco.

– É, sim.

– Aí você vê ele preparando.

– Eu não gosto dele.

– Ah, não?

– É.

– Mas não...

11) **Rong He**
Só macarrão
Famoso
Não gosto
Pessoa tudo
gosta

Cruzando a rua.

– Eu muito gosto de comer macarrão, mas ele faz eu não gosto.

– Ah, o jeito.

– Mas brasileiro e japonês e pessoa tudo gosta.

– Gosta.

– Tudo gosta.

– Mas os chineses mesmo não gostam muito?

– Mas na China tem muitos jeitos pra fazer. Ele só sabe... É, sabe?

– Só um jeito.

– Não, não. Ele sabe muitos jeitos, mas não é meu gosto.

– Não é o que você gosta.

Dobrando a esquina e entrando na Rua da Glória.

– Acho que tá aqui.

Paramos.

– Aqui. Lá tem escrito.

Zoom no letreiro.

– Palavra. Restaurante...

– Rong He.

– Rong He Massa Chinesa. Pessoa gosta aqui.

– E no geral a comida chinesa aqui na Liberdade...

– Tem, tem. Jornal, né? [entende “jornal” ao invés de “geral”]. Tem aqui, próxima rua. Rua São Joaquim e subir lá. Tem chinês.

Seguindo pela Rua da Glória.

– Ele tem jornal de português. No fim de semana. Só no sábado e domingo.

– Ah, tá. Durante a semana é só chinês.

– É.

– Mas você lê esses jornais chineses.

– Sim. Mas sempre eu vi informação na internet.

– Ah, tá.

– É, tem muitas.

Seguimos mais pela Rua da Glória.

Parada em frente ao Restaurante Chique.

– Aqui, restaurante também.

Toca o celular.

Tomada 3

Diante do Restaurante Chique.

– Aqui comida bom.

Rong He

saber

12) Restaurante
Chique

Restaurante
Chique
Muito bom
Preço bom
Gosto

- Aqui comida boa?
- É, muito bom.
- Então, de todos esses restaurantes que a gente viu, qual você gosta?
- Gosta?
- É.
- Gosta aqui. Aqui é preço bom. É, mais ou menos. Preço bom e comida... Comida também. Comida também. Eu gosto.
- Gosta?
- É. E outro... Liberdade... Rua Liberdade lá. Lá tem Chi Fu. Lá é famoso e frente grande e caro. Caro, mas comida mais ou menos. Aqui é quilo. Quilo, mas comida bom e preço bom.

Chi Fu
Famoso
Grande
Caro
Mais ou menos

Voltamos a andar.

- Então vem mais aí do que no Chi Fu.

Ainda na Rua da Glória.

- Aqui é o chinês.

Mostra o letreiro.

- Associação Chinesa. É cidade de China.

Seguindo pela Rua da Glória.

- Aí, o que é essa associação? Você já frequentou ela?

– Não, na China tem muitas áreas, cidades, você sabe? Igual, vamos supor, São Paulo, Minas. É, muitas. Esse só uma.

- Da sua cidade tem associação aqui em São Paulo? De onde você nasceu?

– Eu não sei. [diz o nome da cidade onde nasceu]. É cidade também.

- Mas tem associação aqui em São Paulo?

– Não, não, não.

Dobrando a esquina e entrando na São Joaquim.

Caminhando pela São Joaquim.

- Ela é de Pequim.

– Ah, conheceu na faculdade?

- É, sim.

– E trabalham juntos?

- É, sim, juntos.

Seguimos pela São Joaquim.

- Edifício Tokyo. Ali escrito.

– É.

- Tokyo, né?

Apenas leu o le-
treiro em voz alta

Apenas leu o le-
treiro em voz alta

Volta a câmera em direção ao prédio.

Zoom in e out no nome do edifício.

– Edifício Tokyo.

– Edifício Tokyo.

Continuamos a caminhada.

– Você não sabe Liberdade? Antes você vem aqui?

– Como?

– Você vem aqui?

– Ah, fico mais na Galvão Bueno.

– Só?

– Já fui no Chi Fu também, né?

– Ah, sim.

– Mas de restaurante acho que mais os que tem na Galvão. Que a Glória não conheço muito. Glória, Conselheiro, né?

– Ah, sim.

Mais adiante.

– Ah, tem os karaokês. Você frequenta os karaokês?

– Não? Karaokê?

– É, pra cantar, sabe?

– Cantar?

– É, karaokê.

– Tem, mas só à noite.

Parados em frente ao Hakka Plaza.

– E aqui é de Taiwan, sabe? Pode ver, vamos lá.

Atravessando a rua.

– É famoso. Aqui. Tem português também.

Mostra a placa de identificação.

– Você frequenta aqui?

– Não, eu não gosto aqui.

– Não?

– É, de Taiwan.

– É diferente, né? China e Taiwan, né?

– É. Taiwan agora tem pessoa novo.

Conversa em chinês com a namorada.

– *Government. Government.*

– Ah, sim.

– Porque eu conheci alguns taiwaneses, aí eu falo chineses e eles corrigem que são taiwaneses, né?

– Sim [ri].

Na esquina da São Joaquim com Galvão.

Mostrando a fachada do Bunka.

– Ó, aqui é muito famoso no Japão, né?

saber

13) Centro Cul-
tural de Taipei
Taiwan
Famoso
Não gosto

Bunka

14) Bunka
Famoso
Japão
Venho aqui para
teatro chinês

- É o Bunka.
- Sim.
- Mas você já foi?
- É, já fui. Fui aqui.
- Parados na esquina.
- Aqui sempre tem show. Tem show aqui.
- Tem uns eventos, né?
- Sim.
- Aí você costuma ir?
- Eu venho aqui pra chinês show e tem pessoa apresentar aqui. Tudo aqui.
- Música?
- Música?
- Atravessando a rua.
- É de música? Show de que?
- É, *theater*.
- Ah, teatro.
- É, teatro.
- Subindo a São Joaquim.
- Essa rua é São Joaquim. Tem chinês jornal.
- Mudando de calçada.
- E japoneses e coreanos daqui da Liberdade você conhece?
- Não. Antes eu conheço pessoa no USP. Mas ele faz diferente área comigo.
- E era japonês ou coreano?
- É, japonês.
- Japonês.
- Mais adiante
- Onde você trabalha são só chineses ou tem brasileiros também?
- Chinês e... Só chinês.
- Só chinês?
- É.
- Passamos diante de um prédio.
- Gira a câmera pra trás
- Interessou? [O participante estava lendo a placa de aluguel].
- Aluga.
- Você tá pensando em mudar?
- É, eu quero mudar outro lugar. Mais tranquilo.
- Na Conselheiro Furtado como que é morar lá?
- [Ri]

- Que passa ônibus lá.
 - Sim, ônibus é melhor.
 - Mas é muito barulhento lá? Seguro?
 - Seguro.
 - É?
- Seguindo pela São Joaquim encontra um colega chinês.
- Conhece?
 - É, chinês amigo. Ele louco. Louco ele.
- Atravessamos a Taguá.
- Subimos mais um pouco pela São Joaquim.
- E se fosse pra mudar, você sairia daqui da Liberdade?
 - É, eu saía da Liberdade.
 - É, quer sair da Liberdade?
 - É.
 - O que você não gosta no bairro?
 - Esse bairro tem muito chinês. Muita pessoa. E aqui perigoso. Brasileiro, ele sabe. Chinês mora aqui. Tem dinheiro, né? Mas eu não tenho.
- Paramos. A câmera aponta para o outro lado da rua.
- Ah, então como... Pra quem não te conhece, acha que você é também outro chinês cheio de dinheiro.
 - Se eu fui roubado é *very very unfortunately*.
- Procurando o letreiro.
- Aqui. É Jornal Chinês para América do Sul [lendo o letreiro]. Ele é de China.
 - De China.
 - É. Ele faz jornal. É muito bom.
 - É bom?
 - É. No fim de semana ele tem jornal de português. Vender bom.
 - É bilíngue, né? Tem português e chinês.
 - É, sim.
 - Ah, é bom pra treinar, né?
 - É. E tem 7. Todo tem.
 - Aqui você também fez o anúncio, *advertisement*?
 - É, sim, também. E *our country support it*. Tudo jornal tem...
 - Financiamento.
 - *The country support*.
 - Financiamento do governo.
 - É.

– Inclusive aquele de Taiwan?

– De Taiwan embaixo, não. [parece ter entendido que era o Centro Cultural de Taipei]

– Aquele que a gente viu na rua do Chi Fu era de Taiwan o jornal, não era?

– Ah, sim, sim. De Taiwan.

– Aquele também é financiado?

– Também... Também Taiwan suporte. Sobe a câmera e mostra o toldo azul.

– E ele tem embaixo aqui... Como se fala?

Desce a câmera e mostra o portão da garagem.

Conversa em chinês com a namorada.

– *Ink factory*.

– Ah, é?

– Ele faz.

– Fábrica de tinta?

– Sim, sim. E dá muito *power*.

– Ah, não é só o jornal. A renda não é só do jornal.

– É.

A câmera dá um giro e aponta o outro lado da rua.

– Já tudo.

– Essa... A Liberdade que você frequenta...

– Sim.

– São essas ruas.

Volta a câmera pra trás no sentido Galvão.

– A Liberdade tem muita chinês jornal, de Taiwan e de China, e restaurante. Tudo já.

– Mas se fosse pra mudar você iria pra onde?

– Acho que... Aclimação.

– Aclimação.

– Ou... Aclimação tá melhor.

– Sair um pouco... Que ainda seria perto aqui da Liberdade, né? Mas...

– É, perto. Então comida é *important* pra mim.

– Ah, tá. Teria que morar ainda perto da Liberdade...

– Sim, perto.

– Pela comida.

– É, perto.

– Ah, tá, entendi.

– Tá legal.

ANEXO L

Transcrição do passeio filmado com Maria

Tomada 1

Saindo do Centro Taipei, subindo a São Joaquim.

- ... pão muito gostoso. Ele pão, né? Primeiro lugar.
- Ah, padaria.

1) **Padaria**
Muito gostoso
Oriental
Original

Fala em chinês com a atendente da padaria.

Aponta a câmera pra vitrine dos pães.

- Oriental original. Muito gostoso.
- [padeira fala] Espera um pouco. Agora é... Produto não saiu ainda.
- Depois vem fresquinho.
- Agora. Começar agora...

Atravessamos a rua e seguimos pela Galvão no sentido da Praça da Liberdade.

- Esse aqui chinês.

Mostra a entrada do restaurante.

2) **Chibina**
Chinês
Pequeno
Continental
Barato
Classe mais

- Restaurante, né? Pequeno. Às vezes tudo vem continental, né? Só vem continental.
- Mas a Sra. come aí de vez em quando?
- Aqui barato.
- É, barato?
- Barato. Mais... E parece de classe mais baixa.
- Ah, sim.

Mostrando as vitrines das lojas

- Tudo loja chinês. Tudo loja taiwanês.
- É chinês também?
- É.

3) **Loja de bolo chinês**
Taiwanês
Pouco capital
Pequena

Mostrando o interior de uma das lojas.

- Conheço esse também de bolo. Também é de pouco capital. Fez surgir loja pequena.
- Mas o que vende aí?
- Vende bolo.
- Bolo, ah.

Ainda mostrando as vitrines das lojas.

4) **Açougue**
Japonês

- Esse aqui [açougue] é japonês, né? Rua Galvão Bueno.
- Galvão Bueno.

Aponta pra calçada.

- Esse aqui também.

Vemos a fachada do restaurante do outro lado da rua.

<p>5) Taizan Antigo chinês Vender para japonês</p>	<p>– Taizan. Antigo de comida chinês. Depois vender para japonês. – Japonês? – Japonês.</p>	
<p>6) Wan Wan Chinês</p>	<p>– Aqui também chinês. Loja chinês. Mostra o letreiro e o cartaz do restaurante. – Wan Wan. – A Sra. come bastante nos restaurantes aqui? – Sempre, sempre... Só pra... Como chama? Pra todo mundo. Eu sozinha não gosto muito. Muito gordura. – Quando tá com mais gente, aí vai no restaurante. Seguimos pela Galvão. – Essa rua, antigo, muito só... Bairro de negro, antigo. Depois, chineses chegou fazer comercial. E negro sempre muda para outro lugar. – Mas isso antes dos japoneses?</p>	<p>Tino comercial chinês</p>
<p>7) Igreja dos Enforcados (Praça da Liberdade) Negro</p>	<p>– Não. Antigo, não é japonês. Mas só negro. Lá tem uma igreja, né? Do negro. – Enforcados, dos Aflitos, né? – Queima aquele branco... Como que chama? Vela. Queima vela. – Tem as velas dos Aflitos. – Igreja de negro. Agora não pode falar negro. – Não fica bem, né? Mas em que ano foi esse dos chineses ocuparem o lugar dos negros? – Antigo. 50 anos antes. 50 anos antes. – Ah, tá.</p>	
<p>8) Galvão Bueno Coreano</p>	<p>Passamos pelo restaurante Galvão Bueno. – Esse coreano. Volta a câmera, aponta para o cartaz. – Ah, coreano? Retorna a câmera para o caminho.</p>	
<p>9) Nikkei Palace Japonês Muito bom</p>	<p>– Esse aqui japonês. Nikkei Palace. Mostra rapidamente a entrada do hotel. – Ah, esse é famoso. – É, muito bom. Próximo ao Edifício Pacific.</p>	
<p>10) Pacific Chinês Taiwanês</p>	<p>– Esse primeiro... Vira a câmera para o prédio do outro lado da rua. – Termina esse prédio, né? Também chinês que fez. – Esse vermelho? Mostra o prédio até o alto. – É. Prédio chinês. Taiwanês. Dono médica.</p>	

– Mas é prédio comercial?
– Comercial para alugar, para vender. Mais ou menos 40 anos de Brasil. Ganhar dinheiro e fez.
– Ah, sim.
– Antigo chinês veio aqui tudo sem dinheiro. Sem dinheiro. Parece chegou Brasil 100 dólar, 200 dólar, só isso, só.
– E aí começaram...
– Chegou já começou trabalho.
– Já começou a trabalhar.
– Nunca assim... Nunca descansa. Trabalha direto. Mais adiante.

Tino comercial chinês

– A Sra. trabalhou... Era num restaurante?
– Antigo... Eu trabalhei restaurante 20 anos. Ficava lá, Paulista. Depois o marido morreu aí parou. Agora tem filho. Filho [cuida] comigo. Ele médico. Minha filha fisioterapeuta. Agora tá América.
– Ah, foi pra América?
– América do Norte. E com meu genro, com neto. Agora só trabalha lá, Centro Cultural. Trabalha de graça, né?
Na frente do Kanazawa.

Mostra a fruta que o vendedor corta. Depois as fotos coladas na parede e também as caixas embaixo.

– Esse fruta você viu?
– Não.
– Esse aqui é tipo chinês.
– [vendedor fala] Experimenta.
– Esse parece fogo, né? Chama fogo-dragão.
– Chinês?
– Chinês. Semente pra cá. Planta, igual esse aqui [aponta a foto].
– Pitaya.
– Pitaya. Bonito, né? Quando esse aqui, preço muito barato. Muito bonito.
Aponta novamente pras fotos.
– Chinês.

Seguimos o percurso.

Mostra a fachada da Galeria Kanazawa.

11) Galeria Kanazawa Velho Reforma

– É novo, né?
– Não, esse aqui não é novo.
– Não?
– Tava velho. Depois reformar.

Seguindo a Galvão. Câmera aponta para o outro lado da rua. Depois retorna ao eixo.

– Chinês se ganhar dinheiro só compra imóvel. Se vê também que tá barato ele comprou. Depois reformar. Reformar de novo. Alugar pra gente. Chinês, cabeça muito bom. Só dinheiro, dinheiro.

Tino comercial chinês

– Bom pra negócio.

– É. Porque ele muito trabalha

Mais adiante mostra a vitrine de uma loja.

– É de chinês. Loja tudo chinês.

– Chinês agora.

– Loja, tudo chinês, rua.

Tudo taiwanês

Seguimos pela Galvão.

Encontra uma amiga.

Atravessamos a Rua Barão de Iguape.

– Esse tudo de chinês.

Mostra lojas do outro lado da rua.

– Loja taiwanês. Taiwanês.

– Taiwanês.

– É. Começo esse, tudo taiwanês.

Tudo taiwanês

Mostra desde a loja da esquina.

Seguimos pela Galvão.

– Esse é o Hotel Banri.

Mostra o hotel.

– Também chinês. Tem 50 anos. Depois comprou aqui bastante de terreno.

Mostra o estacionamento.

– Levantar esse prédio. Chama Banri. Também taiwanês.

Mostra rapidamente a entrada do hotel.

Na esquina com a Américo.

– Você quer tomar coco? Quer? Gostoso.

– Sim. Fazer um tempinho.

Tomada 2.

Seguindo pela Galvão, passando a Américo.

– Tudo chinês. Tudo taiwanês.

– Como é?

– Esse loja, tudo taiwanês.

Mostra as lojas do outro lado da rua.

– Ah, é. Pomona também?

– É, também. Pomona e esse Banri também.

Trocamos de calçada.

Tudo taiwanês
Japonês tudo já mudou

12) Banri Hotel
Chinês
Taiwanês
50 anos

– Esse também taiwanês.
 Seguimos em direção à Praça da Liberdade.
 – Esse loja até lá tudo taiwanês.
 – Tudo taiwanês.
 – É.
 – Japonês então tem pouco, né?
 – Muito pouco agora. Tudo já mudou.
 Passando pelo viaduto.
 – Lá Marukai também taiwanês.
 – Também. A Sra. conhece os donos?
 – Conhece. Comigo mesma igreja. Igreja Presbiteriana de... Igreja Taiwan, né?
 – Que rua?
 – Rua Siqueira Campos.
 – Ah, sim.
 – Igreja taiwanês.

Ainda no viaduto.

– Agora tudo taiwanês comprou esse loja.
 – Mas já faz algum tempo que eles compraram, né?
 – Mais ou menos 3 anos antes. Antigo. 4 anos antes.
 – E coreanos?
 – Coreano todo tá lá Bom Retiro. Tudo separado.
 – Aqui não ficou.
 – Aqui só taiwanês.

Tudo taiwanês

Passando pelo Jardim Oriental.

– Ele comercial diferente. Tudo confecção de roupa.
 – Roupa.
 – É. Chinês gosta bazar, alimentação e mercearia, né?
 – Ah, tá.
 – Mais gosta esse tipo.
 – Não é tanto de roupa.

Tino comercial chinês

13) Party Dress
Coreano

– Esse coreano. Roupa tudo coreano.
 Aponta pra loja coreana de roupas do outro lado da rua.
 – Ah, tá.

14) Himeya
Taiwanês
Cliente tudo japonês

– Esse aqui também taiwanês.
 Mostrando a vitrine do Himeya.
 – Esses dois juntos mesma loja. É tudo taiwanês.
 – Himeya. Mas o nome é japonês, né?
 – É japonês. Porque ele... Cliente tudo japonês.
 Passando pela Casa Bueno.

15) Casa Bueno Chinês Taiwanês	<p>– Aqui também chinês. Taiwanês. Encontra conhecido. Mostra o letreiro da Casa Bueno. Segue o caminho.</p>
16) Kyoto Antigo japonês Vendeu para tai- wanês	<p>– E esse aqui também, Kyoto. Volta a câmera à procura da loja Kyoto do outro lado da rua. – Antigo japonês. Já vendeu pra taiwanês. Passando pelo Sogo.</p>
17) Sogo Cantonês Continental	<p>– Esse aqui galeria tudo cantonês. Cantão. Mostra o interior da galeria. – Cantão. – Cantão é continental. Passando pelo Marukai.</p>
18) Marukai Taiwanês	<p>– Esse aqui, Marukai, também taiwanês. – Marukai também. Mostra o letreiro do Marukai. – Ele tem cinco lojas aqui. – Ah, é.</p>
19) Minikimono Japonês	<p>– Itiriki, né? Aquele pão chinês também ele. Em frente ao Minikimono. – Só esse japonês. Passando pelo Shanghai.</p>
20) Shanghai Fechado Reformando Sem movimento	<p>– Shanghai agora fechado. – Ah, fecharam o Shanghai. – Shanghai agora tá reformando. Não sabe quando. O restaurante não tem movimento. – Ah, não. Seguem dois trechos de difícil compreensão. Cruzando a Galvão, próximo à Rua dos Estudantes, parece dizer: “Até aqui, depois eu ando desse lado”. Atravessando a Rua dos Estudantes, parece dizer: “Esse tudo japonês. Tem pouco”. Ainda atravessando a rua.</p>
21) Itiriki Taiwanês Só abre meio-dia	<p>– Itiriki, né? Vira a câmera pra padaria do Itiriki. – A padaria, né? – É também Marukai. Dono. E esse aqui também. Esse restaurante também ele. – Itiriki. Mostra o letreiro. – Esse aqui. Também taiwanês. Mostra o interior do restaurante.</p>

Itiriki

- Esse Yoguti também. Não é esse aqui, outro.
- Yoguti.

Mostra o letreiro.

- Esse só abre meio-dia. Restaurante.
- É a saída do Itiriki, né?
- É, isso. Ele também Marukai dono.

Na altura do Bradesco.

22) Bradesco
Antigo
Reforma

- E esse aqui, prédio, né?
- Volta a câmera pra trás em direção ao Bueno.
- Aquele, Casa Bueno, foi ele que comprou. Dá pra Bradesco.
 - Bradesco.
 - É. Antigo, né? 250 mil dólares comprou. Agora vale mais.
 - É, que fez a reforma, né?
 - É, reforma tudo.

Mostra rapidamente a fachada.

- Taiwanês muito forte.
- Os taiwaneses então compram imóvel...
- Compra imóvel primeiro. Antigo. Tudo compra velha casa. Depois...
- Reforma e vende.
- Reforma.
- Aluga.
- Sim. Ele cabeça bom, né? Compra velho de casa. E alugar, né? Gente alugar, ele vai reformar pra ele. Sem gastar dinheiro.

Tino comercial
chinês

Mostra a vitrine e depois o interior da mercearia.

23) Towa
Taiwanês
Movimento muito bom

- Esse aqui também tudo taiwanês. Mercearia, né?
- Towa.
- Movimento muito bom. Aqui ponto bom. Porque esse aqui dá na estação, né? Ponto todo muito bom.

Mostra a vitrine e depois o interior da loja.

24) Casa Fuji
Taiwanês

- E aqui, esse também taiwanês.
- Taiwanês.
- Taiwanês gosta bazar, mercearia, comida, alimentar, alimento.

Tino comercial
chinês

Passamos em frente a um depósito.

- Depósito dele. Depósito.

Mostrando a vitrine e depois o interior da outra mercearia.

25) Meisim
Cantonês
Produto tudo continental

- Esse aqui cantonês. Só esse aqui não é taiwanês.
- Ah, cantonês.

Meisim

– Esse cantonês. Esse produto tudo continental, né?
Esse aqui.

Mostra a fachada da galeria.

– Essa galeria, quase continental.

– Ah, é.

– Quase. Vende...

Retornamos o caminho.

26) Galeria
Quase continental
Produto falso
Fiscal vem pegar

– Produto...

– Roupas?

– Roupas também tem. Vende bastante produto falso, né?

– Ah, os falsificados. Produtos de marca.

– Esse fiscal sempre...

– Ah, fecha.

– Vem pegar.

Voltando pela Praça da Liberdade.

– Mas esse rua chinês, taiwanês tem muito. Grande.

Tem uma turismo. Também tudo quase taiwanês.

Aquele prédio em cima.

Mostra o alto do prédio na esquina da Galvão.

Encontra amiga. Fala em japonês.

27) Agências de
turismo
Tudo quase tai-
wanês

Apontando novamente para o prédio na esquina da Galvão.

– Agência de turismo nesse prédio?

– Esse prédio e esse frente também.

Mostra o prédio mais alto do outro lado da Avenida Liberdade.

– Tudo turismo. Vendedora. Vende passagem.
Avião, né?

Seguimos o caminho.

– Japonês... Depois quase tudo saiu pra esse bairro.

Na esquina vira a câmera em direção à igreja.

Igreja dos
Enforcados

– Igreja, você sabe, né?

– Dos Aflitos... Dos Enforcados.

– Sim, sim.

Descendo a Rua dos Estudantes.

– Itiriki, né? Casa Marukai. Mesmo dono. E esse aqui também.

Mostra a fachada do Tenmanya.

28) Tenmanya
Taiwanês
Produto japonês

– Tenmanya, também dono de Marukai. Tudo de taiwanês.

Mostra o interior da loja.

– Dentro tem bastante japonês. Produto japonês.

29) **Comercial de
Presentes**
Roupa chinês

Passando pela lojinha ao lado do Tenmanya.
– Esse roupa chinês.
Ainda descendo a Rua dos Estudantes.
– Então Marukai é dono de quase tudo aqui.
– Cinco.

30) **Mercearia
Oriental**
Taiwanês

Mostra a mercearia oriental do outro lado da rua.
– E esse aqui também taiwanês.
– Taiwan.
Mais adiante.

– Taiwanês gosta mercearia, alimentação, bazar.
Mostra a loja do outro lado da rua.

Tino comercial
chinês

31) **Omiyague**
Taiwanês

– Omiyague também taiwanês.
– Também taiwanês.
– Taiwanês.

Ainda descendo.

– Aqui tem um dentista taiwanês.
– Ah, é.
– Muito barato. Uma vez eu fazer dentista. Trinta, cinquenta reais só. Mas uma vez e já acabou.
– Ah, é.
– É, muito fácil.
– Ah, então é boa também. Bom e barato.
– Barato, rápido. Não podia passar muito tempo.
– Ah, tá.

32) **Dentista**
Taiwanês
Muito barato
R\$ 30, R\$ 50
Muito fácil
Rápido

– Foi chinês o dentista. Eu sempre indico.
– Aqui na Glória?
– Não, esse aqui.
– Esse prédio aqui.
– Esse prédio, sim. Aqui, ó. Muito barato. Esse aqui.
Dentista.

Mostra o interfone do prédio e a placa do dentista escrita em chinês.

– Rapidinho. E com brasileiro dentista é diferente. Diferente ele. Vem dentista uma vez. Não tem que passar 5 vezes. Ele uma vez.

– Uma vez só resolve.
– E acabou. Muito fácil.

Atravessando a Rua da Glória.

33) **Campeão**
Chinês
Cantonês

– Esse segunda rua: Glória, né? Esse aqui também bastante restaurante chinês.

Mostra rapidamente a rua em direção à Praça da Sé.

– Mas só cantonês. Só cantonês.

– Ah, é. É cantonês. O Campeão é cantonês?

34) **Tenko**
Taiwanês
Terça fechado
Muito gostoso
Caro

– Tudo cantonês. Campeão também é. Só aquele é taiwanês. Tem uma... Como chama? Ah, hoje ele fechado. Terça-feira fechado. Esse aqui também gyoza muito gostoso.

– Ah, é.

– Gyoza. Chanpon. Primeiro lugar. Mas preço não tá bom.

– Não? É caro?

– Caro. Porção grande. Uma pessoa, duas pessoas pode comer bem.

– É esse?

Mostra a fachada do restaurante.

– Esse.

– Tenko.

– Tenko. Esse aqui muito bom. Esse taiwanês fez.

Descendo mais um pouco.

– Eu levar você pra Chinês... Kaikan.

– Ah, o Centro Social...

– Social de Chinês.

– China.

– Antigo ele primeiro fez aqui. Depois Governo fez prédio lá na São Joaquim, né?

– Ah, é.

– Todo mundo perigoso passar pra cá.

– Por isso que trocou de lugar.

– Sim.

Atravessando a Conselheiro.

– Muito antigo. Quase 60 anos.

Mostra a fachada, o letreiro e entramos.

Tomada 3.

Saindo do Centro Social Chinês, seguindo pela Conselheiro, sentido bairro da Aclimação.

– E aqui na Conselheiro Furtado...

– Esse aqui.

Mostra a fachada do cabeleireiro.

– Aqui, ó, é cabeleireiro.

– Cabeleireiro.

– Também corta homem também aqui. Tudo taiwanês. Muito bom.

– A senhora corta aqui?

– É corta aqui.

– Bastante homem tudo corta aqui.

36) **Cabeleireiro**
Taiwanês
Muito bom

Referência ao
Centro Cultural
de Taipei

37) Kwan Yin
Taiwanês
Budista
Só domingo aberto

Atravessando o viaduto.

- Esse aqui também taiwanês que fez.
- Que é isso?
- Buda. É uma igreja de budista.
- Mas parece sempre fechado. Ele funciona?
- Funciona. Você entra tem muito aquele boneca para... Com aquele...
- Incenso, né?
- Incenso.

Ainda no viaduto.

- Uso é Cristo, né? Jesus.
- Budismo?
- Não, só Cristo. Sete.

Mostra as “bonecas” [estátuas].

- A senhora em Taiwan já era cristã?
- Vem aqui. Vem aqui. Para batizar.
- Aqui que foi batizada.

Diante das grades, mostra as “bonecas”.

- Essa aqui ó. Esse tudo entra Taiwan. Esse aqui boneca tudo são com a navio. Boneca. E aquele tudo fez aqui.

Pausa.

Kwan Yin

- Esse aqui é só para praça. Lá dentro tem uma... Andamos até a porta. Aponta a câmera para dentro.
- Aqui entra lá. Tem bastante boneca. Mas tá fechado, né? Só domingo mais aberto. Domingo.
- E aqui dentro que é o templo mesmo.
- Dentro. Tem bastante.

Na esquina com a São Paulo.

- Subir lá.
- Atravessar.

Atravessando a Conselheiro.

Na frente da Lega Itálica. Mostra a fachada.

- Aqui italiano, né? Italiano, de festa, clube. Antigo, chinês não tem. Tudo vem aqui fazer festa.
- Ah, é?
- Alugar.
- Alugava esse salão?
- Sim. Muito antigo. Agora não precisa.
- Agora não precisa.
- Já tem lugar.
- E que festa costumava fazer?
- Fazer nossa... [Chinês independente]

38) Lega Itálica
Italiano
Antigo chinês
vem aqui fazer
festa

– Ah, do ano novo [entendi errado].
– É, ano novo. Depois o casamento.
– Também fazia aí.
– Casamento, aniversário.
Cruzando a Rua da Glória, em frente ao batalhão de polícia.
– É, pode passar.
Subimos a Américo, dobramos a esquina e voltamos pela Galvão.
– E além do Centro Taipei e do Centro Social Chinês, a Sra. vai mais aonde?
– Eu. Eu não trabalhar mais também. Eu agora tá aposentado, né? Já 73 anos. Só fazer isso aqui. Fazer de graça para Governo.
Ainda pela Galvão.
Encontra amiga. Conversa em chinês.
– Bastante conhecidos.
– É. Tudo tá lá. Eu sábado de manhã muito pra lá, trabalha. Sábado de manhã, tudo... Semana... Tudo sábado tá lá.
– É? Sábado de manhã, o que tem lá?
– Lá. Eu só trabalha na frente, né? Só recepciona. Só isso, não tem nada.
– É só pra encontrar? É como se fosse um clube?
– É, só nossa chinês passa lá. Para recepcionar. Para serviço lá.
– Mas é trabalho que tem sábado de manhã?
– Tem todo dia. Todo dia é diferente. Um dia tem duas pessoas. Uma na biblioteca, outro na frente. Um dia tem quatro pessoas. De manhã dois. À tarde dois. E lá segunda-feira fechado. Segunda-feira não trabalha. Fechar inteiro.
Seguimos pela Galvão. Atravessamos a Barão. A filmagem termina na altura da Adega do Sakê.

ANEXO M

Transcrição do passeio filmado com Lina

Tomada 1.

Praça da Liberdade na frente da YoGuTi.

Começamos a andar no sentido São Joaquim.

Música de fundo

– O que você quer saber?

– Você pode me mostrar o bairro. Vai me contando sobre o bairro, mostrando...

– Mas você conhece aqui já de antes?

– Já. Mas aí o importante é como você vê o bairro: a sua visão.

– Nossa, melhorou muito. Muito, muito. Aqui antigamente era muito feinho.

Para na esquina com a Rua dos Estudantes.

Volta a câmera pra trás, no sentido oposto ao que caminhamos.

– Não sei se você lembra. Uns cinco... Cinco anos atrás eu acho. Não tinha nada disso.

– Essas reformas todas...

– Reformas, a fachada. Era muito feio. Cada um tinha um jeito. Então eu acho por causa disso que tá enchendo mais gente aqui. A praça aqui também...

Vira mais a câmera em direção à praça.

– Ficou bem melhor. Era bem...

– Não tinha tanto movimento? Antes não era tão movimentada assim?

– Não, não era. Sábado, domingo, assim só dia de festa tava cheio. Mas normalmente...

Retorna a câmera ao sentido da caminhada. Mas ainda permanece parada na esquina.

– Na semana aí já não era assim?

– Na semana só quem trabalha. Mas no final de semana também tinha mais. Sinto trânsito, pessoalmente. Não tinha isso.

– Não tinha?

– Não, aqui não parava não. De jeito nenhum. Mas hoje em dia pra sair da Galvão, da minha casa, pra sair pra algum lugar, nossa, 15 minutos parado, só na Liberdade. É bem complicado.

Volta a andar.

– Por isso que valorizou muito aqui também.

Mais gente
Mais carros

– É, valorizou?
– Nossa, imóvel, de menos de 5 anos pra cá dobrou de preço.

Seguimos pela Galvão.

– Ah, eu venho muito nessa daqui: Sogo. Pra ver bugiganga.

– Ah, Sogo.

– O shopping, é.

– Mas lá tem montão de tipo de loja. Você vai em alguma específica?

– Não, gosto de ver essas coisinhas, assim, japonês, sabe? Miniatura.

– Ah, de decoração?

– Não, aquelas miniaturas de mangá, não é? Que tem lá no andar de cima.

– Ah, sei.

– Eu acho legal.

– De animê?

– Isso. Eu não conheço nenhum, mas acho legal.

Para e vira a câmera pra fachada do Marukai.

– Aqui também é um lugar que eu vou bastante. Tem tudo. Tudo o que você quiser, você acha.

Seguimos mais um pouco.

– Ikesaki, né?

Para e volta a câmera pra fachada do Ikesaki

– Também vou bastante.

Seguimos a caminhada.

Mostra a fachada do Himeya. Mas nada comenta.

Na altura do viaduto. Começa a filmar a outra calçada.

– Hoje até que tá tranquilo. Normalmente é cheio de camelô aqui. Ali já estão de sacolinha. Acho que está vindo um fiscal.

Nesse trecho do viaduto até a Américo, filma mais a outra calçada, onde normalmente ficam os camelôs.

– Desses camelôs têm chineses? São chineses?

– Só tem. É. Só tem. Metade de chinês. Aí outra metade deve ser, tipo... Não sei diferenciar. Tem peruano, boliviano. Aí tá mais ou menos metade/metade.

Passamos o viaduto

– A metade dos camelôs daqui saiu daí

1) **Sogo**
Ver bugiganga
Japonês
Mangá e animê

2) **Marukai**
Vou bastante
Tem tudo

3) **Ikesaki**
Vou bastante

4) **Viaduto**
Cidade de Osaka
Hoje tranquilo
Normalmente
cheio de camelôs
Metade chinês
Metade boliviano

5) Lotte
Fechado
Ficou dois ou
três anos aberto

Volta a câmera pra galeria fechada, na esquina da Galvão com a Américo.

– Foi fechado, né?

– Ah, tá. Que era... Aí tinha uma galeria.

– É, aqueles box, né? Aí foi fechado e ficaram sem lugar.

– Eles que foram pra ponte?

– É, alguns, né? Alguns já conseguiram fixar em outros lugares. Mas acho que aqui, vendendo na rua, vende mais do que alugar box em outro lugar.

– Mais barato.

– Também. Não tem que pagar aluguel.

Atravessamos a Américo.

– Mas tinha muito tempo esse comércio aqui?

– Essa loja? Ai, acho que ficou uns dois ou três anos aberto. Ou mais, não lembro.

Vira rapidamente a câmera pra fachada da galeria fechada.

Quartirão da Américo até Tomás.

Neste trecho também filma mais a outra calçada.

– Essa parte aqui também mudou?

– Lá mais. Bem mais. Aqui mudou mais por obrigação. Porque tinha que tirar as coisinhas da lei, né?

– Os cartazes, né?

– É, exatamente. Aqui tirou e ficou melhor. Eu acho. Ficou mais limpo.

– Tinha mais letreiro?

– Tinha, tinha muito feio. Cobria a fachada.

– Mas eram letreiros orientais?

– Não, não. Aquelas chapas de metal mesmo, sabe? Compridinha. Acham aquilo bonito e fechava inteira a fachada.

Na altura do Hospital Bandeirantes.

– Você liga se eu for lá para o Kaisen, comprar uma coisinha?

– Ah, não, tudo bem.

Atravessamos a rua.

– Senão eu vou ficar sem janta hoje.

Na frente do Kaisen.

– Liga ou desliga? Você quer continuar aqui?

– Essa é minha dúvida na pesquisa.

– Pode assim?

6) Kaisen
Compra do dia

Lei Cidade
Limpa

– Ah, vamos desligar. É melhor, né?

Tomada 2.

Galvão. Quarteirão da Tomás até Barão.

Saindo do Kaisen.

Desta vez volta a câmera pra frente, filmando a própria calçada.

– Essas lojas aqui de taiwanês. Já estão aqui há muito tempo.

Mostra as vitrines.

– Tem essa e, lá perto da ponte, não tem algumas também? Que vende algumas coisinhas assim. É tudo taiwanês.

– Antes da ponte, para o lado do Banri?

– Isso, isso.

Volta-se para o percurso novamente.

– Porque antes na verdade a 25 não era do jeito que a gente conhece hoje. Lá não tinha essas lojinhas que vende coisinhas importadas da China, Taiwan. Eram todas aqui. Depois que lá começou a crescer, aí as pessoas mudaram pra lá. Lá só tinha... Pelo que eu me lembro da minha época quando passeava lá, 25 vendia muito tecido. Era uma rua só de tecido.

– Mais de roupa?

– Não, tecido “tecido”.

– Ah, não. Roupa é José Paulino.

– Isso. Só de tecido. Aí só depois que começaram a vender essas mercadorias, essas bugigangas.

– Então começou aqui mesmo?

– Aí já não sei. Só sei que aqui era só atacadista. Nem vendia varejo. Mas acho que lá também já existia. Porque lá tem... Não sei se você conhece a 25 direito, mas tem um trecho que é só especializado em coisas de artesanato. Aí um trecho que é só bolsa. Não sei como que vem desse jeito, se já era assim.

– Mas é mais característica do comércio taiwanês: bugiganguinhas, eletrônicos.

– Eu acho que partiu daqui. Porque esses que estão aqui também estão há anos, muitos anos.

Seguimos na Galvão. Quarteirão da Barão até Fagundes.

– Aqui tem o Aska. Conhece, né?

7) Lojas Meilyn e Meg Presentes
Taiwanês
Há muito tempo
Bugigangas

Aska

8) Aska
Rápido
Barato
Suave
Light

9) Rong He
Mais gorduroso
Chinês

- Nunca fui.
- Não, jura?
- Já foi lá?
- Nossa. Quando você... Quando eu não quero cozinhar, quero comer coisa rápida e barata é lá.
- E é bom?
- Ah, eu prefiro macarrão chinês.
- Muita diferença?
- Nossa, total. Aska é muito... Que nem meu marido fala, sem gosto, sem sal. Oriental você bota um monte de coisa. Mais gorduroso. Aqui é suave. Pra quem gosta de coisa bem light.
- Chinês também faz macarrão com caldo?
- Faz, faz. Um dia você tem que comer lá no... Conhece já, aquele que eu te falei de massas?
- Ah, o Rong He.
- É, então come lá.
- Não é só o macarrão?
- Não. Yakisoba assim? Não, não.
- Ah, eu achava que era meio separado: o japonês tinha esses ensopados...
- Não, imagina. Na verdade, chinês pra mim... Macarrão chinês sempre é com sopa. Yakisoba acho que eu... O que? Devo ter comido aqui pela primeira vez.
- Ah, é?
- É, lá em Taiwan, na minha memória, é sempre com sopa.

Atravessamos a Fagundes.

- Cansou?
- Não, não.
- É esse o caminho que eu faço todo dia. Todo santo dia.
- É o caminho... Você busca seu filho.
- Meu filho é na rua de trás. Aí vou almoçar na casa da minha mãe, aí eu volto pra casa.
- Seguimos pela Galvão. Passamos pelo Taizan.
- O cotidiano são os mercados...
- É, é.
- Restaurantes... Não, aí hoje no caso você comeu na casa da sua mãe.

Caminho diário

– É, almoço lá. De manhã eu fico lá na loja. Aí não dá tempo de buscar a criança, fazer almoço. Então já como lá. Tudo pertinho. É bom.

Caminho diário

Passamos pelo Dinastia Ritz.

– Você veio pequena aqui para o Brasil, mas aqui na Liberdade te lembra alguma coisa lá de Taiwan?

– Acho que as pessoas. Na verdade uma das coisas que eu gosto de morar aqui é porque tem muito oriental. Eu não me sinto estranha. Tem gente que não liga, outros que aponta. É que tem lugar que você vai e a criança fica te apontando por você ter olho puxado. Mas aqui isso é normal. Eu me sinto melhor do que alguns lugares que eu vou.

Bairro oriental

– As pessoas que dão essa característica oriental.

– É, exatamente. Mesmo... Você vê que tem maioria de brasileiro, mas ninguém fica te olhando, vira a cara, fica te encarando. Tão normal a cara de um oriental aqui.

– Porque aqui é esperado.

– É, exatamente.

Atravessamos a São Joaquim.

Na altura do número 664 na Rua Galvão Bueno.

– Aqui não tinha um restaurante?

– Terça-feira. Feia de terça em vez de segunda.

– Também conhece?

– É, eu fui uma vez lá.

– O que você achou? Mais ou menos [ri].

– Porções fartas. Mas estava gostoso sim.

– Se tiver tempo, oportunidade, você pode experimentar lá na Rua da Glória mesmo. Um restaurante chinês chamado Chique. Não sei se você conhece? Até acho mais gostoso que aqui.

– São restaurantes mais pra dia-a-dia?

– É, mais ou menos. Porque chinês, você sabe, é gorduroso. Não dá pra comer todo dia não.

Próximo do prédio dela.

– Eu moro aqui.

– Esse verdinho?

– É, eu moro aqui.

Paramos. Vira a câmera pra outra calçada.

– Quer fazer outro percurso?

– É, outro lugar que você queira mostrar aqui do bairro.

10) Karen
Terça-feira
Mais ou menos

Restaurantes
chineses
Comida
gordurosa

11) Chique
Mais gostoso

– Ah, a gente passou toda Galvão. É a Galvão mesmo que eu ando mais.

– E nas outras ruas?

Dirige-se ao filho.

– Você quer mostrar a sua rua, a sua escola?

Dirige-se a mim.

– Ah, tem a da escola que eu ando bastante também.

– Ah, vamos lá então.

Voltamos pela Galvão, no sentido São Joaquim.

Pergunta para o filho:

– Tá cansado?

– Não.

– Não, né?

Na altura do Hotel Ginza.

– Onde você já andou por aqui? Assim, filmado.

– Já fiz na Conselheiro Furtado, na Glória alguns pedaços.

– Na Galvão não?

– Na Galvão mais pra lá, daquele lado...

– No centro?

– É, mais próximo da praça. E um pouquinho também da Avenida Liberdade.

– Hum, então você pegou bastante trecho. Quase a Liberdade toda.

– As ruínas... Aí pegamos Barão de Iguape e a Tomás.

– Tomás?

– Tomás Gonzaga.

– Ah, sei, a de restaurante, né?

– É. Mas esse lado pra cá, pouco.

– Aqui já é mais vazio.

Mostra o bar da esquina da Galvão com São Joaquim.

– Fica cheio quando é estudante. Entrada e saída.

– Tem uma faculdade aí.

– Isso.

– E aqui no...

– Bunkyo.

Começamos a subir a São Joaquim.

Aponta a câmera pra fachada do Bunka.

– Frequenta?

– Não, não. Nunca fui. Tem o museu, né?

– É.

– Da imigração japonesa. Nunca entrei lá.

12) Galvão entre
Tamandaré e
São Joaquim
Mais vazio
Cheio quando
tem estudantes

13) Bunka
Nunca fui

14) Centro Cul-
tural de Taipei
Vou sempre

15) Centro
Social Chinês
Perigoso à noite

- A Associação Taipei você vai?
- Ah, essa aí eu vou sempre. Porque a gente faz reunião lá. Eu faço parte do Centro Social. Não sei como fala, conselheiro, sei lá. Aí quando tem alguma apresentação, algum evento, aí se reúne aqui. Porque a noite lá é meio perigoso. Aí as pessoas trabalham de dia e à noite a gente vem pra reunião lá.
- Mais pra cá.
- É.
- São bem ligados os dois órgãos?
- Ah, na verdade aqui [Centro Cultural de Taipei] é pra todos os taiwaneses. É livre. Então o espaço é aberto. Aí a gente prefere fazer aqui as reuniões.
- Atravessamos a rua.
- Aliás, você não quer ir lá no Centro Social?
- Para.
- Você já conhece? A gente pode entrar lá pra filmar.
- O Taipei?
- É. O que você acha?
- Ah, vamos primeiro na escola.
- Aqui, depois volta?
- Voltamos a andar.
- É.
- Ah, então tá.
- Nunca viu, né? Podia conhecer.
- Eu fui lá...
- Ah, você já viu. Então tá bom.
- ... com a Dona Maria.
- Maria?
- A [diz o nome chinês de Dona Maria]
- Ah, sei, sei. Você entrevistou ela? Ah, legal. Ela mora na Rua da Glória, né?
- É.
- Como que você conheceu ela?
- Foi o pessoal do Rádio Taissô. Sabe aquela ginástica?
- Hum. Ah, ela fala bem português?
- Fala, fala. Aí umas chinesas que fazem Taissô lá de manhãzinha falaram pra eu procurá-la.
- Ah, legal. Ah, então você já conhece.
- Entramos à direita na Taguá.

**16) Taguá entre
São Joaquim e
Fagundes**

Não tem fama
muito boa
Perto da FMU
Sexta fecham a
rua
Festas

- Aqui eu não conheço muito. Mais do outro lado.
 - Hum, aqui não é... Não tem uma fama muito boa não.
 - Ah, não?
 - Porque aqui é perto da FMU. De sexta eles fecham a rua. Aí aquele som alto, bebedeira, droga...
 - Festas universitárias.
 - Exatamente.
 - Festas informais, até são na rua.
 - Mas festa diária porque noite já começa, enche de gente, carro nem consegue passar.
- Seguimos pela Taguá.
- Mas de sexta é dia inteiro já. Sexta quando eu venho buscar meu filho já começa, já enche. Vai até a noite.
 - Happy hour começa no almoço?
 - Exatamente.
 - E já tem faz tempo essa faculdade?

**17) FMU
Novo**

- Essa FMU? Acho que não. São todas novas na verdade. Se tiver, um só, um prédio. Aí depois eles ficam construindo. Esse aqui...
- Ao fundo aparece um prédio alto de vidro.
- Esse grandão de vidro também novo. Coisa recente.

**18) Colégio
Adventista
Velho**

**19) Colégio São
José
Fechou
Agora virou
Damásio**

- Continuamos na Taguá.
- Dizem que Adventista é também uma escola velha. Mas antes de eu colocar meu filho eu nem sabia que tinha Adventista aqui.
 - Quem te deu a indicação?
 - Nossa, não lembro. Acho que foi há alguns anos... Você começa a reparar no uniforme das crianças, quando teu filho vai ter que estudar já. “Ah, tem Adventista, onde que é, onde que é?”, aí descobri que tinha uma aqui. Acho que cresceu muito porque o São José fechou.
 - O que é São José?
 - Um colégio na Rua da Glória, sabe?
 - Colégio público?
 - Não, não. O São José, não, é particular. Começou como de menina. Só menina. Eu estudei lá. Dois anos. Era só menina. Mas depois começou a aceitar menino. Aí de uma hora pra outra fechou. Aí muita

Colégio
Adventista

Colégio São
José

gente ficou sem escola e vieram pra cá. Aí que cresceu aqui.

Passamos pelo Colégio Adventista, mas ela mal vira a câmara em direção ao colégio.

– Mas não é o mesmo dono?

– Não.

– Não tem ligação?

– Não. Lá é católico. Era.

– Ah, você falou que é na Glória.

– Não, bem em frente do Centro Social Chinês. Não tem um muro assim, desenho. Então lá era o São José. Agora virou Damásio.

– Esse Damásio é de advocacia, escritório.

– Não. É curso preparatório pra prestar OAB ou concurso público.

Ainda na Taguá.

– E as igrejas aqui do bairro, você frequenta alguma?

– Não, não. Não sigo. Meu marido segue. Mas ele não vai porque eu não vou.

– Ele frequentava as igrejas da...

– Ah, frequentava... Aquela coisa, né? Se for obrigado pelos pais.

– Mas era essa aqui da Liberdade, lá na Mituto Mizumoto?

– Não, não. É uma que fica perto do viaduto. Glicério. Não sei o nome.

Entramos à direita na Fagundes.

– Os pais frequentam lá ainda.

– Qual eles frequentam?

– Aquela do viaduto.

– Ah, mas lá é coreana, né?

– É, coreana.

– Ah, não. Os pais do seu marido?

– É, do meu marido. Não os meus. Meus pais também não. Acho que por causa... Ah, eles não seguem então a gente também acaba não seguindo nada.

Seguimos pela Fagundes.

– Engraçado que aqui na Liberdade falam que é bairro japonês. Mas japonês mais velho só, hoje em dia. Não tem tantos jovens.

Ainda na Fagundes.

Bairro oriental

- Falam de japonês, chinês e coreano, mas coreano também não.
- Também não. Só mais chinês, eu acho, hoje em dia.
- Mas aí também tem que diferenciar Continental de Taiwan.
- Ah, sim, sim.

Bairro oriental

Na altura da vilinha da Fagundes.

20) **Da Zhong**
Finge que está
fechado
Aberto
Jeitinho chinês

- Essa mercearia finge que tá fechada, mas ele tá aberto. Acho que ele não tem alvará pra abrir e tá uma semana desse jeito.

Para e vira rapidamente a câmera pra fachada da mercearia.

- Esse é o jeito chinês de fazer negócio.
 - Também dão um jeitinho?
 - É. Acho que de costume. [Não se pode fazer certo]
- Damos uma olhada no tempo restante de gravação.
- A gente pode dar uma passadinha então no Taipei.
 - Você quer dar uma passada? Então vamos. Vamos ver se a... Você fala Dona Maria. É estranho.

Entramos à direita na Galvão e iniciamos uma conversa sobre o nome chinês de Dona Maria e os pronomes de tratamento em chinês.

Passamos no restaurante Wan Wan.

21) **Wan Wan**
Fui uma vez só

- A Dona Maria me trouxe nesse restaurante.
- Para e volta rapidamente a câmera pra trás, porém, sem focar na fachada do restaurante.
- Ah. Fui uma vez só.

Próximo da esquina da Galvão com a São Joaquim.

- E essa lojinhas?

22) **Lojinhas**
Taiwanês
Estranho
Não sabe
exatamente o que
está vendendo

- É de taiwanês também. Nunca estão aí. Bota um empregado. Meio estranho. Não sabe exatamente o que está vendendo.
- É então meio...
- É. Meio?
- Meio largadinho.
- É, deve ser deles. Não tem que pagar aluguel. Porque se for pra pagar aluguel não sobrevive não.

Entramos na São Joaquim e encerramos o passeio na frente do Centro Cultural de Taipei.

ANEXO N

Transcrição do passeio filmado com Diana

Tomada 1

Na praça da Liberdade.

– Então, tá gravando.

– Hum, certo. É, tá um pretinho aqui do lado. O que é? Ah, é a sombra.

– É a sombra. Aí é a sombra.

– Ah, é a sombra mesmo. Certo.

– Quer tentar um pouquinho?

– Ah, vamos lá. Não pode andar? Como que é?

– É, a gente vai andando e filmando.

– Eu acho muito bonito esse prédio aqui, ó, do Bradesco. Eu acho lindo, sabe? Eles capricharam aqui nessa reforma. É uma homenagem, pra mim, aqui, para o nosso bairro, né, a Liberdade.

– Quando eles fizeram essa decoração aí?

– Já faz acho que uns 2 anos mais ou menos.

– E antes tinha alguma coisa parecida?

– Nada, eles modificaram totalmente. Ficou assim tipo um pagode, né? Um pagode... japonês, sei lá. Pavilhão, né? Pavilhão japonês, né? Lá em cima tem uns símbolos. Lá em cima, tá vendo os símbolos? Tudo é simbólico, né? Tava o projeto de não sei quem, japonês, tá-tá-tá, arquiteto.

– Mas não tem muita explicação do que é.

– É, não explica.

– Você tem ideia do que são essas coisas?

– Não tenho. Só olhando lá o negócio do dragão lá em cima. Ali tem as garças que representa a liberdade. Lá, do lado direito. Só que eu não saberia informar pra você esse símbolo. Mas ficou muito bonito e embelezou nosso bairro.

– É, ficou diferente mesmo.

– É, exatamente. Que mais aqui? Aqui nós estamos na... [ri com a passagem de um rapaz que de brincadeira cobre o rosto pra não ser filmado] Aqui nós estamos bem na estação do Metrô Liberdade. E aqui é interessante também que nessa estação sempre tem uma exposição de ikebana. Permanente. Lá embaixo. É uma homenagem também ao bairro.

Muda de assunto:

1) **Bradesco**
Bonito
Lindo
Reforma
Homenagem
Japonês

2) **Metrô**
Ikebana
Homenagem

3) **Taissô**
Todo dia às 6h da
manhã
Maioria idosos
Mais japoneses
Brasileiros tam-
bém

– E... deixa eu ver... Ah outra coisa também, todo dia às 6 horas da manhã aqui tem a Rádio Taissô Liberdade

– Ah, o Taissô. Você já frequentou o Rádio Taissô?

– Nada. 6 horas eu tô acordando pra depois às 7 horas ir pra academia. Mas o pessoal vem. É formado na maioria tudo por idosos, pessoas assim, mais da... japonesas mesmo.

– Da colônia.

– É, da colônia. Mas tem brasileiros também. É só chegar. Não precisa fazer inscrição nem nada.

– Começa a fazer o exercício.

– Exatamente.

Muda de assunto:

– Ai, que mais nós vamos filmar aqui, Danilo? [ri]

– Você que manda. O bairro é seu. Aí pra mostrar o bairro que você vê, anda, frequenta, faz as coisas.

– É, ali temos a Igreja da Alma, que eu te falei. Essa igreja ali é muito legal também. Tem história. E ali depois tem a Igreja dos Enforcados. Essa é a Igreja das Almas. Dos Enforcados porque aqui nessa praça da Liberdade se enforcava as pessoas.

– Era aqui que tinha os enforcamentos?

– Isso, exatamente.

– Mas aí a igreja já...

– A Igreja das Almas porque morreu, né, então já viu. Então o pessoal começou...

– Enforcava e já rezava.

– Já rezava. Na realidade essa é a Igreja das Almas. Dos Enforcados é aqui embaixo na ruazinha [refere-se à Capela dos Aflitos].

– Descendo?

– Na rua sem saída. Essa primeira aqui à direita.

– Você vai, costumar ir?

– Nessa aí ela é fechada. Ela é fechada. Só essa que é aberta. Só a das Almas.

– Só a das Almas.

– A Igreja das Almas. É muito frequentada. Dia de Finados, por exemplo, você não consegue entrar.

Muda de assunto:

– Aqui tem as lojas também... Eu gosto dessa loja aqui de pedras que é muito legal. Uma das melhores, com preço bom. Essa daqui da esquina.

4) **Igreja dos Enforcados**
Tem história
Aberta
Muito frequen-
tada

5) **Capela dos Aflitos**
Fechada

6) **Ho Kim Do**
Uma das melho-
res
Preço bom
Turista

Ho Kim Do

- É de decoração essa loja?
- Não, é tudo de pedras mesmo. É mais pra gente... Porque tem muito turista aqui no bairro. Hum, deixe-me ver...

Tomada 2

7) Café Sol
Bem tradicional
Muito cheio
Turista

- Em frente ao Café Sol.
- É, quando tá o vermelhinho aí tá.
- Ah, será que tava filmando? Essa cafeteria aqui da esquina, ela é muito legal, também é bem tradicional. Cafeteria, restaurante.
- Você vai?
- Aqui eu já fui, eu já entrei, já desisti porque é muito cheio.
- Ah, tá.
- Muito cheio.
- Uma coisa mais pra turista, quem vem de fora.
- É, turista. É, gente de fora.
- Quem mora mesmo...
- Ih, passa batido.

Risos.

8) Bakery Itiriki
Japonês

- Aqui tem uma padaria muito legal. Essa padaria já entrei aqui. A padaria japonesa, você conhece do lado da direita aqui?
- Bakery Itiriki, né?
- Isso, tem piso superior. Você pode pegar as coisas e subir, comer. Encontra com amigos, né? Happy hour. Então pode vir aqui. Também já vim várias vezes aqui. Então é isso. Vamos ver o que mais. E aqui é o zoom, né? Aqui é o zoom da Liberdade.

Muda de assunto:

9) Banca Coelho
Sempre paro aqui

- Aqui nessa banquinha eu sempre paro pra ler as notícias do jornal do lado de fora. Mas não dá pra gente filmar porque é fogo. Eu sempre paro aqui pra ver só...
- Ver as notícias?
- Ver as notícias, as capas de revista, essas coisas assim, sabe?
- As fofocas da novela?
- As fofocas de novela, esses babados.

Muda de assunto:

Azukiya

- Esse daqui desse lado é novo. Muito legal. Foi uma grata surpresa que eu te falei. Lembra que eu te

10) Azukiya
Novo
Surpresa
Preço bom

falei? Quando eu cheguei: “o que é isso aqui?”
[refere-se às lojas novas que encontrou após voltar das férias]. Esse daqui é muito legal.

– E o preço é bom? Vale à pena?
– Os preços são bons. Aqui na Liberdade os preços são ótimos.

Muda de assunto:

– Esse stand center é também um lugar que eu gosto.

Muda de assunto:

11) Segredo dos
Doces
Novo
Tinha uma loja
de pedras

– Aquele ali o Segredo dos Doces que eu te falei que era novo, que tinha uma loja de pedras preciosas. Novo.

Muda de assunto:

– Esse Trade Center... Será que eu estou filmando?

– Tá, tá.

– Esse também.

– Sempre teve essa... [refiro-me à decoração na fachada]

– Sempre foi assim. Sempre foi assim, desde que criou. O que falta pra gente aqui na realidade é um shopping grande, com cinema, sabe?

– Não tem.

– É o que falta pra nós aqui. E um grande hipermercado, também falta no bairro.

Muda de assunto:

Ikesaki

– Ali é o Ikesaki, que é bem grande e é tradicional também. Cadê? Ah, tem esse caminhão na frente.

Vamos passando.

Muda de assunto:

12) Minikimono
enchourçar

– Nessa loja eu entro também, mas só pra enchourçar.

– Não compra nada?

– Nada. Até já comprei aí um Maneki Neko.

– Ah, sim.

– É, eu gosto. Daruma.

Volta a falar do Ikesaki:

13) Ikesaki
(Rua Galvão
Bueno)
Grande
Tradicional

– Ali é o Ikesaki, né? Que eu te falei, antes de ter aquela [o Ikesaki que fica do outro lado da Praça da Liberdade] eu vinha nessa. Aquela lá é mais...

14) Ikesaki (Av.
da Liberdade)
Mais vazio
Melhor
Mais espaçoso

– O da praça é mais vazio.

– É mais vazio. Melhor. Mais espaçosa. Aqui é muito apertado.

Muda de assunto:

- 15) **Marukai**
Compro sempre
- Aqui é Marukai, onde eu compro sempre.
 - Esse tava na... [lista dos melhores mercados do bairro que a participante havia dito em conversa antes do passeio] É o primeiro do bairro.
 - O primeiro é o Marukai. Tô sempre aí no Marukai.
- Muda de assunto:
- 16) **Stand Mizumoto**
Aí também entro
- Aí também já entro, tem uma lojinha, um tipo de um shoppinho. Ali, Mizumoto Shopping.
 - É, aqui na Liberdade tem bastante lojas desse tipo, né?
 - Tem. A gente chama de galeria, né?
- Muda de assunto:
- 17) **Sogo**
Hoje mesmo vim
- E aqui também é outro shoppinho que é o Sogo. Hoje mesmo eu vim aqui. Comprei um travesseirinho de pescoço. Aqui é o Sogo. Sogo Plaza.
 - Você vem mesmo nessas...
 - Claro, lógico. Eu já conheço todos onde tem preço bom, onde não tem, onde tem caro.
- Muda de assunto:
- 18) **Casa Bueno**
Entro também
- Aqui é outro que eu entro também, né, que eu falei em segundo lugar, que é a Casa Bueno. É semelhante ao Marukai. Às vezes tem alguma coisa lá que não tem aqui. E vice-versa. Então eu vou já nos dois.
- Muda de assunto:
- 19) **Kyoto**
Muito boa
Muita coisa japonesa
- Essa loja aqui também é muito boa, que tem muita coisa japonesa. Essa, Kyoto.
- Muda de assunto:
- 20) **Himeya**
Mais bonita
Mais linda
Artigos japoneses e chineses
- Aqui no bairro a loja mais bonita que existe é essa aqui. Essa é a mais linda.
 - Essa loja aqui, a Himeya.
 - É. Só que não pode filmar.
 - Ah, eles tem o aviso lá.
 - É, não pode filmar, não pode isso. Aqui tudo o que você puder imaginar de decoração, embelezamento, artigos japoneses, chineses, artigos domésticos, utilidade doméstica, tudo, sabe? Olha só, os Maneki Neko, olha que gracinha. Eu amos essas coisinhas. Eu tenho tudo pequenininho em casa.
 - Esse gordinho tá bonitinho.
 - É. Tudo o que você possa imaginar tem aqui.
- Muda de assunto:

21) **Audrey**
Muito boa

– Essa loja também de cosmético é muito boa. A Audrey.

Muda de assunto:

22) **Associação Comercial**
Era a Julian Marcuir
Fechou

– Aqui nós tínhamos uma loja... Nós tínhamos uma loja aqui onde tá aquele azulzinho, aquele toldo. Era a Julian Marcuir, de artigos de couro. Mas fechou. Fechou.

Muda de assunto:

23) **Jardim Oriental**
Só abre em dia de festa
Antigamente não era cercado

– Esse daqui, jardim japonês, ele só abre em dia de festa. Antigamente não era cercado. Não era, mas o povo começou a depredar, aquela coisa toda. Então eles fecham. Só abre quando tem festividade. Aqui tem até uma cascatinha.

– Mas costuma estar ligada essa cascata?

– Tá. Fica ligada. Ela fica ligada. Ali tem um nome ali, tá vendo. O nome do jardim. Que a placa tem até o nome do jardim. Eu não me lembro qual é. É Mizumoto, alguma coisa assim.

– Você já chegou a entrar no jardim?

– Já, entrei.

– Já teve oportunidade?

– Já tive oportunidade. É quando tem festa apenas que eles abrem.

Muda de assunto:

– Agora aqui é Associação Comercial de São Paulo.

Mudando de assunto:

24) **Viaduto Cidade de Osaka**
Camelôs
A gente não tem lugar para passar
Transtorno

– E aqui foi o pedaço que eu te falei, que começa a partir daqui, que começam os camelôs. Aí atrapalha porque a calçada é curta pra gente passar. Inclusive falaram que iam fechar aqui a rua Galvão só pra pedestres. Ficar uma rua só de pedestre, mas até hoje...

– Não foi pra frente.

– É, a CET, sei lá, a prefeitura não fizeram isso. Porque como são ruas... Como é uma rua... Como é um bairro turístico que tem muito pedestre então não tem condição de passar carro. Agora tem esses camelôs, a gente não tem lugar pra passar. É um transtorno.

– Então a ideia era abrir...

– Só pra pedestre. Isso. E outra ideia também era escrever o nome das ruas em japonês.

– Ah, é?

- É. Seria legal, né? Aqui a gente tem o Minhocão. Pra lá zona oeste. Sempre congestionada. E pra cá é a zona leste. Aqui nós estamos no Viaduto Cidade de Osaka. Ali tem outro viaduto também na Rua da Glória. Mas eu passo mais por aqui mesmo. É só essa rua aqui. Lá é quando tem algo pra fazer, que eu vou na CVC, aí vou pegar o busão ali.
- Mas não tem muito costume de pegar a Glória?
- A Rua da Glória, não.
- E a Conselheiro Furtado?
- Só quando tem alguma coisa. Vou a pé para o Parque da Aclimação.
- Aí usa.
- Aí usa a Conselheiro Furtado.

Tomada 3

Na altura da galeria Lotte.

- Ah, esse shoppinho aqui ele fechou. A polícia veio em cima ele fechou. Aí reabriram agora, tudo com nota fiscal, tá tudo legalizado. Aqui é tudo eletrônico. Eu sempre estou entrando aqui também.

25) Lotte
Fechou
Reabriram agora
Enchouricar

Tomada 4

Na frente da galeria Lotte.

- Eu sempre estou entrando aqui também pra enchouricar.
- Enchouricar. É ficar só olhando.
- Eu olho, às vezes compro um par de meias, alguma coisinha assim. Mas a maioria é tudo muita coisa de eletrônico.

Muda de assunto:

- Ali foi o que eu te falei que abriu, loja de calçados, roupa.
- Era farmácia não era?
- Ali... Não, a farmácia era mais pra baixo. Ali não me lembro o que era.
- Essas duas são novas, não é?
- Essas duas são novas. Essa daqui não, já faz um tempinho. Agora essa aqui sim, quando viajei fui para o México, eu te falei, quando eu voltei eu falei “nossa, é só sair daqui já acontece coisa”.

Muda de assunto:

26) Couros Line
Abriu

27) Banco do
Brasil
Aqui era um
shoppinho

- Ah, esqueci também. Tem o Banri Hotel. Então a gente tem.
- Já chegou a entrar nesses hotéis?
- Eu entrei uma vez lá no Palace, no Nikkei Palace. Eu entrei no Nikkei pra fazer pesquisa também.
- Ah, é?
- Esse daqui é o Banco do Brasil. É o que eu uso. É aqui que eu uso.
- Aqui era Nossa Caixa?
- Não. Aqui era outro estabelecimento antes. Aqui era um shoppinho. Depois...
- E o banco Nossa Caixa que você trabalhou era aqui no bairro?
- Não era lá no Hospital do Servidor, a última agência.
- Ah, tá. Mais pra cima.
- Não, lá em Moema. Lá na Avenida do Ibirapuera.
- Ah, não, tava achando... O Servidor não é aqui na Vergueiro.
- Não. Aqui, esse é Servidor Municipal. Aquele lá é Servidor Estadual. Eu trabalhava lá. E olha como é cheio de camelô.

Muda de assunto:

Hospital
Bandeirantes

- Aqui é o hospital Bandeirantes. Esse é o hospital que eu uso. Nas emergências, graças a Deus não tem tantas, mas é nas emergências que eu venho. Aqui no pronto socorro, no hospital Bandeirantes, você pode ver, que é interessante, que tá escrito também em japonês.

Tomada 5

- Tem que estar vermelhinho, né?
- É, acho que deve estar esbarrando às vezes aqui no botão.
- Ah, tá. Mas tem que estar vermelhinho aqui.
- É, isso.
- Então, esse é o hospital aqui que todos os meus médicos... Todos aqui.

Muda de assunto:

28) Tomás
Gonzaga
Rua dos
restaurantes

- Essa rua aqui ficou legal porque também eles abriram aqui... É a rua Tomás... cadê? É a rua Tomás Gonzaga. E eles abriram aqui... Ficou a rua dos restaurantes. Rua dos restaurantes.

**Hospital
Bandeirantes**

- Você vem nos restaurantes daqui?
- Já vim. Já vim um restaurante ali, já. É como eu te falei, às vezes é bom a gente variar um pouquinho. A comida de casa acaba enjoando.

Volta a falar do hospital:

- Aí, o hospital Bandeirantes. Lá, ó, escrito em japonês, né? Já fiquei internada aqui naquele... Já fiquei internada ali bem no primeiro, segundo, de cima pra baixo. Já fiquei internada lá. Internada um dia só.

- Então já conhece o hospital por dentro.

- Já, já conheço.

Anda mais um pouco.

- Não fica tudo tremida a imagem?
- Ah, mas tudo bem. Não tem problema, não.
- Ah, tá.
- Serve como um registro do que a gente conversou.
- Do que a gente tá conversando, né?
- Por onde a gente andou, o que a gente olhou.
- É, exatamente. Eu moro na outra rua.
- Ah, tá chegando, né?
- Tá. E minha academia é do lado esquerdo. Dois minutinhos da minha casa. Que ótimo.
- Aqui na Barão de Iguape?

**29) Hospital
Bandeirantes**
Escrito em
japonês
Parte velha
Parte nova
Preservaram a
frente

- Não, na São Joaquim. Aqui nesse hospital Bandeirantes, antigamente esse prédio, ele era... Essa fachada era toda assim. Eles mantiveram, tá vendo?

- Só a fachada, né?

- Mantiveram a fachada. É uma preservação do patrimônio histórico também. Tá vendo?

- Aquela parte é nova então?

- Aquela parte é velha. Essa parte que é nova. Essa de azul. Essa que tem azul é a parte nova. Aí eles preservaram a arquitetura da frente. Esse é meu hospital. Deixa eu ver aqui. Fazer um close da rua Galvão Bueno.

Muda de assunto:

30) Kaisen
Sempre entro lá

- Ali na Kaisen Alimentos, também eu sempre entro lá. Aliás, eu entro em todas. Quando a minha irmã vem aqui, ela gosta de encheirar em todas. Aí pronto. Aí danou-se. Essa rua ela vai até o final. Essa é a Galvão Bueno. Lá em cima, bem lonjão, lá

no fim é a Tamandaré. Ali já termina o bairro da Liberdade e já começa a Aclimação. Lá no final.

– Lá no fundão.

– Lá no fundão, esquina com a Tamandaré. Aqui a gente pode virar na Barão de Iguape.

Tomada 6

– [Aqui eu também venho] pra enchourigar. Porque mulher, já viu, se falar queima e liquidação, a mulherada abre os olhos.

Muda de assunto:

– Esse prédio aqui tem uma história.

– Qual deles?

– Aquele ali, ó.

– Aquele que tem uma carcaça lá.

– Aquele da carcaça que tá ali. Ele já teve pendendo pra frente. Tudo foi interditado. Já faz mais de vinte anos. Tá interditado.

– Mas o que tinha antes?

– Era um prédio. Era pra ser construído um prédio de apartamentos.

– Ah, não chegou a ficar pronto.

– Não, tá desse jeito há mais de vinte anos.

– Ah, verdade, os andares de cima não tem.

– Isso. Foi interditado e tá aí. Conseguiram colocá-lo em posição reta. Não sei como. Porque ele tava pendendo, caindo. Então imagina o desastre que seria.

– Ele ia cair no hospital.

– Ia cair todinho. Exatamente.

Novo assunto:

– Ali na esquina tem a Alta Veículos também. Que há muitos anos tem essa concessionária da Volks aqui.

– Ah, tá. Na Rua da Glória.

– Na Rua da Glória com a Barão de Iguape, aqui, que nós estamos. Tem várias lojas aqui.

Outro assunto:

– Aquela loja de oratório também. Ela já tem... Desde que eu me conheço por gente que ela tá ali.

– Antiga.

– Oratórios japoneses. É bem antiga também. Deve ter uns 50 anos já.

31) Prédio
Interditado faz
mais de 20 anos

32) Alta Veículos
Há muitos anos

33) Daibutsudo
Oratórios japo-
neses
Bem antiga
Deve ter uns 50
anos

Muda de assunto:

– E aqui também, deixa eu ver... Aqui é a Barão de Iguape, a gente pode subir por aqui. Podemos subir e mostrar um pouquinho da Avenida da Liberdade. Ali o teatro e tal.

Refere-se ao Teatro Fecap, do qual havia falado antes do passeio

Tomada 7

Ao invés de subir até a Avenida da Liberdade, pensou em mostrar a vila onde mora.

– Precisa mostrar não, né?

– Fica por sua opção. Se tiver alguma coisa. Quer mostrar alguma coisa lá?

– Ah, seria bom a gente mostrar a vila, né? Seria ótimo. Sabe aonde eu vou depois? Eu ainda vou no Shopping Pompéia, comprar um sapato para o meu sobrinho. Eu só vi lá.

– São 16h00.

– É, 16h00. Já não tá na sua hora?

– Não, não. A gente pode fazer a caminhada até a vila.

– É, podemos. Eu não tô gravando nada. Apaguei.

– Ah, não, tudo bem. Tá gravando sim.

– Eu tô gravando, não acredito.

– Não, mas tudo bem. Tem fita.

34) Restaurante
Okinawa
Novo

– Ai, gente. Ah, esse restaurante que eu te falei.

– Que é novo, né?

– É, que é novo.

Muda de assunto:

– Aqui, oratório, esse daqui que é antiquíssimo.

Retorna ao assunto anterior:

– Ó, o restaurante Okinawa que eu falei. Eles devem estar já se programando pra abrir, pra inaugurar logo.

– É, né?

35) Imobiliária
Kosen
Antiga
Enchouriçar

– Aqui também é antigo. Kosen também, essa imobiliária também é antiga. Eu sempre dou uma enchourrada ali.

– Ah, é, no quadrinho lá?

– No quadrinho, quando vinha... Quando tava procurando apartamento e casa pra comprar.

– Foi aqui o corretor da vila, lá?

– Não. Foi tudo coincidência ali. Nem eu morando aqui no bairro sabia que tinha essa vila. Aí, por

coincidência descia a rua Fagundes, coisa que eu nunca descia. Aí eu falei, “nossa tem vila aqui”. Fui entrando, entrando, entrando. Aí vi plaquinha, “vende-se”. Aí comecei a entrar em entendimento com o telefone que tinha ali.

– Ah, foi direto com o proprietário.

– Foi direto com o proprietário.

Muda de assunto:

– Aqui também é uma minigaleria. Maruyama. Aqui tem esse senhorzinho que faz a leitura da mão. Tá sempre aí.

– Já consultou ele?

– Não, porque tem que estar com as unhas sem nada, sem esmalte.

– Mas já teve vontade?

– Já tive vontade. Ele parece que é um sábio.

– Ah, é? É bom?

– É. Ele parece. Tem muita fila ali. Eu vejo fila de gente.

Muda de assunto:

– Aqui também é antiga essa Murasan Comércio. Também antiga aqui no bairro, tradicional.

Outro assunto:

– Lá no fundo também aquela peixaria é tradicional.

– E o salmão, também compra aqui na peixaria ou só lá?

– Não, só lá.

– Mas aqui não é bom?

– Mas ali tá pronto já. Por R\$ 22,60 o quilo, prontinho.

– Aqui é galeria, a Kanazawa. Aí onde eu compro de vez em quando um pastelzinho aqui. Tá vendo ali pastel de feira?

– Na entrada?

– É muito bom.

– É bom?

– É bom, bom.

Muda de assunto:

– E lá atrás tem a loteria pra onde eu venho... Eu não jogo na loteria, mas eu carrego meu bilhete único. Já de conhecido o dono.

Outro assunto:

– Esse prédio também é novo, esse aqui.

36) Galeria
Maruyama
Leitura da mão
Muita fila

37) Murasan
Antiga
Tradicional

38) Peixaria
Tradicional

39) Galeria
Kanazawa
Pastel muito bom
Loteria

40) Edifício
Pacific

Retomo conversa
tratada antes do
passeio sobre um
restaurante lá na
Praça da Liberdade
com preço bom

40) Edifício
Pacific
Comercial
Novo

- Mas é prédio residencial ou comercial?
- Comercial. Prédio comercial. A gente conhece todas as pedrinhas do caminho. Faz muitos anos.

Novo assunto:

41) Villa Clau-
dina
Muquifo

- Onde você falou que tinha a vilinha é ali, né?
- É.
- Exatamente. Mas você vê, muquifo, né?
- Bem mais simples.
- Nossa. É, sem dúvida. Exatamente.

Outro assunto:

42) Imobiliária
Okada&Oshiro
Antiga

- Essa Okada, ela também se juntou com a Koga. É Okada & Koga.
- Ah, é?
- Agora já até saiu... Porque tá Okada & Oshiro. Também antiga aqui imobiliária. Nós temos essa, a outra e uma ali na Rua da Glória, aqui no bairro.
- Já usou os serviços de alguma delas?
- Só perguntando pros amigos, que às vezes quer saber.
- Como é o termo que você usa?
- Enchouricando.
- Enchouricando. Só enchouricando.

43) Loja de
pedras
Mais em conta
Japoneses

- Só enchouricando. Essa loja aqui, nem sei o nome. Mas é a loja mais em conta que tem pra você comprar pedras.
- Ah, de pedras?
- Pedras. Essa loja aqui de azulzinho... de toldo cinza. Ela é de japoneses.

Muda de assunto:

44) Nikkei
Palace
Já entrei

- Ali onde eu te falei, o Nikkei. O Nikkei Hotel. Já entrei aí pra fazer pesquisa de turismo.
- Entrevistando os funcionários ou os hóspedes?
- Era pra entrevistar funcionários, mas pessoas de mais alta graduação. Realmente eu tive [incompreensível].

Outro assunto:

- Aqui é um anexo do Hospital Bandeirantes.
- Ah é?
- É. Eu acho interessante também que você pode colocar aqui reciclagem de óleo. Tá vendo, ó?
- Mas tem atendimento aqui também?
- Não, aqui é somente deles. Eles atendem pessoas que são encaminhadas pelo SUS. Vem aqui antes pra

depois ir lá para o hospital. Aqui é pra pegar guia.
Aqui é um anexo do hospital.

Volta ao assunto:

- E aqui é legal porque tem essa reciclagem de óleo.
Pra você trazer o óleo.
- Difícil encontrar.
- Difícil. De óleo é difícil. Lá na Praça da Liberdade tem de lixo agora. Ficou muito bom. Eu levo meu lixo reciclado lá pra reciclar.
- Tem coleta seletiva aqui no bairro?
- Aqui nós tínhamos. Tirou. Disse que acabou o convênio com a empresa. Então acabou tirando, o que é uma pena, porque era supercômodo pra gente. Agora tem que levar lá na Praça da Liberdade.

Rota de
reciclagem

Novo assunto:

45) **Restaurante
Galvão Bueno**
Bem antigo
Bonzinho

- Esse restaurante aqui também é bem antigo. Ui, deu um close aqui, sem querer. Como que foi? Ah, tá. Esse restaurante Galvão Bueno é bem antigo também. É bonzinho.
- Tem alguma especialidade?
- Eles têm de tudo. Tá vendo ali, ó. Serve comida japonesa, tal e tal.

Outro assunto:

46) **Galeria da
Rua Galvão
Bueno 450**
Tinha vários
comércios
Fechou tudo
Atalho para vila

- Essa galeria aqui...
- Olha, fechada.
- Essa galeria aqui... Vamos cortar caminho aqui. Essa galeria, ela tinha vários comércios. Aqui tinha um bar. Tradicional esse bar aqui, sabe? Fechou as portas. É uma pena.
- Fechou tudo aqui?
- Fechou tudo porque diz que foi comprado por um grupo coreano.
- Coreano?
- Coreano não, chinês. Desculpa.
- Aí vai virar outra galeria, será?
- Possivelmente, né? Uma mini Pajé, alguma coisa assim. Nossa vizinha tava falando. Aqui tinha cabeleireiro.
- Lotérica.
- Tinha lotérica. A lotérica foi pra lá, que eu te mostrei. Aqui tinha mercearia.
- O mesmo senhor que lia as mãos ele fazia aqui, né?

**46) Galeria da
Rua Galvão
Bueno, 450**

- Ele ficava ali, isso. Ah, você sabe. Você tá sabendo de tudo, né? Tinha aqui uma livraria.
- Mas fechou recente as coisas aqui? Eu não tinha reparado.
- Foi fechando aos poucos desde o ano passado. Desde o ano passado fechou. Esse daí é o zelador.
- Ah, dá direto na vila.
- Isso, a gente corta caminho. Aí fechou, falei, “ai, caramba, por que fechou?”
- Era o corta caminho? Você usa aqui?
- Ah, todo mundo, né? Todo mundo, a gente faz atalho. Aqui tinha a costureira também. Aqui tinha um restaurante. Aqui era cabeleireira. Aí fechou. Eles tinham fechado mesmo. Abriram faz... Hoje é o terceiro dia que estão reabrindo.
- Ah, não dava nem pra passar.
- Não, fecharam mesmo.

Muda de assunto:

– E aqui é a rua que nós chegamos, rua Fagundes. Lá em cima tem a FMU. Aqui que é a minha rua, José Ferreira da Rocha. José Ferreira da Rocha, rua sem saída. Oi! Meu vizinho. Esse é meu vizinho. Ele jura de pé junto que é japonês.

– E não é?

– É. [ri]

– Você acha que não é?

– Não, é. É que ele fala tão atrapalhado. Eu falei, “você sabe falar português?”. “Ah, eu falar um pouco”. Puxa vida, viu? Então aqui é minha vila, uma rua particular, José Ferreira da Rocha. Essas casas, elas têm mais de 80 anos. Esse José Ferreira da Rocha era dono de tudo isso. Naquela época se construía casas pra operários. Então são todas geminadas.

**47) Vila José
Ferreira da
Rocha
Mais de 80 anos**

ANEXO O

Transcrição do passeio filmado com Sílvia

Tomada 1

- Pode apertar o vermelhinho.
- Eu apertei. Tá.
- Aí a gente vai pra onde primeiro?
- Vamos... Então vamos mostrar onde tinha Teatro São Paulo. Pode ser?
- Ahã. Tá bom. Vamos. Aí você deixa apontado para o caminho.
- Ah, é assim.
- É, é melhor.
- Acho melhor você segurar. Eu vou falando.
- Você vai falando? [ri]
- É, eu vou falando. Melhor, né? [ri] De repente eu faço besteira.
- Não, não. Mas não se preocupa, não.
- Não, não.

Passa a câmera pra mim.

- Esses prédios aqui... Esse prédio já tinha, viu?
- Atravessamos a rua.
- Eu vou te mostrar... Logo aí embaixo tem um clube chamado Lega Itálica.
- Ah, sim.
- Lá tinha muito baile de nisseis.
- Tinha baile lá?
- É. Ainda tem lá. Vamos ver?
- Ahã. Ainda tem baile ou...
- Às vezes em quando estão fazendo baile. Mas ainda tem, aquele prédio ainda tem.
- Ah, legal. E você foi já lá na Lega Itálica?
- Já. Naquela época já tinha... Tinha carnaval de nikkeis também.
- Ah, é. Com os italianos ou...
- Não, não. Tudo era nikkeis.
- Ah, tá.
- Acho que alugava esse salão embaixo.
- Ahã, eles alugavam.
- Então tinha esses bailes de carnaval de nikkeis. A gente ia pular. [ri] A minha filha fala. “Mãe, você é japonesa diferente” [ri].
- Por que pulava baile?

O que tinha

Antigos bailes
japoneses

- Não. Ela diz que eu sou diferente. Acho que pessoas, issei assim, não ia muito no baile, né?
- Ah, tá, entendi.
- Como eu vivi no meio dos nisseis, então foi acostumando.
- Já era mais próxima do jeito dos nisseis.
- É, é.

Antigos bailes
japoneses

Próximo do 1º. DP.

1) 1º. D.P.
Esse prédio já
tinha
Não era da polícia
Não era amarelo

- Esse prédio já tinha, mas não era da polícia, não.
- Ah, esse amarelo aqui?
- É, mas não era assim amarelo também, não.
- Também não era amarelo.

2) Trecho da
Radial
Aqui tinha Teatro
São Paulo

- Olha, aqui, bem aqui onde está passando avenida embaixo, tinha Teatro São Paulo.
- Ah, tá, no lugar da Radial.
- Isso. Aqui tinha Teatro São Paulo.

Muda de assunto:

3) Praça
Almeida Júnior
Aqui tinha jardim
da infância
Era cercado

- Aqui do lado tinha jardim da infância. Tipo assim... É.
- Já tinha essa área verde aqui?
- Tinha, tinha. Esse pedacinho aqui tinha jardim da infância.
- Era um parquinho pra criança?
- Não, era mais tipo... Não é creche. Mas assim, que ficava com as crianças. Esse pedacinho aqui, né?
- Ahã.
- Lá embaixo tem o clube Lega Itália. Lá, aquela esquina.

Logo adiante.

- Por aqui. Aqui embaixo. Esse aqui, começa Rua São Paulo, só tinha nikkei, japonês. Mas por aqui era tudo, tudo, tudo era nihonjin mesmo. Aqui no Conselheiro Furtado só tinha nihonjin também. Era bairro japonês. Hoje não.
- Hoje é o que?
- Hoje é Chinatown.
- Chinatown? [ri]
- Não vai falar isso. [ri]
- Não, mas já começa a se falar mesmo, né, que veio... começa a vim bastante chinês para o bairro.
- Muito, muito, muito.
- Comerciante também chinês.
- Não tem mais nihonjin. Só acho que Ikesaki-san.

Antes era bairro
japonês
Hoje é China-
town

4) **Lega Itálica**
Tinha muito baile
de nisseis
Todo domingo
tem karaokê-
dance de japonês

- Hum, sim.
- É, aqui, ó. Esse aqui, ó, Lega Itálica. Ah, tem karaokê-dance aí. Todo domingo tem karaokê-dance de japonês, nikkeis, olha lá. Deixa eu ver, deixa eu ver. Vamos dar uma espiada aí. Ó lá, tá vendo aí.
- Ah, sim.
- Vamos filmar?
- Não sei se pode.
- Não sei, vamos ver.
- Pergunta pra moça se pode.

**Praça Almeida
Júnior**

Tomada 2

- Mas aqui tinha jardim da infância. Cercava aqui.
- Ah, era cercado.
- É, era cercado. Ó lá, Lega Itálica, aí.
- E agora pra onde a gente vai?
- Vamos mais pra lá então.
- Pra lá? Tá.
- Vamos.

Mais adiante.

- Galvão Bueno mudou muito.
- Mudou?
- Mudou, mudou bastante.
- Mas o que mudou?
- Os prédios também... Não tem quase nada.

O que não tinha

Pausa.

- Esse prédio da esquina já tinha. Esse apartamento também. Esses dois já tinha.
- Esse espelhado ou...
- Não, esse daqui da esquina que tem três janelas. Onde tem farol, aí do lado não tem aquele prédio, aquele lá já tinha.

O que tinha

Seguimos.

5) **Hotel Glória**
Não tinha na
minha época

- Esse Hotel Glória não, não tinha.
- Esse vermelho, né?
- Não, não tinha. Na minha época, né? Morava por aqui.
- Então não tinha tanto prédio antes?
- Não, não tinha mesmo. Imagina esse daí [refere-se ao prédio espelhado], não tinha mesmo. Tudo era... Por aqui tinha casa tudo.
- Era mais casa então.

O que não tinha

6) Área verde na lateral da Radial

Aqui do lado tinha uma ruazinha pra subir pra Galvão

– Esse lado, bem aqui, esse avenidão, aqui que tinha Teatro São Paulo.

Mais próximo do viaduto.

– A gente subia... Eu trabalhava na Galvão Bueno. Aqui do lado tinha uma ruazinha pra subir pra Galvão.

– É onde tem essas árvores?

– Essas árvores, é.

– Tinha um caminho?

– Tinha.

– Então aqui era plano? Não tinha esse buraco aqui embaixo?

– Não, não tinha. Cavoucaram tudo.

– Cavaram tudo.

– Cavaram tudo.

Muda de assunto:

– Olha, acho que esse seringueira, acho que já tinha, hein?

– É? Aí fazia uma sombrinha então no caminho.

– Mas não era tão grande assim, né? Pequeninha ainda, né?

– Agora é que cresceu.

– Esses prédios não tinha.

– Não tinha?

– Não. Esse prédio é do Nikkei Shinbun, jornal japonês. Aonde tá escrito CVC, tem uma entradinha aí, é do... Tem Jornal Nikkei nesse prédio. Que antes esse não era Jornal Nikkei. Era Nippak Shinbun e tinha outro, Paulista, que tinha lá embaixo perto do Glicério. Depois juntaram os dois e vieram pra cá.

– Ah, tá. Dá pra ler lá.

– Olha, tá escrito Nippak. Nesse prédio tem muito agência de dekassegui. Você sabe o que é dekassegui?

– Sei.

– Tem muito japonês nesse prédio. Alugado, né?

Muda de assunto:

– Por aqui também, olha, mudou muito.

Outro assunto:

– Ah, esse prédio da esquina já tinha. Esse apartamento aí.

Mais adiante.

O que não tinha

O que tinha

O que não tinha

7) Condomínio Diário Nippak

Prédio do Nikkei Shinbun

Antes não era Jornal Nikkei, era Nippak Shinbun

Nesse prédio tem muito agência de dekassegui

O que não tinha

O que tinha

8) Edifício Rian

Esse prédio já
tinha
Aqui embaixo
tem bar agora
Ouvi falar que
esse prédio era
hospital

– Aqui, onde eu trabalho, esse prédio já tinha. A entrada é aqui. Eu trabalho nesse daqui.

– Ah, esse Rian?

– Isso, Rian, né? Já tinha, viu? Aqui embaixo tem bar agora. Eu ouvi falar que esse prédio era hospital. Eu não lembro. Onde eu trabalho, diz que era hospital, mas eu não tô lembrada.

Na esquina.

9) Damásio

Hoje não é mais
Colégio São José
Agora acho que é
da faculdade de
direito

– Aqui, esse aqui é Colégio São José, que hoje não é mais.

– Não é mais.

– Não. Muito tempo tinha, esse colégio funcionava. Agora acho que é da faculdade de direito. Vamos subir pra Galvão então?

– Vamos.

– Você quer ir pra Rua da Glória ou não?

– Ah, não. O roteiro você é que escolhe.

– Ah, mas não tem?

– Não. Agora, o que a gente pode mostrar então?

– Deixa ver o que a gente pode mostrar...

Atravessando a faixa.

– Esse pedaço não mudou muito, viu?

– Ah, é? A Glória não mudou muito?

– Essa Glória do comecinho não mudou muito. Os prédios... Porque tinha aqui o Colégio São José, né, então aquele pedacinho não mudou muito, não.

– Ah, tá, manteve.

– Manteve. Tem alguns prédios antigos já continua aí.

Seguimos.

– Vamos então. Vamos subindo aqui. Olha, quase não sobrou nada. Esse prédio antigo continua. E o resto acho que não... Quer dizer, existiam esses prédios, mas mudou muito fachada.

– Hum, ah, tá.

– Porque aqui só tinha umas lojinhas japonesas por aqui, né? Mas aí mudou bastante. Agora hoje tudo é chinês. Aqui tem muito chinês.

– Muito chinês?

– Muito, muito. Todas essas lojas, dono é chinês. Só que tem do chinês do continente e o do Formosa, que é Taiwan. Que nem aqui, é do Taiwan.

– Aqui é Taiwan?

O que tinha

Antes só lojas
japonesas
Hoje tudo chinês

10) Bakery
Itiriki
Escrito até em japonês “pan ya”
Dono de Formosa
Falava japonês

- É, mas só vende produto japonês. [ri]
- Como é que é?
- Só vende produto japonês. Igual Marukai, que tem lá... Aqui tem uma que chama Padaria Itiriki, eles são do Formosa também, que é mesmo dono do Itiriki, do Marukai.
- Mostrando o letreiro.
- Tá escrito até em japonês “pan ya”.
- Ah, é, tá escrito em japonês.
- Tá escrito em japonês “pan ya”. O dono daqui, ele é de Formosa. Ele faleceu, mas ele falava japonês.
- Ah, tá.
- Porque Taiwan numa época foi domínio japonês. Então eles falavam... tinham assim um [incompreensível]. Eles frequentavam do japonês, então falavam japonês.
- Pausa.
- Aqui na praça, o que tem... Aquela igreja tem. Você quer ir ver lá aquela igreja?
- Vamos.
- Pra passar hoje é meio difícil, hein?
- É, tem a feira, né?
- É.

No meio do caminho.

11) Prédios na Praça da Liberdade
Por aqui tinha restaurante Hibari
Fachada mudou tudo

- Por aqui tinha também restaurante chamado Hibari. Esse aqui não mudou muito, não. Esses prédios aqui não mudaram. Quer dizer, aqui embaixo fachada mudou tudo. Fizeram...
- Mais a frente, né?
- Frente, é, frente mudou.

Próximo à igreja.

12) Igreja dos Enforcados
Tem desde a minha juventude
Vinha de domingo na missa
Às vezes passo segunda-feira

- Acho que pra filmar é melhor vir pra cá. Olha, essa igreja tinha desde a minha juventude. Eu vinha de domingo na missa.
- Ah, vinha na missa aí?
- Vinha na missa de domingo.
- Ainda vem pra ela de vez em quando?
- Às vezes. Eu passo segunda-feira porque eles falam que segunda-feira... Não sei se dia de alma [incompreensível] dos escravos. Porque aqui tinha muito escravo e executava eles aqui.
- Na praça.

Igreja dos Enforcados

– Na praça. Então tem muita gente... Eles falam que essa aqui é a Igreja dos Enforcados. E parece que segunda-feira é dia da alma deles, então eu venho acender a vela.

– Ah, tá, que tem as velinhas. O cantinho das velas.

– É. Eu fui batizada... Eu tinha 19 anos. Quando trabalhava na Mizumoto, a dona... Que a filha da dona estuda no pontifício... a PUC. Ela queria que queria batizar eu, de qualquer forma. Aí eu tive que fazer curso de catequese.

– Comunhão?

– Comunhão eu não cheguei a fazer. Mas eu aprendi tudo, fui batizada lá no... Como chama? É Moema lá... São Judas.

– São Judas, ah, tá.

– Batizei lá.

– Batizou lá.

13) Praça da Liberdade
Mudou muito
Nem tinha metrô

– Esse daqui já tinha. Aqui parque mudou muito, muito, muito. É, nem tinha metrô, né?

– O que mudou?

– Aquele prédio da esquina tinha.

– Onde é o Ikesaki agora?

– Ikesaki agora.

Aponta para a Praça Carlos Gomes

14) Praça Carlos Gomes
Lá tinha Cine Joia

– Indo novo pra lá tinha Cine Joia.

– Ah, tá.

– Você sabe, né, aquele praça?

– Ah, pra lá.

15) Tunibra
Agora está pra cá
Era do outro lado
Era um lugar pequeno

– Pra cá que tinha Cine Niterói, a gente vai lá depois. Ah, agora a Tunibra está pra cá [aponta pra outra calçada]. Tunibra era do lado de cá [a calçada em que estamos]. Era um lugar pequeno... Esses prédios não tinha nada. Nada, nada.

Seguimos pela Avenida da Liberdade.

– Aquelas casinhas naquelas cores, tinha já.

– Aqui seguindo a... [Praça Carlos Gomes]

– Isso, é.

Mais adiante.

16) McDonald's
Fizeram estilo japonês, mas não era nada disso

– É, eles fizeram, tipo estilo japonês, tudo aqui, né? McDonald's também. Mas não era nada disso, não. Então, aquele prédio do McDonald's... Era aquela da... Tunibra era lá.

– Ah, esse aqui do...

O que tinha

O que tinha

– Isso, aquele que tem faixa, assim, marrom. Bem do lado do McDonald's. Lá embaixo tinha Tunibra.

– Era Tunibra.

– É, mudou pra cá agora [do outro lado da calçada].

Pausa.

– Pertinho do João Mendes. Você quer ir lá no João Mendes? Andaria? Pode ser?

– Tá, vamos lá, vamos lá.

– Daijoubu?

– Ahã, daijoubu.

– Meio longinho, hein? Tem que andar.

– Tudo bem.

– A sua mãe também conhece bem por aqui.

– Ahã.

Continuamos pela Avenida da Liberdade.

– Era aqui, ó, Tunibra.

– Humm.

– Essas casas já tinha, viu?

– Essa verdinha?

– Tinha. A verdinha já tinha. Essas casinhas assim tudo tinha.

O que tinha

– Mas aí era pensão?

– Não, era... Tinha loja, tinha escritório também.

Mais adiante.

– Então você conhece essa parte do... [um homem faz graça diante da câmera] Ai meu Deus!

– O povo gosta de aparecer.

– Já pensou?

Seguimos.

– Esse prédio, que eu trabalhei, Micropropaganda, já tinha.

– Ah, tá.

– Trabalhei no sexto andar, acho que uns três anos aqui. Entrada é aqui, né?

– Ah, tá.

– Então, aquelas casas já tinha. Bem antigo, né, você viu?

– Humm.

– Essas casas aí. Não tá cansado?

– Não, não.

– Não? Daijoubu?

– Daijoubu. A Senhora está cansada?

– Não.

O que tinha

17) Edifício
João Mendes
Esse prédio já
tinha
Trabalhei no
sexto andar

- Ah, então vamos.
- A gente volta pra onde tinha Cine Niterói, tá bom?
- Tá bom.

Seguimos

- E o bonde passava aqui?
- Aqui. Eu vou te mostrar onde era o inicial. Então daqui passava um que ia direto pra Jabaquara. O outro descia aqui Rua da Glória pra ir pra Sacomã. Aguardando para atravessar a rua.

– Aquele prédio da esquina já tinha. Esse tinha já também.

– Esse de tijolinho?

– Tijolinho já tinha também. Aquele da esquina também. Já antigo.

Muda de assunto.

– Esse aqui é novo. Fórum. Só tinha lá da frente.

– Mudou bastante o bairro então?

– Bastante. Mudou bastante.

– E o bairro hoje o que a Senhora acha?

– Nossa, ficou ruim.

– Ficou ruim?

– Eu acho.

– O que ficou ruim?

– Não é que a gente tem discriminação, mas veio muito, assim, migração, né? Tem muitos bolivianos também. Eu acho que estão irregular, não sei. Então onde tem um comércio eles vêm, né? E principalmente entrou muito chinês, muito. E não tem mais... Você vê que no cine... Eles estão falando que Nikkei Palace, que tem o hotel em Galvão Bueno, parece que tá em venda pra chinês.

– Ah, vai vender?

– Parece. Então Seu Ikesaki, ele é um dos pioneiros aqui, ele lamenta, fala: “Meu Deus, não é mais bairro japonês”. Nós que construímos bairro, mas hoje não é mais.

– Hoje tá mais para o chinês.

– Só tem chinês, só. Mas o que vai fazer, né? Não tem jeito, né?

– Vai mudando mesmo.

– Bom, esse catedral sempre em pé. Essas casinhas já tinha também.

– Ah, sabe que eu não tinha reparado?

O que tinha

O que não tinha

18) Nikkei Palace

Parece que tá em venda pra chinês (boato)

Tem muitos bolivianos
Entrou muito chinês
Não é mais bairro japonês

O que tinha

19) **Praça João Mendes**
Aqui era terminal do bonde

- Não tinha reparado?
- Passava aqui, mas não olhava. Que as casinhas tem um jeitinho mesmo antigo, né?
- Aqui era terminal, viu? Do bonde.
- Ah, o bonde era aqui?
- O bonde era aqui. Só que não tinha essas casas, não. Hoje aqui só tem a floricultura. Mas inicial era daqui.
- Saía daqui?
- Saía daqui, ó.
- Esse era o que ia pra... Sacomã?
- Jabaquara.
- Ah, Jabaquara.
- E tanto como do Sacomã. Os dois saíam aqui. Aqui era plataforma, a gente esperava trem aqui, o bondinho, né? Esse aqui tinha, aquela lá também tinha, aqueles prédios. Por aqui conservaram, viu?
- É, então, esse da Saraiva.
- É, conservaram.
- Jeitinho meio português, né?
- Aquele prédio da esquina também, esse aqui, né?
- Também continuou. Eles mantiveram. E esse aqui é a Santa Tereza [padaria tradicional na Pça João Mendes]. Vamos dar uma entrada onde tem foto. Eu vou te mostrar.
- Tá, aí eu vou desligar a câmera aqui.

O que tinha

20) **Santa Tereza**
Padaria decorada com fotos antigas da cidade

- Tomada 2
- Você tem algum lugar específico que você queira ver?
 - Não, não. É pra conhecer mesmo o bairro pelos seus olhos.
 - Ah, tá, com os meus olhos.
 - O seu gosto.
 - Aqueles elétrico, já tinha, viu? Naquela época já corria.
 - Já tinha elétrico?
 - Trólebus, é. Descia a Conselheiro Furtado e ia até Ipiranga. Que vai pra Aclimação também. Lá tinha já naquela época.
 - Seguia essa linha mesmo que passava por aqui. Porque não passava aqui, né? [em referência à Avenida da Liberdade]

O que tinha

- Não, não. Aqui passava bonde.
- Só o bonde.
- Tinha ônibus, mas mais era bonde que passava. É que não aumentou tanto a população como hoje, né? Era cidade limpa, sabe? Mais tranquilo. Não tinha perigo. A gente ia no baile. A gente ia tudo a pé. Porque não tinha condução assim tanto.
- Não era igual hoje. Também não é todo mundo que tinha carro, né?
- Não. Naquela época era o auge do cinema também. A gente ia muito na Av. São João. Tem a Av. Ipiranga, tinha um monte de cinema. A gente ia daqui a pé. Mas sempre de grupinho, sabe?
- E podia ser à noite mesmo?
- Podia ser à noite. Voltava de noite, não tinha perigo nenhum, sabe? Apesar de que sempre ia rapaziada também. A gente ia muito. A gente ia a pé até São João. Voltava a pé.
- Ia tranquilo.
- Tranquilo. Hoje não. Hoje já tem que tomar muito cuidado, qualquer lugar, né?
- Mas pra lá era cinema ainda normal, né?
- Cinema americano.
- Não era só japonês?
- Não, japonês era só aqui. Av. São João tinha muito cinema americano. A gente ia muito no cinema também. Programação era baile, cinema. A gente assistia muito filme americano. E às vezes em quando esses clubes faziam piquenique.
- Piquenique, ah, é? E ia pra onde?
- Ia pra Santos.
- Legal.
- Às vezes ia praquele Pico do Jaraguá. E assim... A gente andava assim.
- Que gostoso.
- É, fazia muito. Hoje fala excursão. Mas a nossa época era piquenique. Tinha muito.
- Mas esses clubes não eram os kenjinkais, né? Era outra coisa?
- Não, esse era clube, como eu falei pra você, que tinha Gecebs, Paratodos, Piratininga. Eles formavam...
- Clubes jovens?

Cinemas
Bailes
Piquenique
Clubes de jovens

– Clubes jovens assim. Faziam piquenique. A gente ia junto.

– Divertido.

– Quer dizer, eu acho que nossa juventude... Eu aproveitei bastante, eu acho. Porque tinha muita diversão. E não tinha perigo nenhum também. Então era diferente. Hoje acho que tem divertimento, de acordo com a juventude de hoje.

– Outro tipo de diversão.

– Outro tipo. Quer dizer, naquela época não tinha computador. Não tinha nada disso. Hoje as coisas facilitaram bastante, tudo.

– O que ficou mais fácil?

– Acho que hoje é mais fácil... Mesmo pra criar filhos... Você tá gravando tudo isso?

Risos.

– Acho que sua mãe... Não sei se... Quando criou vocês... Não sei se sua mãe chegou a usar fralda de pano.

– Acho que sim.

– Usou. Porque não tinha descartável.

– Não tinha, né?

– Essas coisas facilitaram muito.

– Ah, sim. Ah, daqui dá pra ver a igreja inteira.

– Isso, é.

Mais adiante.

– E no lugar do metrô, o que tinha?

– Aqui tinha praça só.

– Só praça mesmo?

– Aqui na Liberdade? É.

– E São Joaquim, o metrô lá tinha alguma coisa no lugar?

– Não, só tinha casas. São Joaquim também só tinha as casas.

Passamos ao lado de um grupo conversando.

– A gente só se ouve falando chinês.

– Hum, era chinês?

– É.

– Mas também falam que tem coreano aqui.

– Coreano não. Eles instalaram mais lá no Bom Retiro.

– Bom Retiro. Não tá mais aqui, né?

– Pouco. Pouca gente. Aqui é mais chinês.

Vozes chinesas

21) Casas Bahia
e Subway
Tudo novo
Não tinha nada
disso

- Chinês?
- Mais chinês. Vamos atravessar aqui.
- Pegar outra calçada.
- Outra calçada.
- Mais adiante.
- Essas lojas é tudo novo.
- Casas Bahia?
- É, Casas Bahia. Não tinha nada disso. Esse daqui, Subway, também não tinha.
- E essa feira, a Senhora vai na feira?
- Não. Quase não. Essa feira?
- É, essa de domingo.
- Não, às vezes eu venho comprar um docinho aí, dorayaki.
- Ah.
- Porque eu gosto, né? Vem comprar aqui.
- Mas esse então não é um programa que você faça.
- Não, não. Ontem eu fui pra Shopping Plaza Sul com minha amiga. Fui comprar um presente pra minha neta lá de Joinville.
- Ah, legal.
- Ela vai fazer dois anos agora no dia 11. Aí fui comprar o presente. Você quer passar na Galvão ou aqui mesmo pra ver onde tinha Cine Niterói?
- Ah, vamos no Niterói então.
- Tá, daqui pode ser?
- Ahã, vamos.
- Só que entrada era na Galvão Bueno.
- Na Galvão? Ah, tá. Não, então... Qual é melhor?
- Você que sabe. Só que tá cheio de gente lá. Tem um monte de ambulante. Lá dá pra filmar também. Você quer ir lá? Pode ser?
- Pode ser.
- Vamos lá então.
- Porque aqui na Liberdade tem alguma coisa?
- Não, não tem nada.
- Ah, então tá.
- Adiante.
- Andar domingo aqui é difícil, viu?
- É difícil, né?
- Nossa.
- Fica o dobro de gente, né?

Movimento na
Praça da
Liberdade

- Dobro de gente. A gente não consegue andar direito. Então domingo eu evito vir pra cá. Porque a semana inteira eu trabalho aqui, né?
- Aí no fim de semana então vai pra outro bairro.
- Eu fico em casa ou vou pra outro lugar. Ah, pra andar é difícil aqui.
- É, já tá cheio.

Na Galvão.

22) **Segredo dos Doces**
Aqui tinha farmácia japonesa

- Por aqui tinha tudo loja japonesa. Do outro lado onde tá o shopping tinha uma loja chamada... Até esqueci. Ah, aqui tinha farmácia japonesa.
- No lugar do doce.
- Doce, é? Tinha uma farmácia japonesa. Por aqui só tinha loja japonesa.
- Isso começou a mudar quando mais ou menos?
- Acho que últimos 15 anos foi mais a mudança radical.
- Foi mais rápido.

23) **Kyoto**
Esse prédio já tinha
Chamava Naniwa

24) **Mizumoto**
Esse também tinha
Eu trabalhei aqui

- Esse prédio já tinha, viu?
- Qual deles, o Kyoto?
- Aquele verde
- Ah, o verde.
- Janela verde. Já tinha. Esse também tinha. Onde estava escrito Kyoto era Mizumoto. Ah, não, aqui que era Mizumoto. Tá escrito ainda Mizumoto. Aqui era Mizumoto, eu trabalhei aqui. Aqui do lado não era nem Kyoto. Chamava Naniwa
- Naniwa?
- Depois mudou para o nome Kyoto. Mas esses prédios já tinha.
- E eles já eram comerciais ou era residencial?
- É, comercial. Não, aqui em cima morava pessoa.
- Ah, em cima morava?
- É.

Adiante.

25) **Rua Galvão Bueno, 48**
Aqui tinha loja chamada Chá Flora
Era de japonês

- Aqui tinha uma loja chamada Chá Flora, que era do japonês.
- Chá Flora?
- É, Chá Flora.
- Era só de chá mesmo?
- Não, vendia um monte de coisa também.
- Ah, também de presente.

**26) Rua Galvão
Bueno, 63**

Aqui embaixo
tinha loja de lã
chamada Fuji

– Presentes também. Aqui era tudo de nihonjin, tudo. Tinha uma aqui embaixo que tinha uma loja de lã, chama Fuji também. Nesse prédio, aqui embaixo. Hoje não tem mais.

– Mudou tudo.

– Aqui fizeram esse daqui do associação, que chama ACAL, do japonês, lojista do... Era Associação de Lojistas da Liberdade. Mas hoje não é mais de japonês.

– Ah, não, ACAL não é mais japonês?

– Não, ACAL é. Mas lojista maioria aqui é chinês.

– Ah, entendi.

– Continua, viu? Continua porque eles têm evento... Evento do ACAL... Acho que três eventos grandes ainda ACAL que faz. Tem acho que dia 8 de abril, aquele de Buda. Não sei se você conhece a história de Buda?

– Não.

– Sidarta, não conhece?

– Ah, do Sidarta.

– Ele é do dia 8 de abril. Então eles comemoram aqui na Praça da Liberdade. Que vêm os monges celebrar. Esse daí já tá como evento da cidade. Depois tem do Tanabata, que é julho. E o final do ano, aquele Motitsuki também.

– Mas o Motitsuki faz aqui no jardim ou na praça?

– Lá na praça.

– Na praça que eles amassam o arroz.

– Faz lá na praça, vem o governador, vem...

– Ah, que eu não sabia. Eu achava que na direção [da ACAL] ainda era nihonjin.

– Nihonjin, é.

– A ACAL é?

– A direção é porque hoje presidente dessa ACAL é Ikesaki san.

– Ah, tá. Mas quem...

– O funcionário é tudo nihonjin.

– Ah, tá.

– É aqui que tinha Cine Niterói. Esse buracão aqui. Aqui, justamente aqui.

– De que lado que era o Niterói?

– Aqui, entrava aqui.

– Ah, entrava aqui onde a gente está.

Presença chinesa

27) ACAL

Japonês
Era Associação
de Lojistas da
Liberdade
(antigo nome da
associação)
Funcionário é
tudo nihonjin

**28) Viaduto
Cidade de Osaka**

Aqui tinha Cine
Niterói

29) Associação
Comercial
Mudou a
fachada, mas já
tinha

– É. A entrada era aqui. E aqui que tinha a ruazinha que eu falei, que era caminho.

– A entradinha?

– É. Esse daí, Associação Comercial, já tinha também. Mudou a fachada, mas já tinha.

– Mas esse não era nikkei? Era nikkei?

– Não.

– Era da cidade mesmo?

– É.

Pausa.

– Aqui mudou tudo. Mudou. O resto mudou tudo. Deixa eu ver se tem mais alguma coisa. Você quer ir ver mais alguma coisa?

– É, o que a gente pode ver?

– Então vamos descer a Galvão Bueno?

– Vamos.

Ainda no viaduto.

Viaduto Cidade
de Osaka
Aqui tinha tudo
casa
Tem muito
boliviano aqui

– Aqui tinha tudo casa, viu?

– Era casa aqui?

– Era casa.

Seguimos no viaduto.

– Tem muito boliviano aqui.

– Mudou também os...

– Mudou o perfil da cidade, do bairro. Mudou muito.

Na altura do *torii*.

30) Torii
A ACAL fez

– A ACAL que fez esse pórtico aí.

– Ah, o *torii*.

Ainda na Galvão, passando a Américo.

31) Banco do
Brasil
Era a Univertur

– Olha, esse Banco do Brasil era a Univertur.

– Ah, tá, a primeira agência que a senhora trabalhou.

– Esse prédio era do japonês. Prédio chama Edifício Yendo. Não sei se ainda é do Endo san. Pode ser.

32) Edifício
Yendo
Aqui era de
japonês
Não sei se ainda
é do Endo san

Aqui era agência grande do Univertur.

Passamos por um grupo conversando.

– Só tá ouvindo chinês.

– Esse é chinês?

– Só ouvindo chinês.

Próximo à esquina da Galvão com Tomás.

33) Azussa
Essa loja tinha
Fechada hoje

– Essa loja tinha. Ah, tá fechada hoje. Aqui tinha muito loja de presentes. Porque como vinha muito japonês do Japão, então levava presente, tipo pedra do Brasil, esse tipo de coisa.

– Ah, aqui tem uma loja de pedra, né?

Vozes chinesas

34) **Shopping Trade Center**
Também tinha loja de pedras chamada Kashiya

- Aqui tem. Então, aqui tinha. Lá onde eu mostrei que era farmácia, do lado também tinha.
 - Também tinha pedra.
 - Kashiya, né, que chamava. Tinha bastante lá.
- Aponta para a Rua Tomás Gonzaga.

35) **Espaço Kazu**
Loja Okubo
Também vendia pedras preciosas

- Inclusive aqui onde tem hoje restaurante Espaço Kazu, que tá escrito, não sei se você já veio... Tá lá, aquele Espaço Kazu. Lá tinha um que chamava, acho que Loja Okubo, se não me engano. Também vendia pedras preciosas. E vinha muito grupo do Japão e na hora de ir embora comprava um monte.
 - Mas qual é a ligação do japonês com as pedras? Tem algum sentido?
 - Não, não tem ligação. Mais, você sabe, pedras preciosas, comprar no Japão é caro, né?
 - Ah, tá, porque aqui era mais em conta.
 - É, que nem o topázio e essas coisas, comprar no Japão é mais caro. Então era um dos presentes favoritos.
 - Uma lembrancinha?
 - É.
- Logo adiante.
- Esse prédio antigo já tinha também.
 - Do restaurante?
 - Só que mudaram. Colocaram essa pastinha aqui.
- Aproximando da esquina da Galvão com Barão.

36) **Hospital Bandeirantes**
Só tinha aquela parte (onde há o letreiro)
Deixaram essa parte da fachada
Não sei o que era

- Eu não estou bem lembrada aqui o que era, viu? Olha, hoje Hospital Bandeirantes, mas eles deixaram essa fachada, não sei o que era. Acho que pra não derrubar tudo, deixou essa parte de fachada, aí eles deixaram.
- Essa mais antiga.
- Esse Hospital Bandeirantes, a minha filha nasceu aqui nesse hospital. Já tinha.
- Ah, é?
- É. Eu lembro que eu vim visitar aí.
- Mas ele não era tão grande assim o hospital?
- Não. Só tinha aquela parte. Aquela fachada também foi mudada.

Na esquina.

- Aqui também só tinha japonês. Esse Barão de Iguape também. Aqui só tinha japonês também.
- Atravessamos a rua.

– Esse prédio já tinha.
 – Esse tinha.
 – É, agora acho melhor ir do outro lado pra filmar, né?
 – É, pode ser.
 – Esse é antigo, bem antigo.
 – O que ele era?
 – Era residencial.
 – Residencial também.
 – Era residencial. Ainda é, né?
 Seguimos pela Galvão.
 – O restante é tudo novo, prédio novo. Só essas casinhas assim, que já tinha. É, aquele lá também tinha, aquele verdinho. Era tudo residencial.
 Ainda na Galvão.

O que tinha

37) Edifício
 Pacific
 Novo
 Dono chinês

– Esses prédios, tudo novo. Esse daí um chinês que construiu.
 – Ah, é, chinês?
 – É, comercial, mas eles que... O dono é chinês.
 – E essas informações todas, como você fica sabendo?
 – Ah, essas informações, a gente vive aqui, sempre tem alguém que conta e fica sabendo.
 – Mas a senhora não frequenta a ACAL lá?
 – Eu trabalhei sete meses lá na ACAL.
 – Ah, trabalhou na ACAL.
 – Trabalhei na ACAL porque Ikesaki san queria que ajudasse, então eu pra ajudar... Mas eu... Não era comigo, não.
 – Era muito trabalho?
 – É diferente da agência. Completamente diferente. Tinha reunião de diretoria, à noite. Assim, ah, eu não queria, não.

Em frente ao Nikkei Palace.

Nikkei Palace

– Aqui Nikkei Palace.
 – Que talvez o chinês esteja comprando.
 – Talvez. É um boato. É uma pena, né?

Muda de assunto

38) Galeria
 (Rua Galvão
 Bueno, 450)
 Só tinha
 nihonjin
 Chinês comprou

– Aqui também tinha essa galeria, só tinha nihonjin alugando, mas chinês comprou. Saíram todo mundo. Essa galeria.
 – Ah, essa galeria.
 – Aqui tem restaurante, chama Bueno.

39) Aska
Japonês

- Aponta para o Aska
- Aquele lá que é do Aska, é de japonês.

40) Restaurante
Galvão Bueno
Coreano
Yakiniku

- Aponta para o Restaurante Galvão Bueno
- Aqui é do coreano, yakiniku, esse é de coreano.
- Restaurante aqui na Liberdade...
- Tem bastante japonês ainda.
- Mas que você frequenta... Você costuma ir?
- Eu vou muito almoço lá no Kazu.
- Ah, lá, nesse Kazu novo.
- Lá no novo também. Ontem eu almocei lá com minha amiga.
- Ah, sim.
- Agora, como a gente trabalha lá, então a gente ganha vale, né, vale-refeição. Aí eu como lá no Itiriki. Às vezes lá no Sogo, às vezes no brasileiro que tem na avenida, na Liberdade, chama Terraço. Lá é mais barato.
- É, não dá pra ir. O Kazu é mais caro.
- É, então. Kazu é mais caro porque... Mesmo o Sogo, né, que chama... Aquele em cima do shopping.
- Do shopping, da galeria.
- É mais caro também, né? Ah, aquele dentro do Shopping Sogo... Tem um que chama Mezanino, que é do brasileiro também... Não sobe com elevador.
- Pela escada rolante?
- Do lado do elevador tem uma escadinha. Então em cima tem. Não é grande, mas também brasileiro, que é mais barato.

Na altura da Fagundes.

41) Bunka
Não era come
esse prédio
Era uma casinha
e no fundo tinha
escola japonesa,
que chamava
Taishou
Shogakou

- Você sabe que a associação já tinha. Não era como esse prédio.
- O Bunka?
- O Bunka. Quando era bem... Quando eu vim para o Brasil e vem parar na Liberdade. Não era prédio ainda. Era uma casinha e no fundo tinha escola japonesa. E muita gente, pessoal que morava aqui no São Paulo, frequentava essa escola japonês.
- Era infantil só?
- Infantil. Chamava Taishou Shogakou.
- Shoga...

Bunka

- Taishou, chamava Taishou Shogakou. Então, lá no fundinho. Depois fizeram esse prédio. Não sei quanto tempo tem, não. Há um bom tempo também.
- Você trabalhou também no Bunka?
- Não, não. No Bunka, não. Porque ainda nihonjin... [trecho incompreensível]

Pausa.

- Ah, esse prédio tinha.
- Esse prédio tinha?
- Agora tem que acho que filmar do outro lado.
- Do outro lado? Vamos lá.
- Esse da esquina tinha, viu. Da esquina e esse tinha. Aquela lá também, continua.
- Esses prédios mais baixinhos então já tinha?
- Isso, tinha. Esses três já tinha. Aquele lá da esquina também.

O que tinha

Aponta para as lanternas *suzurantou*

42) **Suzurantou**
Não tinha nada disso
ACAL fez junto com Prefeitura

- Só que naquela época não tinha essas lampadinhas aí. Não tinha nada disso.
 - Ah, a lâmpada?
 - É, esses daí. Esses daqui fizeram. A ACAL que fez junto com a Prefeitura. Mas isso daí é bem depois.
 - Esse também é inspiração japonesa?
 - É.
 - Mas isso... No Japão tem essas lâmpadas assim?
 - Tem. Onde tem aquelas lojinhas assim concentrado tem esse.
 - Então copiou essa ideia.
 - Copiou, é. Aquele *torii*, como esses daí, é de lá.
- Subindo a São Joaquim.

43) **Museu Manabu Mabe**
Esse é antigo
Era escola
Maioria dos filhos dos nikkeis estudava tudo aqui

- Ah, eu vou te mostrar aquele prédio lá. Era a escola... Como é que chamava? Escola Roosevelt? Eu sei que só tinha nihonjin. É grupo aqui. Hoje tá como... Não sei se vai fazer museu do Manabu Mabe.
- Ah, do Manabu Mabe?
- É. Esse é antigo.
- Aí era escola.
- Já tinha, era escola. Maioria dos filhos dos nikkeis estudava tudo aqui.
- Ah, era aqui do bairro mesmo.
- Bastante. Maioria. Todos quase. Nikkei estudou aqui.

- Ah, então esse daqui, Colégio Roosevelt.
- É. Acho que era Roosevelt que chamava. Eu não me lembro direito. Acho que sua mãe sabe. Tá escrito alguma coisa?
- É, tá escrito... “Antigo Colégio Campos Salles”.
- Ah, Campos Salles. É, isso mesmo. Ah, Roosevelt fica lá embaixo, Rua Pires da Mota. Fica lá embaixo. Isso mesmo, Campos Salles. Muito, muito nikkei já estudou aqui.

Seguimos pela São Joaquim.

- A gente vai passar agora numa ruazinha aí que tem uma casa cheia de... Tinha monte de pensão japonesa. Ainda. Acho que ainda tem algumas.

Pausa.

- Acho que mais ou menos isso, né, bairro da Liberdade. Quer dizer, bairro da Liberdade tem Tamandaré ainda também.

- Tem muita coisa.

- Se quiser ir, vamos lá.

- É que tá acabando a fita aqui.

Risos.

- Então você só rodou por aqui mesmo.